



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CULTURAS
POPULARES**

JÉSSIKA SILVA ALVES

**OLHARES SOBRE A FESTA POPULAR DE FREI DAMIÃO: CONSTRUÇÃO
DA MEMÓRIA E IDENTIDADES EM CANAFÍSTULA/AL**

Área de Concentração: Culturas Populares

Linha de Pesquisa: Culturas Populares: Política, Memória e Identidades

São Cristóvão/SE

Julho de 2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CULTURAS
POPULARES**

JÉSSIKA SILVA ALVES

**OLHARES SOBRE A FESTA POPULAR DE FREI DAMIÃO: CONSTRUÇÃO
DA MEMÓRIA E IDENTIDADES EM CANAFÍSTULA/AL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares (PPGCULT) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre tendo como Orientador Professor Doutor Denio Santos Azevedo

Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos; São Cristóvão – SE.

Julho de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CULTURAS
POPULARES

FOLHA DE APROVAÇÃO

OLHARES SOBRE A FESTA POPULAR DE FREI DAMIÃO: CONSTRUÇÃO
DA MEMÓRIA E IDENTIDADES EM CANAFÍSTULA/AL

Jéssika Silva Alves

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação
Interdisciplinar em Culturas Populares da Universidade Federal de Sergipe –
UFS, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de
Mestre

Examinada por:

Presidente, Prof. Doutor Denio Santos Azevedo –PPGCULT/ UFS

Profa. Doutora Rosana Eduardo da Silva Leal- PPGCULT/UFS

Prof. Doutor Christian Jean Marie Boudou – PPGEIO/UFS

Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos; São Cristóvão – SE.

Julho de 2019

Agradecimentos

A vida é percorrida por uma longa estrada, em alguns momentos seguimos livres em linha reta, em outros momentos, encontramos curvas e encruzilhadas, caminhos de difícil acesso, e até abismos, mais nunca estamos sozinhos, sempre existe alguém que faz do nosso caminho mais alegre, que nos ajuda quando estamos perdidos e nos orientam quando não sabemos por qual direção seguir, quando estamos entediados sempre nos chamam para uma aventura. Assim como na estrada na vida existe caminhos longos e curtos e uma hora a estrada termina e começa outra e assim vamos na longa jornada da vida.

É o momento de agradecer a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que esse sonho fosse possível, na minha estrada encontrei muitos amigos, que apoiaram e incentivaram na minha caminhada, também encontrei caminhos difíceis, cheios de buracos como a rua de lá de casa, que me fizeram desanimar, errar e tropeçar, mais nunca parar de acreditar e seguir em frente. Quando chegava no fim de uma estrada vibrava pelo recomeço de outra. Agradeço Sempre a Deus pois sem ele nada seria possível e em segundo minha mãe Josefa Maria da Silva que sempre fez o possível para me ver feliz. A minha irmã Thayná por sempre acreditar em mim. Em outro Plano espiritual, ao meu avô Manoel Esperidião da Silva por ter contribuído para que me tornasse quem sou, a meu Tio Francisco Evaristo dos Santos, pela acolhida quando mais precisei, sei que onde estiverem estão felizes e orgulhosos por mim.

Agradeço aos meus amigos queridos da Graduação na Universidade Estadual de Alagoas, no qual compartilhei momentos únicos e inesquecíveis, Edja Dias, John Igor, Jonisson Santana. Agradeço a Professora Angela Leite, pelo incentivo na pesquisa acadêmica, abrindo a um mundo de possibilidades, ao professor Esmeraldo Victor Cavalcante Guimarães, pelo incentivo para a construção desse projeto.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-graduação em Culturas Populares, Primeiro pela Coragem, iniciativa e ousadia em começar um programa novo e que gera bastante discussões no meio científico, segundo pela determinação e comprometimento com o programa, sempre solícitos e atenciosos nas aulas, o que passou segurança, conteúdo e organização para os

discentes. A professora Alexandra Gouveia Dumas, Marcia Barbosa Da Costa Guimaraes, Neila Dourado Goncalves Maciel, Clovis Carvalho Britto, Rosana Eduardo Da Silva Leal e em especial meu Orientador Professor Denio Santos Azevedo, primeiro por ter aceitado a orientação, depois pela paciência, e por todos os momentos que estava nervosa e com sua orientação consegui manter calma. Por suas muitas contribuições na aula de teoria da Cultura e por sua dedicação.

Agradeço aos meus colegas de turma do mestrado, que sem dúvida os levarei para toda a vida, Meu querido Eduardo pelo carinho, mansidão e cavalheirismo, meu amigo Jeamerson dos Santos pelos conselhos, observações e contribuições para essa pesquisa, por dividir o brigadeiro pra eu não engordar tanto, e por compartilhar horas na biblioteca, A minha querida Flavia Santana Santos pela doçura e por transmitir tranquilidade, a querida Tayara Barreto de Souza Celestino pelo seu sorriso e companheirismo, o querido Jean Costa Souza pelos momentos de apoio, Agradeço a Aline Serzedello Neves Vilaca já é um presente ter te conhecido, muito simpática e inteligente com vários dons artísticos e por trazer novas reflexões. Em especial ao meu amigo Jonathan Rodrigues Silva, o maravilhoso, por todo apoio e ajuda que foi de fundamental importância em momentos difíceis. Agradeço a instituição Universidade Federal de Sergipe e todos os funcionários, agradeço a todas as pessoas que ajudaram nas entrevistas e nos questionários.

Resumo

As festas populares retratam a materialização de relações socioculturais estabelecidas ao longo dos anos. Estas são complexas e estabelecem relações de poder, memórias, símbolos identitários, esquecimentos, disputas, dentre outros. A pesquisa em questão traz reflexões sobre a Festa em homenagem a Frei Damião, que ocorre há mais de 35 anos no Distrito de Canafístula. O mesmo é pertencente ao Município de Palmeira dos Índios no Estado de Alagoas. Esse estudo se propõe a discutir as culturas populares como processo dinâmico e transformador das sociedades contemporâneas. O objetivo central da pesquisa é analisar como esta festa popular é utilizada como recurso identitário que demarca a diferença entre os habitantes de Canafístula e os habitantes de Palmeira dos Índios. Para tal, esta pesquisa buscará entender o contexto histórico da festa e sua influência na formação do Distrito. Através desse contexto, compreender como a Festa influencia na construção da identidade e diferença do Distrito em relação ao município de Palmeira dos Índios ao qual pertence. Durante o trabalho também pretende-se identificar as múltiplas expressões simbólicas na festa apresentada pelos visitantes como os cânticos, as formas gestuais e as promessas. Além de fazer uma análise dos discursos de emancipação Política que utilizam a Festa como um recurso para o desenvolvimento econômico, e de forma geral abordar como ocorre os diferentes usos do território. A análise de cunho fenomenológico, pautada na abordagem qualitativa, privilegiou a pesquisa de campo e fontes documentais observadas a partir da análise de conteúdo. As entrevistas e questionários, aplicados durante o processo etnográfico, com observações direta participativa, auxiliaram no entendimento sobre o cotidiano da festa. A memória dos entrevistados, fiéis, moradores e organizadores foi utilizada para contextualizar historicamente a festa e entender a sua dinâmica. Identificamos que a festa é dinâmica e provoca diferentes usos do território, produtora de memórias e com forte ligação no processo de identidade do Distrito, além de ser vista e transmitida de diferentes formas e interesses.

Palavras – Chave: Culturas Populares; Festas Populares; Memória; Identidades; Canafístula/AL

Abstract

The popular festivals portray the materialization of sociocultural relations established over the years. These are complex and establish relations of power, remembrances, symbols of identity, forgetfulness, disputes, among others. The research in question brings reflections on the Feast in honor of Frei Damião, which takes place more than 35 years in the District of Canafístula. The same is owned by the Municipality of Palmeira dos Índios in the State of Alagoas. This study aims to discuss popular cultures as a dynamic and transformative process of contemporary societies. The main objective of the research is to analyze how this popular festival is used as a resource that identifies the difference between the inhabitants of Canafístula and the inhabitants of Palmeira dos Índios. or this, this research will seek to understand the historical context of the party and its influence in the formation of the District. Through this context, understand how the Party influences the construction of the identity and difference of the District in relation to the municipality of Palmeira dos Índios to which it belongs. During the work also intends to identify the multiple symbolic expressions in the party presented by the visitors as the songs, the gestural forms and the promises. In addition to making an analysis of political emancipation speeches that use the Festa as a resource for economic development, and in general to address how the different uses of the territory occurs. The phenomenological analysis, based on the qualitative approach, focused on the field research and documentary sources observed from the content analysis. The interviews and questionnaires, applied during the ethnographic process, with direct participatory observations, helped to understand the daily life of the party. The memory of the interviewees, faithful, residents and organizers was used to contextualize the party historically and understand its dynamics. We identified that the party is dynamic and causes different uses of the territory, producer of memories and with strong connection in the process of identity of the District, besides being seen and transmitted of different forms and interests.

Key words: Popular Cultures; Popular parties; Memory; Identities; Canafístula / AL

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I- CAMINHOS METODOLÓGICOS E A OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA.....16

1.1- A Etnografia da Festa.....28

1.2- Memórias e Diálogos: O Contexto Histórico da Festa.....26

1.3- Entre Rituais, a Vivência na Festa.....44

CAPÍTULO II- ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA, OLHARES TEÓRICOS, REFLEXÕES E DIRECIONAMENTOS.....55

CAPÍTULO III- DIMENSÕES DE ANÁLISES.....72

3.1 Dimensão Cultural.....72

3.1.2 Manifestações da Cultura Popular na Festa.....75

3.2. Dimensão Econômica.....76

3.3 Dimensão Política.....81

CAPÍTULO IV: OS BASTIDORES DA FESTA; DIFERENTES INTERPRETAÇÕES.....97

4.1- Dificuldades da Pesquisa no Campo e o Dinamismo da Festa.....97

4.2- Identidade e Diferença como um Recurso Estratégico.....102

5 - Considerações Finais.....107

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....111

APÊNDICES.....115

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -Cartaz de Apresentação do Distrito de Canafístula.....	35
Figura 02 - Estátua em Homenagem a Frei Damião na entrada do Distrito de Canafístula.....	40
Figura 03 - Elementos Simbólicos.....	42
Figura 04 - Fonte de Frei Damião.....	44
Figura 05 - Fila para a estátua de Frei Damião.....	47
Figura 06 - Ritual da Procissão.....	50
Figura 07 - Food Truck.....	53
Figura 08 : Variedades de produtos comercializados na feira.....	77
Figura 09 - Lembrancinhas do Frei Damião comercializadas na feira.....	78
Figura 10 - Diferentes oportunidades de ganhos.....	80
Figura 11 - Pedido dos moradores para a emancipação Política de Canafístula em 1993.....	84
Figura 12 - Projeto de Decreto Legislativo nº 10 que define os limites territoriais do futuro município de Canafístula de Frei Damião em 1995.....	86
Figura 13 - Página do Faceboock Emancipação de Canafístula de Frei Damião.....	88
Figura 14 - Opinião em uma rede social.....	89
Figura 15 - Opinião 02 em uma rede social.....	91
Figura 16 : Presença das autoridades políticas na Festa.....	93
Figura 17 : Comentários sobre a primeira festa de 2019 na rede social da comunidade	99
Figura 18 : Celebração da missa principal de Frei Damião na Igreja Nossa senhora, do Rosário.....	100
Figura 19 : Fiéis assistindo à celebração da missa de Frei Damião do lado externo da igreja Nossa senhora, do Rosário.....	101
Figura 20 : Banheiros químicos no espaço da Festa.....	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 01- Desenvolvimento do processo etnográfico.....	22
Tabela 02- Utilização das etapas do processo de análise de conteúdo segundo Laurence Bardin (2016)	26
Tabela 03- Ficha de análise de conteúdo n: 05.....	73
Tabela 04- Ficha de análise de conteúdo n: 07.....	91
Tabela 05- Ficha de análise de conteúdo n: 01.....	92
Tabela 06- Ficha de análise de conteúdo n: 06.....	94

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Localização de Canafístula de Frei Damião- Palmeira dos Índios/ Alagoas, 2019.....	30
Mapa 02 - Organização Territorial do Distrito durante a Festa.....	34
Mapa 03 - Espaço Central da Festa.....	41

INTRODUÇÃO

São diversas as oportunidades no meio acadêmico de estudar sobre o que realmente é do nosso interesse, sobre algo que faça sentido para a nossa história enquanto indivíduos pensantes, dotados de sentimentos e capazes de viver as maiores e inimagináveis aventuras e sentimentos. Quantas vezes esses sentimentos são recolhidos e levados a um estado de esquecimento, sufocados entre o que não deve e o que precisa ser feito. Quantas vezes nossas curiosidades e dúvidas ficam sem respostas em meio a um profundo silêncio de significados que não nos diz absolutamente nada. Poder se debruçar em algo que realmente é significativo, que faz parte da vivência é um privilégio.

Essa pesquisa surge da curiosidade e da necessidade em responder alguns questionamentos gerados a partir das experiências que estavam sendo vivenciadas enquanto indivíduo em formação. O fato de não morar no lugar, não interfere no fato de pertencer. Frequentar essa Festa que fez e faz parte da história de vida da pesquisadora se tornou uma tradição familiar que era vivenciada com muito entusiasmo, e porque não falar que influenciou na formação identitária, não só como referência cultural, mas também como uma oportunidade de compartilhar momentos. Por estar acompanhada da família, a ida a Canafístula era muito esperada. Sempre como uma forma de sociabilidade e união entre os meus, mas também com a comunidade. Quantas vezes escutei de meu avô, que ele vinha de Pernambuco em uma cidade chamada Logrador dos Leões, a pé até Canafístula, participar das festas, dos sermões de Frei Damião. Por isso esse estudo se torna tão significativo para quem pesquisa.

Ao entrar na Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL, no curso de Geografia, com o passar dos anos passei a frequentar a Festa com um olhar diferenciado, ainda com proximidade, pois fazia parte da minha realidade, mas ao mesmo tempo com um olhar curioso e inquietante. Posso dizer mais abrangente. Começo a enxergar não apenas a minha frente, mas para os lados, e com isso perceber coisas que pareciam não estar ali, mas que na verdade apenas ganhou novos significados, uma redescoberta. Esse olhar mais crítico já influenciado pela academia levou a refletir sobre alguns questionamentos.

Precisa-se fazer uma justificativa, talvez não para os leitores, mas para quem escreve, o fato de ser uma estudante moldada em um conservadorismo acadêmico dentro dos limites da geografia, ou que achava que a geografia precisa ter limites rígidos, que teve pouco contato com os estudos sobre Cultura, inclusive com a Geografia Cultural e humanística, que as novas leituras demonstraram também a complexidade dos estudos geográficos.

Escrever sobre uma festa religiosa, com um olhar mais interpretativo cultural, abordando categorias tão divergentes das até então estudadas na geografia tradicional, foi um grande desafio. Busquei em alguns autores essa justificativa, não uma tentativa de validar ou de legitimar a hipótese, mas o uso de novos óculos para um objeto tão próximo. E assim fomos em busca das relações entre uma festa popular, a memória e os usos da identidade cultural em um distrito do Estado de Alagoas.

O Distrito de Canafístula pertence ao município de Palmeira dos Índios, localizado no agreste Alagoano, a 149 km da Capital Maceió e 52, 7 km da cidade de Arapiraca. Esta, que territorialmente é considerada a segunda maior cidade de Alagoas. A Festa surgiu no Distrito aproximadamente em 1983, com a construção da Associação Beneficente de Frei Damião (ABFD), idealizada pelo ex-Deputado Federal, o senhor Antônio Ferreira. Porém, a convivência com o Frei foi bem anterior, já que a primeira missão religiosa realizada no Estado de Alagoas pelo religioso foi em 1936, já em Canafístula.

A Festa só começa anos mais tarde, após o falecimento do Frei. Atualmente, ocorre duas vezes ao ano. No primeiro domingo de junho, para lembrar a data de falecimento do homenageado, e no primeiro domingo de novembro para comemorar o aniversário do Frei.

Essa pesquisa tem como objeto de estudo a Festa religiosa em Homenagem a Frei Damião que ocorre todos os anos desde de abril de 1983, tendo como proposta um recorte temporal dos últimos três anos de (2017, 2018 e 2019), período determinado pela aprovação e prazo de defesa da dissertação de mestrado. Pretende-se com este estudo analisar como a festa é utilizada como recurso identitário que demarca a diferença entre os habitantes de Canafístula e os habitantes de Palmeira dos Índios. Para tal, esta pesquisa busca

entender o contexto histórico da festa e sua influência na formação do Distrito. Através desse contexto, compreender como a Festa influencia na construção da identidade e diferença do Distrito em relação ao município de Palmeira dos Índios ao qual pertence. Durante o trabalho também pretende-se identificar as múltiplas expressões simbólicas na festa apresentada pelos visitantes como os cânticos, as formas gestuais e as promessas. Além de fazer uma análise dos discursos de emancipação Política que utilizam a Festa como um recurso para o desenvolvimento econômico, e de forma geral abordar como ocorre os diferentes usos do território.

A Festa aqui será entendida como uma representatividade responsável pela valorização do Distrito de Canafístula, enquanto um espaço físico que busca uma diferenciação do município de Palmeira dos Índios/Alagoas, a qual faz parte. Diante desta afirmativa surge um questionamento central: como a festa é utilizada como recurso identitário que demarca a diferença entre os habitantes de Canafístula e os habitantes de Palmeira dos Índios? Como forma de delimitação e objetividade pretende-se fazer uma análise a partir de três dimensões da festa: política, econômica e sociocultural.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos. No primeiro capítulo pretende-se demonstrar o percurso metodológico, onde serão apresentados os caminhos da pesquisa, bem como abordando o processo etnográfico, fazendo uma discussão teórica do mesmo. Para isso foram abordados teóricos que ajudassem a pensar esse caminho, apontando para possibilidades de organização metodológica, como: Caragnato (2006); Geertz (1997); Macedo (2015); Magnani (2002); Minayo (2007); Peirano (2014); necessários para se pensar os métodos e forma de organização, também levando em consideração as experiências do pesquisador. Logo, nessa primeira parte do trabalho, pretende-se demonstrar o contexto histórico da festa, suas principais características, bem como o desenvolvimento do processo etnográfico

No segundo Capítulo, apresentamos uma discussão teórica, com autores que deram o embasamento teórico necessário e onde foi estabelecido um diálogo com diferentes pesquisadores. Este se encontra dividido em dois momentos: na primeira parte, pretende-se discutir as categorias geográficas, com contribuição dos autores como Correia (2000); Yi-Fu Tuan (2013);

Rosendhal (1996; 2013); Souza (2000; 2013) e Raffestin (1996). Aqui foram discutidos os conceitos de território e espaço geográfico, no âmbito da Geografia Cultural. Na segunda parte, serão abordadas as categorias culturais, tais como: culturas populares, identidade, memória, religiosidade e festas populares. Para esse aporte teórico foram utilizados os autores: Arantes (2010); Amaral (2002); Ayala (2006); Castells (2010); Passos (2002); Perez (2002); Schwartzman (1997); Silva (2006); Wagner e Mikesuel (2007).

No terceiro capítulo será um espaço destinado as dimensões de análises e discussões do objeto em questão. Na dimensão cultural, foram abordadas algumas características sobre o espaço da festa e suas manifestações populares, simbólicas e identitárias. A segunda dimensão é a econômica, onde foram analisadas as relações entre a festa e o desenvolvimento econômico. Por fim, a dimensão política que por se apresentar em um contexto mais forte, revela várias narrativas sobre a identidade e diferença entre os territórios aqui pesquisados a partir da festa popular de Frei Damião de Canafístula.

No quarto capítulo, marcado pelo olhar de quem pesquisa, trata-se de um capítulo interpretativo, onde a percepção e a sensibilidade da autora se colocam na centralidade. Intitulado de “Os bastidores da festa: diferentes interpretações”, são esses múltiplos olhares que possibilitam compreender no cenário estudado a ligação entre as categorias memória e identidade, apontando para as mudanças e permanências no espaço da festa. Além de relatar as principais dificuldades para realização da pesquisa de campo. Outra proposta desse capítulo é demonstrar a dinamicidade da festa, bem como a identidade e diferença como um recurso estratégico para a construção da identidade de Canafístula e com objetivos políticos que se concretizam nas diferentes ações percebidas antes, durante e depois da festa aqui pesquisada.

CAPÍTULO I

CAMINHOS METODOLÓGICOS E A OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA

O planejamento metodológico é de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa, mas se tratando das ciências sociais e humanas e dos estudos culturais onde a interpretação dos fatos vai depender do olhar do pesquisador, nem sempre é possível desenvolver uma metodologia objetiva e enquadrada para ir ao campo como se fosse um manual que deve ser seguido pontualmente. Muitas vezes as pesquisas são mais desconstruídas que construídas durante a ida ao campo, onde a realidade pode parecer bem diversa, desafiadora e com outros tempos, além do tempo estabelecido pelo pesquisador. Então como pensar a metodologia de forma que atenda às necessidades da pesquisa?

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade) (MINAYO, 2007, p. 14).

Como aponta Minayo (2007), o pensar metodológico se dá por diferentes maneiras, não só pelo fazer, pela adequação, e por buscar a cientificidade mas precisa ser pensado como teoria que vai auxiliar a pesquisa em campo, como um conhecimento que também vai sendo construído antes e durante a pesquisa. Também é preciso levar em conta as experiências, sentimentos, criatividade do pesquisador que pode desenvolver diferentes olhares e perspectivas. Para isso a metodologia não pode ser rígida e inexorável, mas sim flexível e que se transforme com as necessidades durante a pesquisa de campo.

Por se tratar de um estudo que remete as práticas de culturas populares e religiosidade popular pretende-se desenvolver um olhar Fenomenológico, já que o objeto dessa pesquisa é uma festa que é descrita a partir das relações do sujeito/objeto e de seus pontos de vistas e suas experiências. Não se pretende estudar o território da festa apenas pelo viés conceitual e político, mas levando em consideração todas as ligações e manifestações presentes, como um campo de significados, simbolismo e experiência que os agentes trocam com os objetos

espaciais e entre outros sujeitos. Dentre os procedimentos metodológicos adotados, com o propósito de melhor organizar as informações obtidas, pretende-se pensar a pesquisa de forma qualitativa.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos (MINAYO, 2007, p. 21).

Os estudos culturais não são exclusividade de um único campo científico, sendo que o mesmo possibilita várias formas de interpretação sobre diferentes contextos sociais, políticos e econômicos. Entender o contexto cultural, sobretudo as culturas populares, e enxergar nos vários entrecruzamentos, no vasto labirinto das relações sociais um complexo e dinâmico campo de estudo, não é uma tarefa fácil. Este trabalho pretende refletir sobre as culturas populares por diferentes vieses, religioso, simbólico e sociocultural, traçando assim um caminho interdisciplinar e multirreferencial, utilizando tanto das teorias produzidas no campo dos estudos Antropológicos, quanto das teorias produzidas no campo da Geografia Cultural, buscando entender como essa cultura age e modifica o espaço da festa e o espaço do outro, sendo impulsionada por diferentes usos do território.

Neste trabalho não se tem a pretensão de aprofundar apenas sobre as características físicas do espaço da festa, mas também, através da etnografia ser possível reconstruir esses espaços, dialogando com diferentes construções através de relatos, entrevistas e narrativas de memórias dos moradores, organizadores e frequentadores. Para isso é necessário fazer uma discussão acerca do método etnográfico como base para esse trabalho e entender que etnografia será desenvolvida na pesquisa. A ideia do método etnográfico precisa ser pensada de forma complexa e com diversos elementos que precisa ter no contexto o pesquisador, como afirma Peirano (2014, p. 75) quando diz que “tornamos agente na etnografia, não apenas como investigadores, mas

nativos/etnógrafos”. A mesma autora ainda nos diz que “o método etnográfico implica a recusa a uma orientação definida previamente” (PEIRANO, 2014, p. 75). Ao contrário, a própria teoria se apropria pelo constante confronto com dados novos, com as novas experiências de campo, resultando em uma invariável bricolagem intelectual. “Etnografia não é método, toda boa etnografia é também teoria se é boa etnografia, será também contribuição teórica” (PEIRANO, 2014, p. 75).

Se a ida ao campo for milimetricamente organizada também vai ser limitada, e o pesquisador perde de enxergar outros caminhos. A ideia de que a teoria deve guiar a pesquisa prática é válida, mas não precisa ser na ordem logo estabelecida. Durante a pesquisa e depois, é possível também ajustar com a contribuição teórica. Quando Peirano (2014) fala que etnografia não é método, a mesma afirma que sozinha a etnografia não é considerada método, porém quando o pesquisador relaciona a teoria com a etnografia, tentando no campo vivenciar os conceitos teóricos isso é o método etnográfico. A autora aponta três condições para uma boa etnografia. “Considera a comunicação no contexto da situação, transformam de maneira feliz para a linguagem escrita o que foi vivo na pesquisa de campo, transformando experiência em texto” (PEIRANO, 2014, p. 342). Três grandes desafios para o pesquisador já que a experiência se torna muito difícil de ser expressada textualmente. O texto, por mais sutil e sensível que seja, sempre será para muitos, a letra fria.

Outro aspecto importante na pesquisa é desenvolver uma comunicação acessível para os sujeitos para que eles entendam de forma clara e não ficar retido a fala acadêmica. Durante a pesquisa, o pesquisador está exposto a diversos sentimentos que tem que ser transmitidos no momento da escrita, considerando as experiências, as dificuldades e angústias, isso dá mais importância ao trabalho etnográfico. Não ficar apenas usando a linguagem de forma referencial e sistemática e sim deixar transparecer de fato a etnografia. Peirano (2014, p. 328) aponta que “o contrário palavras fazem coisas, trazem consequências, realizam tarefas, comunicam e produzem resultados”. Dessa forma o pesquisador tem que deixar transparecer na escrita também essas experiências etnográficas.

Para esse trabalho é necessário pensar uma etnografia mais próxima da realidade, que se mantenha um diálogo com moradores, vendedores ambulantes, frequentadores, e principalmente com os organizadores da festa, tendo em vista o caráter econômico e político destacado nesse estudo. Precisa ser pensado um trabalho ético, com responsabilidade e simplicidade nas ações e principalmente nas abordagens, respeitando as fontes consultadas. Pensar uma etnografia “próxima e de dentro” para se estabelecer diálogos e entendimentos. Para isso aponta Magnani (2002) um olhar de fora e de longe como algo distante da etnografia e apresenta outra considerada de cunho etnográfico, a que denomina de olhar de perto e de dentro. Para identificar essas práticas, seus agentes e o cotidiano das cidades, e com isso apresentar problemáticas que só com um olhar etnográfico aprofundado foram possíveis, em contraste com visões que foram classificadas como de fora e de longe. Ainda sobre essas classificações das descrições etnográficas, Geertz (1997) vem trazer o que seria o conceito de experiência próxima e de experiência distante, quando argumenta que

um conceito de experiência próxima é, mais ou menos, aquele que alguém- um paciente, um sujeito, em nosso caso um informante- usaria naturalmente e sem esforço para definir aquilo que seus semelhantes veem, sentem, pensam, imaginam etc. Um conceito de experiência distante é aquele que especialistas de qualquer tipo- um analista, um pesquisador, um etnógrafo, ou até um padre ou um ideologista-utilizam para levar a cabo seus objetivos científicos, filosóficos ou práticos (GEERTZ, 1997, p. 87).

Pensar o conceito de experiência próxima é bastante interessante no caso da Festa, mas com certas ressalvas, não se deixar envolver tanto com o objeto, ao ponto de não enxergar todo o processo. Ainda segundo Geertz (1997) limitar-se ao olhar da experiência próxima deixaria o etnógrafo preso no senso comum, sem grandes aprofundamentos, ao mesmo tempo limitar-se o olhar em experiências distantes, o deixaria perdido em abstrações sufocados em jargões. Nessa perspectiva esse trabalho pretende desenvolver uma etnografia próxima como denominou Magnani (2002) de perto e de dentro, porém pautado em uma metodologia que permita a ligação entre teoria e prática ampliando o olhar mais crítico e reflexivo.

Levando em consideração a vivência da pesquisadora como um elemento estratégico na pesquisa de campo e no processo etnográfico, a experiência de quem pesquisa é uma ferramenta, pode ser vista como algo negativo ou positivo na construção do caminho que vai ser percorrido. Para esse uso da experiência, a pesquisadora recorre a um referencial teórico capaz de ajudar de maneira positiva no combate do medo que paira sobre envolvimento com o objetivo pesquisado. Para esses anseios trago a esse trabalho as abordagens de Macedo (2015, p.29) “a experiência do pesquisador é fundamental para a compreensão das singularidades de uma realidade em construção”, o que ele vai determinar como etnopesquisa.

Para a etnopesquisa a partida é considerar que o ator social nunca deve ser percebido como um “imbecil cultural”, porque concebido como portador e produtor de significantes, de singularidades experienciais que, interativamente, instituem, por suas ações, as realidades com as quais também é constituído. É nesse processo dialógico e dialético que produz seus etnométodos, ou seja, suas formas de perceber para compreender e intervir de forma estruturante e propositiva na vida. A etnopesquisa tem como seu subsídio principal esses etnométodos. Só a narrativa dos agentes-atores-sujeitos pode, via experiência irredutível deles, descrever e atualizar esses modos de pensar fazer a vida (Macedo, 2015, p. 30).

Isso não significa que a pesquisa deve seguir um caminho livre e espontâneo, sem seguir os procedimentos científicos, que não leva em consideração a objetividade. Apenas essa é uma outra forma de olhar a pesquisa em relação a experiência como formas de mediar as discussões teóricas e procedimentos técnicos levando para o campo estudado, as experiências, vivências do pesquisador, dando a pesquisa um caráter mais flexivo e humanizado. Foi desenvolvido um caderno de campo, o objetivo e passar para a escrita as percepções e sentimentos durante a vivencia na Festa.

Nesse processo de traçar um caminho a ser trilhado e com isso saber o que, como e quando precisa ser observado, analisado e utilizado. Em um primeiro momento será necessário pesquisar a construção do espaço da Festa. Pretende-se obter respostas para vários questionamentos acerca da presença do Frei Damião no Distrito de Canafístula e das motivações para a criação e manutenção da festa, tais quais: quais motivações levaram Frei Damião a Canafístula? Como surgiu a festa? Como foi criado o território da festa? Quem

são os organizadores? Como a festa se tornou um símbolo identitário da comunidade de Canafístula? Para esse momento da pesquisa, pretende-se desenvolver pesquisa de campo, documental e exploratória, objetivando responder a estes questionamentos.

Para um pesquisador que nunca teve contato com o objeto essa coleta de dados teria alguns empecilhos iniciais, como a própria entrada do pesquisador na comunidade. Por ser natural da região e frequentar a festa desde a infância, esse contato inicial foi rápido e de fácil inserção na comunidade. Para compreender as manifestações da fé na festa religiosa de Frei Damião, a partir de elementos sagrados e profanos, pretende-se analisar o território da festa, apontando os lugares sagrados e como estão dispostos no território, a partir da observação direta e participativa.

A conceituação das categorias religiosidade, memórias e identidades serviu para dialogar com o conceito de culturas populares e seus diferentes usos na festa através da revisão bibliográfica e compreender a religiosidade e sua dimensão popular e simbólica. Em um segundo momento do trabalho de campo, foram abordados os bastidores da festa, desenvolvendo um olhar multirreferencial. O mais importante nessa metodologia é perceber a festa não na centralidade do território, mas fazer um deslocamento com as margens, identificando as disputas de poder (religiosos, políticos e socioculturais) e as transformações (na estrutura e no território da festa).

Para tal foram realizadas entrevistas semiestruturadas e focalizadas com frequentadores com o intuito de entender suas concepções acerca da festa. Estas foram divididas entre moradores, organizadores e vendedores a partir de uma técnica conhecida como “bola de neve”, onde um entrevistado vai apontando novos entrevistados no decorrer das suas falas. Segundo Minayo (2007) a entrevista focalizada se destina a esclarecer apenas um determinado problema. E dessa forma através também da interpretação do pesquisador refletir sobre os conflitos e outras questões como os diferentes usos do território, identificando nas falas e ações e procedimentos que podem ser definidos a partir de um quadro conceitual, buscando adequar as técnicas de pesquisa aos objetivos a serem alcançados, levando-se em consideração as etapas e a base teórica. Também é importante buscar nas entrevistas abertas e

semiestruturadas, as narrativas dos sujeitos e suas possíveis interações com a festa para isso considerar as entrevistas como narrativa.

Numa conversação em andamento, a entrevista narrativa não caminha a partir da questão do pesquisador tão somente, mas é a narração que, compromissada com um tema vai construindo a sua própria lógica e ritmo. Vale dizer que uma entrevista narrativa apresenta uma característica muito mais centrada na lógica do fluxo da narrativa do sujeito, cabendo ao pesquisador manter o foco da temática e provocar narrações. De base fenomenológica e construcionista, a entrevista narrativa permite que o pesquisador da/com experiência acompanhe por uma “escuta sensível” os fios condutores que o levarão até os sentidos produzidos pela narração (MACEDO, 2015, p. 75).

Dessa forma as entrevistas que poderiam ser consideradas fáceis trazem toda uma complexidade que vai desde a responsabilidade da interpretação, humildade e sensibilidade para ouvir o outro, além de desenvolver a criatividade e o senso crítico. O desenvolvimento do processo etnográfico precisa ficar claro e organizado como mostra na tabela abaixo.

Tabela 01- Desenvolvimento do Processo etnográfico

O PROCESSO ETNOGRÁFICO		
	OBJETIVOS	ANÁLISE E DESAFIOS
1º FASE Período: 03/06/2018	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Observações (Primeiro contato com o objeto como aluna do Mestrado) ✓ Entender o contexto histórico da Festa ✓ Investigar o processo de formação territorial do Distrito ✓ Produção de Imagens ✓ Pesquisa no acervo de imagens presentes no Memorial ✓ Registro em caderno de campo 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Organização dos Dados coletados ✓ Filtragem e interpretação ✓ Produção de material (Artigos, gráficos e apresentação em eventos) ✓ Adequação aos objetivos ✓ Redefinição da pesquisa
2º FASE Período: 29/10 a 05/11/2018	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Pesquisa documental e exploratória ✓ Aplicação de questionários escritos ✓ Realização de entrevistas (abertas, semiestruturadas e focalizada) com moradores, feirantes e visitantes 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Dificuldades na aplicação de questionários e entrevistas formais ✓ Realização de entrevistas informações ✓ Registro em caderno de campo

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Acompanhamento de grupos de visitantes no percurso da festa ✓ Verificação do uso da memória e identidade na festa ✓ Levantamento de dados para o mapeamento do território 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Anúncios de possíveis mudanças na organização e estrutura da festa
3º FASE Período: 02/06/2019	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Acompanhamento de grupos de visitantes ✓ Entrevistas informais ✓ Registro fotográfico ✓ Verificação do processo de identidade e diferença como um recurso estratégico 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Levantamento das principais transformações anunciadas na segunda fase ✓ Acompanhamento e registro da dinamicidade da festa ✓ Escrita final da Dissertação
ESPECIFICAÇÃO	QUALIFICAÇÃO 1º E 2º FASES: Dezembro de 2018	DISSERTAÇÃO- DEFESA 3 FASE Julho de 2019

Fonte: ALVES. J. S (2019)

Como está claro na tabela, o processo etnográfico foi desenvolvido durante o trabalho de campo de forma que a pesquisadora fez uma observação participante, realizada em três fases distintas. Para se pensar em como realizar a etnografia sobre o objeto de pesquisa que é a Festa, foi necessário fazer uma preparação, buscar textos e relatos sobre o contexto histórico da festa para com isso compreender como a mesma foi organizada e como isso reflete na atualidade. A partir dessa pesquisa histórica foi possível fazer alguns questionamentos. O importante é que a ida ao campo tenha um olhar livre de possibilidades, a partir de uma orientação flexível.

O estudo das culturas populares faz referência a múltiplas temáticas que muitas vezes podem ser interpretadas a partir de diferentes olhares de acordo com cada área do saber, podendo ser desenvolvida diversas metodologias. Nesse sentido, é de grande importância traçar um plano metodológico que contemple um uso adequado das técnicas, dos métodos e das teorias para se ter um maior aproveitamento das fontes e um pleno desenvolvimento do

trabalho. A pesquisa precisa ser entendida como um produto final que para sua elaboração vai depender de um bom desenvolvimento metodológico, e que através desse desenvolvimento vai revelar o percurso percorrido, bem como as concepções acerca do objeto pesquisado.

É necessário compreender que no caso da festa religiosa de Canafístula a pesquisa também contribui para a formação do pesquisador, a cada relato e descoberta ajuda a responder questionamentos e abrir novos olhares. Dessa forma a pesquisa influencia no pesquisador. Sobre a pesquisa formar o pesquisador Macedo (2015) reforça que nenhuma pesquisa deixa seu autor sem alterar-se por ter vivido suas contribuições heurísticas. As vivências das pesquisas experienciais, em especial, têm a capacidade de tocar na intimidade do pesquisador com profunda intensidade, a medida em que se disponibilizam a trabalhar de forma densa com implicações significativas dos sujeitos da pesquisa e do próprio pesquisador, numa ética cuidadosa e rigorosa, pautada em como a pesquisa vai se relacionar com seus sujeitos e consigo próprio.

A pesquisa é de suma importância para o bom andamento da dissertação. Não a pesquisa pela pesquisa, mas tudo que ela representa, ou seja, a disposição para ir a campo, conversar e tentar entender a visão do outro. A organização durante a pesquisa e dos dados coletados, o comprometimento, o envolvimento e a ética, saber como todos esses fatores interferem no produto final e, principalmente, saber lidar com os imprevistos.

Nenhuma pesquisa é totalmente controlável, com início, meio e fim previsíveis. A pesquisa é um processo em que é impossível prever todas as etapas. O pesquisador está sempre em estado de tensão porque sabe que seu conhecimento é parcial e limitado- o possível para ele (GOLDENBERG, 2013, p.13).

Para essa pesquisa não apenas se fez uso do método etnográfico. O mesmo foi o principal e determinante, mas existem outras questões acerca do trabalho que precisam ser tratadas sobre outras perspectivas. Como esse trabalho foi desenvolvido através de um olhar multirreferencial é preciso buscar um campo maior de possibilidades para a investigação.

Foram utilizadas diversas fontes documentais pesquisadas em arquivos físicos e eletrônicos. Destes, destacam-se os jornais, os depoimentos reproduzidos em redes sociais de internet, em sites e portais de notícia. A própria

autora ainda foi geradora de fontes de pesquisa a partir da elaboração de fotografias realizadas durante a observação participante.

Para as fontes coletadas ao longo da pesquisa foi aplicada a análise de conteúdo. Caregnato (2006) explica que esta surgiu no início do século XX nos Estados Unidos para analisar o material jornalístico, ocorrendo um impulso em 1940, quando os cientistas começaram a se interessar pelos símbolos políticos, tendo este fato contribuído para seu desenvolvimento. Portanto, esta técnica existe há mais de meio século em diversos setores das ciências humanas, vindo antes até que a análise do discurso.

Nesse caso, pensando na análise de conteúdo como recurso metodológico, pensando a festa como um campo vasto de interpretação e análise, logo produtora de conteúdo como mensagens, sites, materiais de divulgação, notícias, essas etapas são pensadas segundo a abordagem do método explorado por Laurance Bardin proposta no livro *Análise de conteúdo*. Segundo ele:

As diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três pólos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (BARDIN, 2016, p. 95).

Ainda de acordo com Bardin (2016), o desenvolvimento dessas etapas é essencial para a aplicação do método e desenvolvimento da pesquisa, pois corresponde a um período de construção de tudo que pode ser abordado. Este tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das etapas sucessivas. Recorrendo ou não ao ordenador, trata-se de estabelecer uma ordem que, podendo ser flexível (quer dizer, que permita a introdução de novos procedimentos no decurso da análise), deve, no entanto, ser preciso. Geralmente, esta primeira fase possui três missões: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 2016, p. 98).

Tabela 02- Utilização das etapas do processo de Análise de Conteúdo
Segundo Laurence Bardin (2016)

PRÉ-ANÁLISE (Antes da análise propriamente dita, o material reunido deve ser preparado)	EXPLORAÇÃO DO MATERIAL (Administração sistemática das decisões tomadas)	TRATAMENTO DOS RESULTADOS (Permite estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem as informações fornecidas pela análise)	INFERÊNCIA E INTERPRETAÇÃO (Utilização dos resultados das análises)
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Escolha de sites ✓ Busca de perfis e redes sociais ✓ Materiais de divulgação ✓ Reportagens e vídeos documentários 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Fazer uma leitura geral, tendo como um segundo momento uma leitura aprofundada e crítica, buscando semelhanças ou diferenças ✓ Perceber os principais discursos sobre a festa ✓ Perceber como a Festa é percebida fora do estado 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Construção de tabelas ✓ Construção de gráficos ✓ Elaboração de textos 	Compreender os fenômenos políticos e os processos de identidade e diferença através da análise do material

Fonte: ALVES. J. S (2018)

A análise de conteúdo ajuda no processo de interpretação das dimensões de análise proposta para a pesquisa, possibilitando uma melhor forma de tratamento e destino para os dados coletados de acordo com o interesse da pesquisa. Os discursos e interpretações possibilitam fazer uma

ligação entre os vários elementos, emocionais e simbólicos, não só dos objetos físicos mas dos fatos que estão nos bastidores e nas entrelinhas culminando na pesquisa qualitativa, como os sites e cartazes de divulgação, possibilita uma melhor análise sobre os dados, materiais coletados e das fontes, esse método será melhor abordado nas discussões e análises do terceiro e quarto capítulo.

Para essa análise de conteúdo foi consultado e escolhido alguns sites e arquivos disponíveis em redes sociais e dispostos em imagem no memorial, entre essas imagens o Jornal Tribuna do Sertão que a apresentou uma série de reportagens sobre a história de Canafístula, com o título Canafístula, sua história sua gente escrita pelo historiador, professor e psicólogo o senhor Jorge de Araújo Vieira.

Os arquivos que foram encontrados com relação ao processo de emancipação política estavam disponíveis em imagens nas redes sociais da comunidade, as assinaturas a favor da emancipação política coletadas em 31 de maio de 1995 e publicadas no Diário oficial do estado de Alagoas em 16 de junho de 1993 e o Decreto Legislativo número 10 de 17 de maio de 1995 publicado em agosto de 1996 referente ao novo limite territorial do futuro município de Canafístula de Frei Damião.

Também se fez consultas em duas redes sociais, emancipação política de Canafístula e Canafístula de Frei Damião, ambas com o objetivo de manter a comunidade informado sobre os processos e desejos de emancipação, também foi possível perceber a divulgação da festa e opiniões sobre a mesma. Além das redes sociais alguns sites que apresentavam diferentes visões e usos sobre a Festa também foram utilizados, o Blog minuto Palmeira dos Índios, o Site oficial do senador Renan Calheiros, portal de notícias online da Prefeitura de Palmeira dos Índios e o Blog Adriano notícias. Foram elaboras fichas de análises de conteúdo seguindo as informações contidas nessas fontes.

1.1- A ETNOGRAFIA DA FESTA

1.2- Memórias e Diálogos: O Contexto Histórico da Festa

Realizar a etnografia de uma Festa, não é tarefa fácil, pode até parecer contraditório, pois ao mesmo tempo que o estudo de uma festa representa um objeto delimitado, bem definido, também pode representar um vasto e complexo campo de investigação, podendo apresentar uma infinidade de componentes, músicas, danças, rituais, alimentação e vários outros elementos, que se estudados de forma isolados já representa um vasto campo de exploração para diversas ciências. Além de ser um fenômeno também interpretativo, onde os sentimentos, os elementos invisíveis devem ser levados em consideração.

Cada Festa apresenta características diferentes. Para essa pesquisa tratamos de uma Festa da Religiosidade Popular, o que deixa claro o seu caráter complexo, pois é possível notar vários elementos visíveis como a cultura, os rituais, a economia, entre outros e também diversos elementos invisíveis que precisam ser percebidos e interpretados pelo pesquisador. Então como a festa deve ser estudada? Como realizar a etnografia? Se para os antropólogos que tem a etnografia como um método mais próximo existem dúvidas e dificuldades, como deve ser para outras ciências, que tem pouco ou nem um contato com essa metodologia.

Para a construção desse capítulo será imprescindível a discussão com autores que trabalham com o tema Festa e principalmente com autores que discutem o método etnográfico. Também serão utilizados textos sobre etnografias de festas que foram discutidos na disciplina Festa Populares, disciplinas essa essencial ofertada durante o mestrado. A professora Rita Amaral traz importante contribuição sobre o método, como pode ser apresentado abaixo:

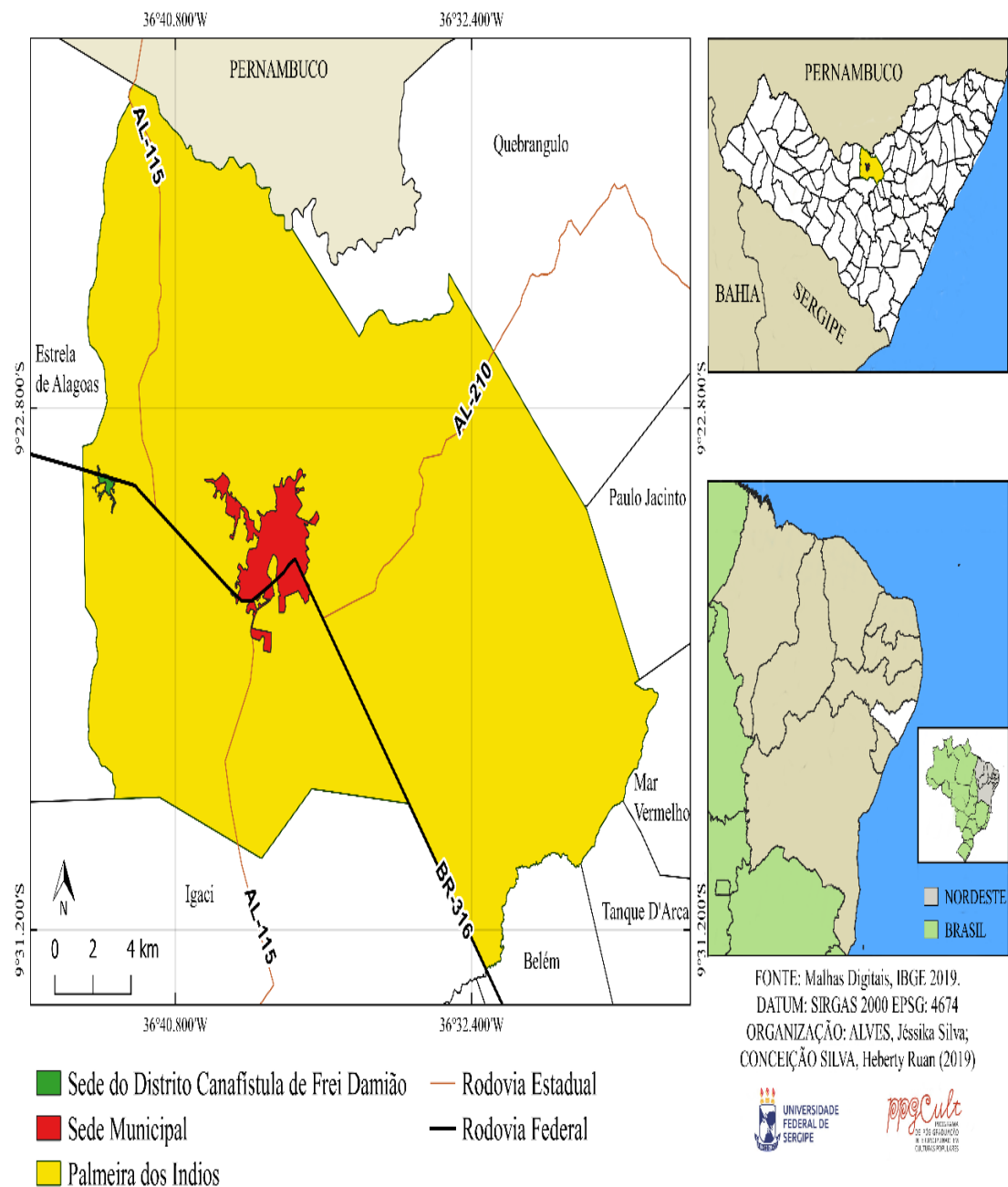
Assim, se, finalmente, estamos reconhecendo a importância dos estudos sobre festas e nos dedicando a mapear, etnografar e compreender os muitos sentidos dos festejares públicos e privados, no Brasil, ainda parece necessário – no atual estado da arte de nossos estudos- nos determos na discussão metodológica de sua abordagem. Isso deve ser feito para que não caiamos no fácil equívoco de crer que descrever festas é estudá-las ou compreendê-las, embora as descrições sejam absolutamente fundamentais à sua análise. Etnografar festas é um trabalho complexo que não principia- nem se esgota- na descrição da festa em si (AMARAL, 2012, p. 69).

Dessa forma como afirma Amaral (2012) a etnografia da festa, vai muito além da descrição, e preciso que o pesquisador desenvolva um olhar sensível e aberto a possibilidades, a compreensão e a decodificação de diferentes linguagens, permite enxergar o invisível e perceber não apenas o momento da Festa, mas todo o processo. O processo inicia entendendo o recorte espacial e um breve contexto histórico do Distrito e da festa aqui pesquisada.

Canafístula é um Distrito pertencente ao Município de Palmeira dos Índios. Este se encontra localizado no agreste alagoano fazendo divisa com o sertão. A cidade é conhecida como Princesa do Sertão, justifica-se, além da referência à grande importância que teve o município na economia alagoana, por causa de a cidade ser localizada, segundo a classificação do IBGE, na Zona Fisiográfica do Sertão, mesmo que situada na Mesorregião do Agreste de Alagoas.

Na sua atual configuração territorial desde de 2007, o município é composto por três Distritos, Palmeira dos Índios, Caldeirões de Cima e Canafístula. Dos três distritos que formam o território municipal, Canafístula é o maior, e apesar do pertencimento territorial e político, geograficamente Canafístula está mais próxima de outro município denominado de Estrela de Alagoas.

Mapa 01– Localização de Canafístula de Frei Damião- Palmeira dos Índios/ Alagoas, 2019.



Adaptado de Malhas Digitais, IBGE 2019. DATUM: SIRGAS 2000 EPSG: 4674
 ORGANIZAÇÃO: ALVES, Jéssika Silva; CONCEIÇÃO SILVA, Hebert Ruan (2019)

Apesar de ser oficialmente denominada como Canafístula, a mesma é bastante conhecida popularmente como Canafístula de Frei Damião, inclusive sendo reconhecida pelos moradores e também fora do Estado, devido a ligação do Frei com a história do desenvolvimento do lugar. Todavia, com relação à data de sua fundação há controvérsias. Os registros históricos¹ pesquisados, apontam para o fato que por volta de 1845, existia um senhor chamado João (que mais tarde passou a ser chamado João da Canafístula), que aos fins de semana vendia carnes, bode e porco. Como a clientela aumentou, passou a vender carne de boi, porco e bode, embaixo de uma enorme cajaraneira circundada pela plantação de Canafístula. Acredita-se que a partir desta tenha surgido as primeiras residências. Pela lei municipal nº 150, de 04-11-1952, é criado oficialmente o distrito de Canafístula, ex-povoado e anexado ao município de Palmeira dos Índios.

O Distrito de Canafístula apresenta uma área urbana, com um comércio igual a muitas cidades do interior de pequeno e médio porte apresentando mercados, lojas, bares e lanchonetes, entre outros pontos comerciais, além da feira com grande variedade de produtos dando destaque para a venda de animais realizada todas as segundas-feiras. Considerada uma das melhores feiras de gado do Estado.

Outro destaque fica por parte do cultivo de frutas em destaque para pinha, manga, caju, graviola e umbu-cajá, além do cultivo de feijão, milho e mandioca. Durante muitos anos, o distrito exportou frutas para diversos estados, hoje não é em grande quantidade, mas o cultivo de pinha ainda é forte. Durante muitos anos até 2015 foram realizadas as edições do Festival da Pinha que reunia diversas atividades culturais, mas por questões políticas e de investimentos no setor agrícola o festival parou de acontecer. Também no distrito encontra-se a emissora a Cacique FM.

O reconhecimento e crescimento do Distrito sempre esteve ligado a figura de Frei Damião que frequentava o Distrito sempre que passava por

¹ Visto que os historiadores alagoanos divergem sobre a data; apresentamos a que aparece com maior recorrência nas fontes bibliográficas consultadas

Alagoas. A sua presença atraía uma multidão de admiradores do Frei. Muito antes da festa, os moradores e visitantes já frequentavam o local sempre que o Frei estava na região. Canafístula tem duas entradas, a principal delas tem a estátua em Homenagem ao Frei e é considerada um ponto de referência onde todos se encontram.

Frei Damião vem para o Nordeste em 1931, onde começa o processo de evangelização e missão, mesmo sendo acadêmico, graduado em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma e docente do convento de Villa Basílica e do Seminário de Massa Lima (2005, p. 08). Frei Damião sempre teve uma linguagem simples, acolhedora e carismática para com o povo. Seus sermões eram cheios de conselhos e ensinamentos, por essas características sempre foi visto pelo povo como santo, sendo comparado como sucessor de padre Cícero, como aponta um texto na versão online do Diário do Nordeste:

Frei Damião não conheceu o padre Cícero que morreu em 1934. Ele esteve pela primeira vez em Juazeiro do Norte, em 1936, e desde esse tempo alguns devoto o identificam como o religioso cearense. Esse fato está registrado no livro de tombo da paróquia de Nossa Senhora das Dores (Folha 32 v.) “viram muitos na pessoa de Frei Damião algo de mistério e nele encarnaram o Padre Cícero Romão Batista”. E a partir daí começou a sua popularidade.

É muito comum os romeiros e devotos expressarem essa comparação entre Padre Cícero e Frei Damião. Através dos benditos, um bastante conhecido e cantado por muitos, inclusive pela minha vó demonstra como a figura de Frei Damião é vista como uma continuidade do Padre Cícero.

*Eu vou rezar um bendito da virgem da conceição
Meu padrinho foi pra Roma e deixou Frei Damião
Deixou Frei Damião para nos aconselhar
Olhou para o mundo e disse eu vou e torno a voltar
Eu vou e torno a voltar, pra matriz do juazeiro
Pra aconselhar meus amigos, e abençoar meus romeiros (Autor Desconhecido)*

Um dos motivos principais para buscar compreender a festa religiosa de Canafístula é entender quais os atrativos desse local que faz com que um elevado número de pessoas com diferentes objetivos, mas, o principal é a devoção a um homem tido como santo pelo povo. Para isso é necessário entender quem é ele e porquê é tão querido pelas pessoas.

Frei Damião tem um perfil propício para ser transformado em mito pelo povo, missionário extremamente dedicado em suas convicções, carismático, conviveu durante anos com o povo nordestino, que fragilizado, o adotou como símbolo de salvação para seus problemas espirituais e especialmente financeiros (LIMA, 2005, p. 09).

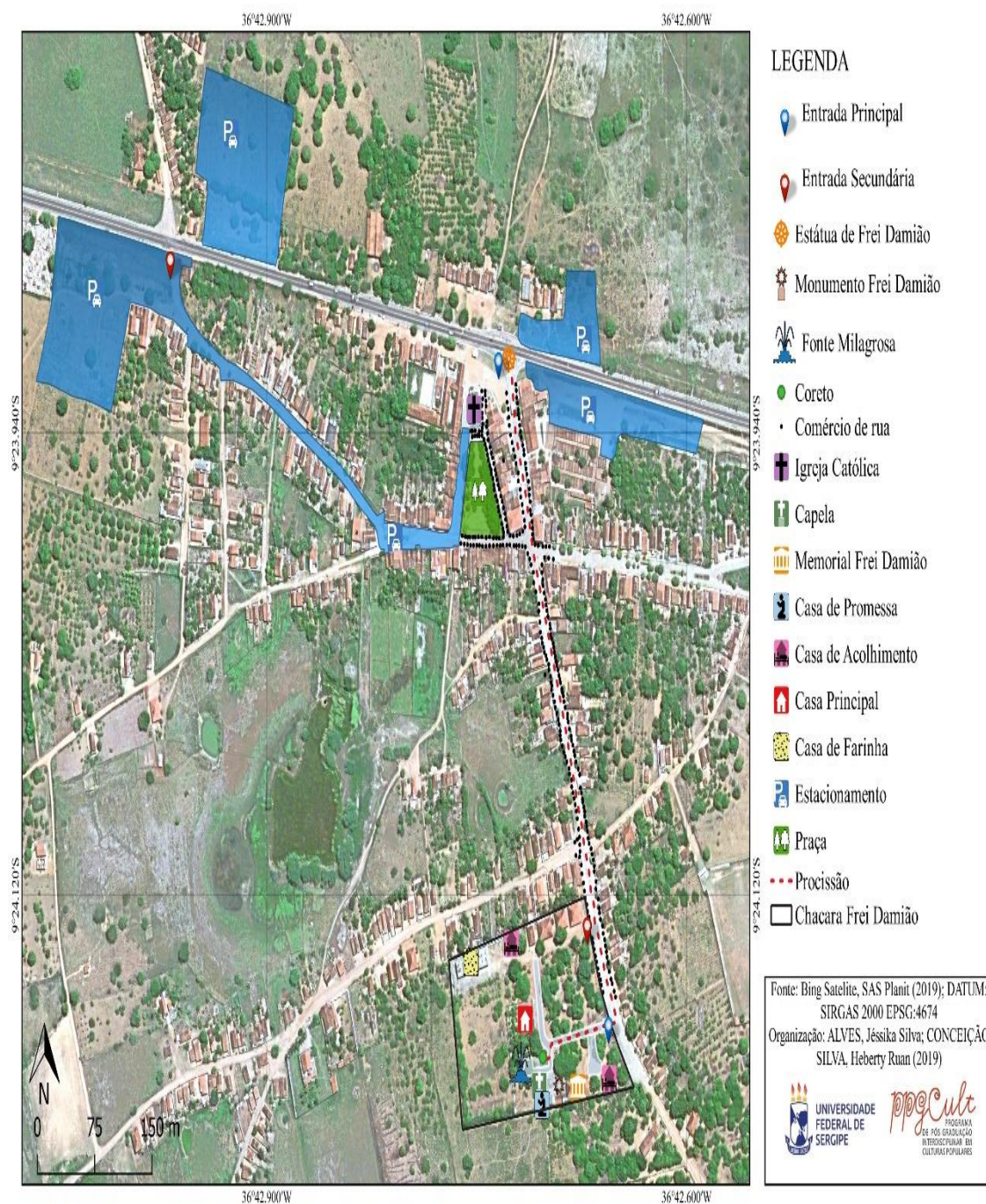
Com essa explicação pode-se entender que as pessoas precisam se apoiar em algo superior, diferente da realidade que as cerca, que as dê esperança e amparo, sendo assim, Lima (2005, p. 10) afirma que o sagrado se manifesta sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades “naturais”. Ora, a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano”. Com isso Eliade (1992, p. 38) complementa: “O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano”.

E nos espaços sagrados da festa que a ligação com o Frei se torna mais forte, muitas pessoas com o objetivo de renovar suas esperança e fé, faz de cada festa um momento especial, onde em cada edição o número de participantes é cada vez maior.

Canafístula é Distrito bastante acolhedor e durante o momento da festa todo o espaço é ocupado ganhando diferentes funções. Além da movimentação de pessoas, comércio de rua, vários pontos do Distrito ficam repletos de carros e ônibus, tornando-se mais uma atividade lucrativa.

Tudo pode gerar uma forma de lucro para os moradores durante a festa ou em visitas ao espaço de realização desta. Além de vender determinados produtos, a maioria das casas ganha outras funções que não é a de moradia. Muitas “alugam” os seus banheiros, oferecem alimentos e até guardam volumes dos fieis e visitantes. Com isso todo o espaço distrital passa por grande modificação durante a festa, seja na organização ou por assumir novas funções.

Mapa 02- Organização Territorial do distrito durante a Festa



Adaptado de Malhas Digitais, IBGE 2019. DATUM: SIRGAS 2000 EPSG: 4674
ORGANIZAÇÃO: ALVES, Jéssika Silva; CONCEIÇÃO SILVA, Hebert Ruan (2019)

Durante o decorrer da festa, além da ocupação dos espaços, o fluxo de pessoas é frequente. Moradores e visitantes passam o dia em um constante vai e vem percorrendo todas as ruas do Distrito. Sejam as ruas que tem comércio, em direção aos estacionamentos ou locais que as pessoas usam para fazer as refeições, sendo que a maioria leva seu próprio alimento de casa.

A Festa de Frei Damião em Canafístula ocorre oficialmente depois da morte de Frei Damião em 1997, mas desde a construção da Associação (ABFD), idealizada para acolher o Frei, que o mesmo é recebido e festejado no lugar, juntando milhares de pessoas do Estado e fora dele. Como mostra essa parte destacada com linha vermelha do texto no cartaz criado para apresentação do Distrito em página de uma rede Social

Figura 01 -Cartaz de Apresentação do Distrito de Canafístula

Meu nome é comum a várias árvores da família das leguminosas (esalpináceas). Em tupi-guarany, o mesmo que Tapira-Caiana.
Na região onde hoje me encontro, existia um bom número de plantação nativa de árvores de Canafístula ou Canafístulas. Árvores que durante os meses de Agosto a Dezembro desabrocham com enormes cachos de flores amarelas, sua semente é avermelhada.

Conta a tradição, que por volta do ano de 1865 existiu um senhor chamado João Canafístula, que nos fins de semanas carnava: bois, porcos, bode etc., embaixo de uma grande árvore de Canafístula. É a partir daí, que começa a surgir e ser construídas as primeiras residências em volta das Canafístulas.

Aspectos Gerais

Sou distrito de Palmeira dos Índios, estou localizada no sertão alagoano, minha altitude é de 361 metros, determinada pelo paralelo de 9°,24'26" de latitude sul, em minha interseção com o meridiano de Greenwich é de 37°,38'40" de longitude oeste.

População Residente

Total = 9.601 ha.
Situação Urbana: Homens 339, Mulheres 408.
Situação Rural: Homens 4.147, Mulheres 4.707.
Fonte: IBGE, Censo de 1980.

Minha distância das principais Capitais do Brasil

Brasília	2.430 Km 45 horas
Maceió	150 Km 02 "
Recife	327 Km 4:30 "
Rio de Janeiro	2.411 Km 44 horas
São Paulo	2.522 Km 48 horas

Economia

Sou conhecida como a terra da pinha e grande produtora de manga, caju, milho, feijão de corda, fava e feijão. Acontece as 2ª feiras a maior feira de gado vivo do estado de Alagoas. Na época da pinha e da manga, o exporto para os demais estados cerca de seis (06) caminhões diariamente.

Já é uma tradição a realização dos Festivais do Milho (10) e da Pinha (06).

Através da minha agricultura me destaco pelas minhas plantações de milho, feijão, mandioca, pinha, cajueiros, mangueiras, graviola, umbu e umbu-cajú.

Assistência Social

Há oito anos atrás, veio instalar-se em minhas terras a "Associação Beneficente Frei Damião", fundada e dirigida pelo Deputado Federal Antônio Ferreira de Andrade, desde o dia 20 de abril de 1983. Sua fundação deve-se a uma homenagem que o Deputado prestou ao bom velhinho, Frei Damião. Este projeto, hoje realidade fez parte dos sonhos de Antônio Ferreira, desde a época de sua adolescência. Passaram-se os anos e quando foi eleito para o 1º mandato, passou a procurar no Estado de Alagoas, uma cidade, uma vila, uma aldeia, que fosse simples e tivesse a bondade de acolher a todos, como é a figura do Frei Damião.

E eu fui a escolhida, a preferida entre tantas cidades do Estado, isto me enaltece muito porque foi aqui, que em 1936, Frei Damião realizou a sua primeira Santa Missões no Estado de Alagoas.

Hoje a Associação Beneficente Frei Damião, é a minha maior alegria porque em outros países estei sendo conhecida, por causa desta obra magnífica construída em minhas terras.

1: Entrada principal do Departamento Educacional.
2: Mini-Hospital: É onde os meus filhos, recebem orientação médica, fazem tratamento odontológico e recebem orientação psicológica.
3: Educação: São 622 alunos, que estudam na Escola de 1ª Grau Deputado Antônio Ferreira, em regime de semi-internato, das 7:00 às 17:00 horas, recebendo alimentação, educação profissionalizante, atendimento médico (psico e odontológico), material pedagógico e fardamento.
4: Coordenação: Próto onde funciona: Sala de Professores, Coordenação Educacional, Recreação, Refeitório, Cozinha.
5: Sala Quiteria Digna Ferreira: Local destinado à 3ª idade, para terapia ocupacional e seus encontros semanais.
6: Creche: Maternal e Pré-Escola Raimundinho: 1 aqui que diariamente 150 crianças de 02 a 6 anos recebem uma alimentação e um tratamento diferenciado.
7: Escola Profissionalizante: Onde funciona: Casa de Fátima, Beneficentismo de Milho, Cursos de Datilografia, Cerâmica, Xilogravura, Corte e Costura e Marcenaria.
8: Centro Administrativo: É de onde são elaborados programas para atender 22 núcleos da Associação espalhados em todo o estado de Alagoas.
9: Centro Social: Com capacidade de 800 lugares sentados, para os eventos sociais da minha escola e comunidade.
10: Correto Frei Damião: Local destinado às pregações do Frei Damião.
11: Igreja de Santo Antônio: Construída em estilo modernista, para que o povo em geral, venha ao encontro com Deus.

Fonte: Arquivo disponível em: < https://www.facebook.com/pg/Emancipa%C3%A7%C3%A3o-deCanaf%C3%ADstuladeFreiDami%C3%A3o168685289985406/photos/?ref=page_internal >; acessado em 11 de julho de 2018.

"Há oito anos atrás, veio instalar-se em minhas terras a "Associação Beneficente Frei Damião", fundada e dirigida pelo Deputado Federal Antônio Ferreira de Andrade, desde o dia 20 de abril de 1983. Sua fundação deve-se a uma homenagem que o Deputado prestou ao bom velhinho, Frei Damião. Este projeto, hoje realidade fez parte dos sonhos de Antônio Ferreira, desde a época de sua adolescência. Passaram-se os anos e quando foi eleito para o mandato, passou a procurar no Estado de Alagoas, uma cidade, uma vila, uma aldeia que fosse simples e tivesse a bondade de acolher a todos, como

a figura de Frei Damião. “E eu fui escolhida, a preferida entre tantas cidades do Estado, isto me envaideceu muito porque foi aqui que em 1936, Frei Damião realizou a sua primeira santa Missões no Estado de Alagoas. Hoje a Associação Beneficente Frei Damião, é a minha maior Alegria porque em outros países estou sendo conhecida, por causa desta obra magnífica construída em minhas terras” (Texto do cartaz de divulgação do Distrito em uma página de facebook).

Fica claro, que o orgulho de ser um local escolhido para acolher Frei Damião relaciona-se com a categoria identidade, pois o pertencimento a esta terra além de alegria traz reconhecimento de todos e a ligação com a figura do Frei Damião fica evidente. A sede que nasceu com a finalidade de acolher o Frei Damião também desempenhava um forte papel social na comunidade de Canafístula, pois tinha no seu interior, escolas, creches e atendimento médico, oferecendo cursos de capacitação, uma casa de farinha que era de uso de toda a comunidade. Era um espaço bastante importante para o desenvolvimento local. Com a saída do deputado Antônio Ferreira da política, o espaço perde suas funções sociais e se restringe ao acolhimento do Frei e a todos aqueles simpatizantes.

Amaral (2012) sugere como ponto de partida para entender o objeto dessa pesquisa, perceber que tipo de festa se trata. Nesse caso específico, trata-se de uma comemoração que tem como objetivo homenagear a figura de Frei Damião, onde nessa comemoração são cumpridos alguns ritos. Vale ressaltar que este Frei não é canonizado pela Igreja católica, porém, é cultuado como um santo pelos seus devotos, por isso o caráter popular da festa. Portanto, esta é considerada um exemplo de celebração característica da religiosidade popular brasileira, portanto, uma festa popular.

O segundo passo segundo Amaral (2012) é classificar a natureza da Festa, se a mesma é profana, sagrada ou sacro-profana, se tratando da Festa de Canafístula, a dúvida paira entre ser sagrada e ser sacro-profana. Para isso, a autora aborda e caracteriza essas categorias. Segundo ela, as festas sacro-profanas é maioria no Brasil. Estas apresentam na base conteúdo de cunho religioso, envolvendo partes profanas. Já as festas sagradas têm uma base também religiosa apresentando poucos elementos profanos com relação as sacro-profanas.

No caso de Canafístula, a festa durante a programação oficial apresenta poucos elementos profanos, como grandes shows, resumindo a feira e a alguns estabelecimentos comerciais como bares e manifestações individuais. Tratando-se desse caso específico, como uma festa que tem na devoção a um homem tido como santo pelos fieis, com poucas manifestações profanas e levando em consideração as manifestações individuais e coletivas, a Festa será tratada como sagrada.

Seguindo com o pensamento de Amaral (2012) precisa-se pensar como fazer essa análise da festa, uma vez que já se tem consciência que existem diversas Festas religiosas, mesmo com temporalidades e elementos diferentes, muitas dessas festas seguem uma mesma sequência lógica ou apresentam ritos parecidos, dessa forma a autora apresenta a seguinte indicação:

Um dos métodos para tentar encontrar as chaves interpretativas da simbologia festiva é a observação de semelhanças e diferenças entre os festejos de diversos espaços geográficos, ao mesmo tempo em que isolamos as peculiaridades concretas de cada universo festivo e estabelecemos categorias formais dos múltiplos tipos que as compõem. Para esta tarefa é imprescindível empreender investigações comparativas, que permitam desvendar a composição da estrutura festiva, etapa inicial da constituição de uma antropologia da festa (AMARAL, 2012, p.77)

Levando em consideração as experiências da pesquisadora que acompanha e vivencia a festa desde de muito cedo, a etnografia foi feita de forma participativa, através de observações diretas e participativas e produção de material, fotos e vídeos, além dos relatos orais.

Olhares sobre o Espaço do Sagrado

A Geografia Cultural trouxe o suporte necessário para entender o espaço, os objetos presentes neste e o que o caracteriza como sagrado. E por meio destes compreender o sentido da Festa, observando o vínculo entre o espaço, a identidade e o grupo social que festeja Frei Damião.

A escolha do conceito de objetos espaciais como ferramenta de construção etnográfica da festa, é uma escolha pautada nos vários elementos existentes na festa, elementos esses que despertam sentimentos e revelam diferentes vivências. O conceito parte do estudo da categoria espaço geográfico, que será melhor abordada no segundo capítulo, seguindo o posicionamento do geógrafo Milton Santos. Para ele, o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá (SANTOS, 2001, p. 63). Nesse caso, os sistemas de objetos seriam produtos das relações sociais, podendo se constituir um símbolo fazendo parte de um todo contexto social.

Em se tratando de uma Festa Religiosa, o sagrado pode materializar-se através de objetos que também pelas formas de usos e expressões são considerados simbolicamente com comportamentos dos indivíduos refletindo na coletividade. Essa materialização ocupa um dado espaço território e sua interpretação revela diversas práticas de saberes atribuindo diferentes sentidos. É necessário dessa forma entender o processo de territorialidade religiosa, que por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território, onde o efeito do poder do sagrado reflete uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútuo.

A territorialidade é fortalecida pelas experiências religiosas coletivas ou individuais estabelecendo a relação simbólica que existe entre cultura e espaço (Corrêa, 2004; Rosendahl, 2012). O território torna -se, então, um geossímbolo, de acordo com Bonnemaïson (1997):

O geossímbolo é entendido como um artefato material com referenciamento espacial dotado de centralidade, que aponta ausências e conecta um grupo a seu objeto ou lugar de memória. Pode ser um objeto, uma canção, um lugar delimitado, desde que ele

apresente um valor simbólico atemporal e contínuo (APUD MENESES, 2017, p. 81).

O geossímbolo como território, surge, portanto, como espaço vivido constituindo-se em relação cultural entre dado grupo social, ainda, segundo Meneses (2017), é pela existência de uma cultura que o território é criado e é pelo território que uma prática cultural se fortalece, exprimindo a relação entre espaço e cultura por meio da materialidade e imaterialidade dessa última (Corrêa; Hall, 2005).

Tendo como perspectiva a geografia cultural que entende que as construções simbólicas revelam muito dos grupos sociais e que suas interpretações produzem diversos significados e diferentes leituras de mundos, se tratando de uma festa, entender os símbolos e interpretar uma linguagem com muitos significados e que representa tanto o indivíduo quanto um coletivo. Como aponta Corrêa (2013)

Assim, a Festa, diante dessa perspectiva geográfica, permite descobrir signos espaciais que, ao assumirem a condição de geossímbolos, estabelecem um vínculo a partir de uma identidade existente entre o grupo social que festeja o espaço. Essa identidade é construída sob a perspectiva de atribuir valores políticos, ideológicos e afetivos ao espaço da festa, condição básica para a territorialização desta. Nesse sentido, a essência da festa passa a ser definida como uma luta pelo poder, significada pela (e na) conceituação de seu espaço delimitado por fronteiras que dessa forma, semiografam seu território (CORRÊA, 2013, p. 2017).

Esses valores políticos e ideológicos no qual o autor se refere pode ser encontrada não somente nos símbolos, mas no próprio território da festa, como será tratado no capítulo quatro. Para esse momento serão tratados apenas os símbolos que despertam a afetividade, a memória e o sagrado. Um mesmo símbolo pode ter diferentes interpretações, como aponta o consagrado geógrafo Roberto Lobato Corrêa (2013) que define formas simbólicas como representações resultantes da relação entre significados e linguagem. Os diversos grupos sociais produzem e reproduzem significados para as formas, uma característica das mesmas se constitui a polivocalidade. Pois, as interpretações empreendidas aos símbolos não são únicas, cada indivíduo ou grupo social constrói a sua leitura.

Cada indivíduo tem uma forma de se relacionar com o sagrado, os sentimentos são expostos das mais variadas maneiras, isso traz diferentes

formas de vivenciar a Festa a relação com os símbolos. Segundo Pessanha (2016)

As experiências usuais vividas e sentidas no cotidiano, tecem o sentimento de pertencimento e amor, transformado em símbolo por meio das histórias e do transcorrer do tempo, passando a ser assimilado emocional e significativamente nas rotineiras trajetórias dos indivíduos e grupos sociais (PESSANHA, 2016, p. 123)

Logo na entrada do Distrito tem um momento de encontro, um local sagrado e ao mesmo tempo um ponto de referência, a estátua em Homenagem ao Frei e é considerada um forte símbolo identitário de reconhecimento da comunidade e de pertencimento com quem ali chega.

Figura 02- Estátua em Homenagem a Frei Damião na entrada do Distrito de Canafístula



Fonte: ALVES. J. S (2018)

A Festa não ocorre de forma dispersa, existe um espaço central onde os principais momentos são celebrados. Esse espaço não é a sede da Associação Beneficente Frei Damião (ABFD). Nesse espaço se concentram o maior número de pessoas e elementos simbólicos ligados a figura do Frei. Aqui várias pessoas se reúnem em diferentes momentos onde ocorrem diversos rituais. Muitos desses rituais são de forma espontânea e acabam se tornando repetitivos ao longo de anos frequentando a Festa. O que é característico de distintas tradições da igreja católica.

Como pode-se perceber na imagem a seguir, trata-se de uma área territorial pequena e bem delimitada com diversos elementos, o espaço é caracterizado por ser uma chácara, apresentando duas entradas, e toda ela circundada pelo comércio local, que no dia da Festa toma conta do desse espaço central.

Mapa 03- Espaço Central da Festa



Adaptado de Malhas Digitais, IBGE 2019. DATUM: SIRGAS 2000 EPSG: 4674
 ORGANIZAÇÃO: ALVES, Jéssika Silva; CONCEIÇÃO SILVA, Hebert Ruan (2019)

Nesse espaço encontra-se o **Memorial de Frei Damião**, onde ficam expostos as vestimentas, objetos, a cama e várias fotografias do frei frequentando àquele mesmo espaço. A **Casa de Promessas** (Ex-votos) onde tem vários objetos que representam graças alcançadas dos frequentadores da festa e roupas que imitam as vestes do frei, depositadas também como promessa. A **Fonte de Frei Damião**, benzida e feita com o consentimento e apoio pelo frei ainda vivo e que para os fiéis representa o milagre e a expressão máxima da fé e a continuidade do seu milagre. Já os moradores e participantes mais antigos da festa acreditam que a água da fonte era salobra e ficou doce depois da benção de Frei Damião. A **Capela**, onde ficam expostas imagens do frei e onde atualmente são feitas as confissões pelo pároco local e o Monumento Frei Damião, que durante todo o período da festa é visitada por milhares de pessoas.

Figura 03- Elementos Simbólicos



Fonte: ALVES. J. S (2017)

Um lugar bastante visitado é a casa de farinha, não por ser um elemento sagrado, mas porque desperta a memória dos visitantes. Esta é um grande galpão que guarda as máquinas que eram utilizadas pela comunidade para fazer farinha, quando a ABFD também desempenhava um papel social como cursos de capacitação. Hoje é um ponto de encontro, onde as pessoas descansam e fazem refeições durante o período da festa.

Além do espaço sagrado na festa, não que no mesmo não ocorram manifestações profanas, mas em menor amplitude se limitando as bancas de vendedores ambulantes e barracas de alimentação. Fora desse espaço, na rua principal ocorre uma feira com variados produtos (alimentícios, artigos religiosos, lembranças, e toda uma infinidade de produtos) além de bares, restaurantes, jogos de azar e produtos da agricultura familiar. O que atrai dezenas de pessoas tanto para consumir quanto para disputar o território com fins comerciais.

Mas um lugar de grande expressão nesse espaço centrado da festa é um palco coberto no meio da chácara onde ocorre missa campal, os cânticos de benditos (cânticos tradicionais dos romeiros) e os testemunhos de graças alcançadas e onde as pessoas são mais direcionadas.

No espaço da festa existem diferentes elementos considerados sagrados pelo povo, objetos que carregam diferentes significados e que ficam no imaginário dos frequentadores da festa como algo sagrado, mesmo não sendo o Frei Damião canonizado. São os fiéis que canonizam os seus santos e selecionam a representatividade dos espaços sociais e as suas diferentes funções, inclusive as sagradas. Evidente que são as narrativas, os exemplos e as diferentes comprovações imaginárias que reforçam o poder dos espaços, dos símbolos e dos líderes religiosos.

Figura 04: Fonte de Frei Damião



Fonte: ALVES. J. S (2017)

Como a fonte representa um forte elo de identidade entre a figura do Frei com os frequentadores, que acreditam fielmente no milagre da água, ela é um ponto de grande concentração de pessoas, que ao fazerem uso da água é como se estivessem sendo abençoadas pelo Frei, todos querem ao menos tocar, passar em partes do corpo e se tiver sorte e paciência levar um pouco da água.

1.3- ENTRE RITUAIS, A VIVÊNCIA NA FESTA

No dia da Festa, as pessoas chegam cedo entre sete e oito horas da manhã, depende do local da partida. O que nos últimos anos vem sendo bastante diferenciado, não apenas de cidades Alagoanas, mas cada vez mais de fora do Estado. Durante o processo etnográfico, ficou evidente que o fato de chegar no Distrito de Canafístula, já marca o início da festa, ou seja, pois não é um ritual em si que marca o início, mas todo o processo, na saída apara a festa, quando a comunidade se organiza em acordar cedo e esperar o ônibus, o clima de

expectativa e animação antes da chegada, tudo isso provoca o clímax. Ao chegar no ambiente, a pessoa já vem contaminada e transportada para temporalidade e realidade diferentes do de seu cotidiano. Assim como aponta Perez (2002), quando afirma que “a festa tem uma realidade e uma dinâmica própria, o que possibilita toma-la como objeto autônomo e heurísticamente produtivo para a compreensão das variadas formas de viver a experiência humana em sociedade” (PEREZ, 2002, p. 18).

O processo etnográfico foi pensado em diferentes fases do acontecer da festa, num primeiro momento realizado no dia 03 de junho de 2018, foi feita uma primeira aproximação com um olhar mais livre, sobre as características gerais da festa, organização espacial e público. Tudo foi registrado em caderno de campo, sendo que resultou na produção de várias imagens e vídeos que serão usados durante a pesquisa. No segundo momento da pesquisa, quando as ideias já estavam mais amadurecidas, busca-se respostas mais focalizadas e detalhadas, o que exige um período de tempo e dedicação maior, foram pensados em oito dias, de 29 de outubro a 05 de novembro, para acompanhar o processo antes, durante e depois da festa. Além de acompanhar o processo, realizar a pesquisa exploratória, com a aplicação de questionários e entrevistas.

Uma terceira etapa importante da pesquisa etnográfica e como os dados e informações coletados serão analisados. Para o desenvolvimento do trabalho escrito será necessário usar recursos como imagem, demonstrar as informações coletadas através dos questionários e entrevistas. Fica claro que esse desenvolvimento do processo etnográfico foi pensado durante a preparação do mestrado, algo mais formal e acadêmico, mas para esse trabalho também estará presente as experiências do pesquisador, as vivências e as memórias, de toda uma vida frequentando a festa. Essas experiências estarão presentes no olhar, no contato com as pessoas e na experiência de conhecer o objeto.

❖ PRIMEIRO PROCESSO ETNOGRÁFICO 03 DE JUNHO DE 2018

Eu nunca tinha prestado atenção como os fiéis ficam dando voltas no altar dessa capela, seguem um mesmo ritmo, seguindo uma fila, um atrás do outro, ficam dando três voltas e na última se ajoelham diante o altar (observações caderno de campo, escrito em 03 de junho de 2018)

Existe um dito popular na festa que expressa todas as ações dos indivíduos, que é falado por grande parte das pessoas que está na festa, ***vou primeira fazer minhas obrigações!*** Tentando compreender essa fala, seguido de observações, dividi essas obrigações em dois momentos, ***Obrigações individuais e obrigações coletivas***. Como obrigações individuais, entende-se, que o devoto chega, e faz primeiro a visita aos lugares que ele considera mais importante o que a pesquisadora intitula de lugares sagrados.

Observando o percurso, percebi que essas obrigações individuais começam já na entrada do Distrito, todos que chegam se direcionam para a estátua, lá fazem um primeiro contato com o Frei, são diversas as manifestações de fé e devoção. As pessoas rezam, cantam benditos, conversam com o a estátua do Frei e registram o momento em fotografias ao lado de amigos e familiares. Depois percorrem toda a extensão da feira até a chácara, onde é concentrada a Associação Beneficente Frei Damião, lá o segundo local a ser visitado, e o memorial, onde ficam a cama e objetos pessoais do Frei, as pessoas oram, depositam objetos (ex-votos), fazem suas ofertas e contribuições, e depositam objetos diversos para serem benzidos.

Em seguida entram na fila para chegar até a estátua que fica no centro da Associação. Esse processo dependendo do horário pode durar horas, são inúmeras pessoas, não importa se estiver muito quente ou chovendo muito, as pessoas só saem da fila depois de alcançar seu objetivo, nesse momento a obrigação é individual, pois cada um tem seus pedidos e vivências, mais o processo de espera e comunhão com o outro torna o processo um momento coletivo.

Figura 05- Fila para a estátua de Frei Damião



Fonte: ALVES. J. S (2017)

A estátua não é um lugar de animações e exaltações, é um lugar de silêncio, sacrifício e entrega. Muitos sobem de joelhos e amarram fitas como forma de penitência ou agradecimento. Todos oram e passam a mão com muita delicadeza e cuidado sobre o rosto da estátua, como se realmente fosse o rosto do Frei, com respeito e devoção. Um lugar onde a paciência e o cuidado com outro são evidentes. Saindo da estátua partem em direção a fonte de Água, onde maioria molha a cabeça e partes enfermas, e enchem garrafas com a água. Seguindo as obrigações, entram na capela, e acontece algo que considero um marco ritual, os devotos enfileirados dão três voltas no altar. Ao observar essa ação ritual, fui em diferentes lugares para uma reflexão.

Existem vários rituais no catolicismo popular que são vistos em diferentes lugares sagrados, mas com o mesmo propósito. Por exemplo, Em Juazeiro do Norte as pessoas fazem essa mesma ação ritual, elas dão três voltas entorno do cajado do padre Cicero, também na Romaria de Santa Quitéria e Mãe Rainha em Pernambuco as pessoas passam três vezes em baixo da mesa onde

está a estátua da santa. Isso ocorre em diferentes festas e objetos católicos. Sobre o conceito de ritual, Cavalcanti afirma “que a noção de ritual tem sido para a antropologia um modo profícuo de articular a reflexão sobre natureza simbólica do comportamento e da ação humana” (Cavalcanti, 2010, p. 101). Para ela o ritual em sua forma mais restrita, indica certos processos culturais que, na percepção de seus próprios agentes, ocupam um tempo e um espaço extraordinários, que não são praticados na vida cotidiana.

Qual o significado desse ritual, as interpretações podem ser diversas não conheço estudos sobre esse caso específico de ritual, no caso do altar da capela em Canafístula, ao questionar os devotos, as respostas da maioria têm a ver com benções, outros simplesmente acreditam que tinha que ser feito, e há ainda aqueles que pagavam promessas dessa forma. Acredito fortemente que essas pessoas incorporam esses rituais dessas outras festas e romarias e transformam esse gesto em mais um momento que precisa ser vivenciado. Dessa forma, como aponta Cavalcanti, esse gesto trata-se de um ritual pois o mesmo ocorre em tempo e espaço específico, como no caso da capela, fora do cotidiano. Nesse ritual de ficar dando voltas se encerra o que compreendi ser as obrigações.

Qual foi a interpretação dessa sequência de todo passeio complementada da fala, *já fiz minhas obrigações*? Quando pergunto a um devoto, independentemente da idade, sexo, ou posição social, sobre a visita, e ele tem como resposta essa fala, isso leva a pensar em todos os espaços sagrados que ele percorreu, logo o que entendo por sagrado para o devoto são obrigações, quando ele fala que já fez ou vai fazer primeiro as obrigações, entendo que depois ele vai ficar livre para outros aspetos da festa, andar na feira, comprar lembranças, interagir com pessoas, fazer refeições, não que nessas obrigações não tem a interação, mas é um momento onde os sentimentos individuais são mais específicos. Muitas pessoas que observei, inclusive o grupo que estava acompanhando, logo depois de fazer as obrigações, retornavam para o ônibus para tomar o café da manhã, outros já faziam o percurso das obrigações levando consigo as sacolas com alimentos feitos em casa, e em seguida faziam as refeições na chácara mesmo, e o um terceiro grupo comprava seu alimento no local.

Depois do café da manhã, seguindo o passeio, depois da capela alguns partem para casa de farinha, isso já fora do que a pesquisadora considera ser obrigações, outros ficam na frente do coreto onde durante a manhã tem apresentações de grupos musicais católicos e os cantos de benditos. Ainda para muitos o conjunto de obrigações só se encerra depois de subir ao coreto e cantar um bendito, como forma de agradecimento ou pedido. Essas obrigações variam em cada devoto, mas em sua maioria significa o conjunto de coisa que precisa ser feita ao chegar na festa.

Durante todo o dia ocorrem demonstração de fé e louvação, no coreto que a parte central da Associação e onde ocorre outros rituais importantes, não só rituais simbólicos mas políticos, como no caso da fala do ex-deputado o senhor Antônio Ferreira, como já é de costume e de outras autoridades políticas, às 14 horas começa os rituais que reúnem os devotos no que entendo por obrigações coletivas. Reunidos em frente ao Coreto saem em procissão percorrendo a principal rua da cidade, até a estátua na entrada do Distrito, o percurso todo ocorre de forma lenta, por conta do número de pessoas, e das barracas no caminho, com duração total de entre 1 h e 1:20, ao retornar a procissão até a chácara inicia o que é o ápice da festa a celebração da missa. Que termina por volta das 16h30, com a benção final. Antes da benção o padre responsável pela celebração o senhor Antônio Ferreira fez alguns avisos para a festa seguinte. Segundo ele a festa precisa ser mais organizada, que a rua principal por onde passa a procissão precisava ficar mais livre, e que ia criar já na próxima festa um espaço destinado para os feirantes, encerrou a fala para o padre dar a benção. Com todos saindo em direção aos seus transportes e retornando as suas localidades dando assim por encerrado a festa, não apenas por aspecto de ação final mais simbólica.

▪ **O momento da Procissão o entrelaçamento entre o sagrado e o profano, a Rua a Feira e a Devoção**

A procissão é o momento mais aguardado, onde muitos esperam para pagar suas promessas, sentir-se mais perto de frei ou fazer a sua última devoção. É o momento onde todos expressam publicamente seus sentimentos e sua fé, onde todos ocupam o mesmo espaço em nome de um objetivo comum, um momento de cultuar o Frei Damião, tido como santo por todos. Nesse

momento não existe distinção de classes, egos ou escolhas individuais, todos seguem um ritmo determinado, o tempo estabelecido pela procissão, as mesmas dificuldades, o calor, o aperto.

Esse ritual é existente desde a antiguidade, entre os pagãos, contudo teve seu apogeu, como ritual cristão, na Idade Média, as de maior importância se deram na Península Ibérica, quando era planejada como grande acontecimento religioso social, com rituais próprios e participação em massa de fieis (Andrade, 2009).

A procissão é uma expressão materializada da linguagem religiosa da experiência autêntica. A forma de caminhar se caracteriza de diversas maneiras com diferentes significados, pode ser um momento de individualidade (mesmo que realizado coletivamente), experiencial, simbólico, manifestação de fé e de crença em algo. Pode ser lido como passagem, como ato devocional (Rosendahl, 2002), existem os que catam os benditos participando do coletivo, ou aqueles que mesmo no coletivo mantém suas orações e pedidos individuais, caracterizando um momento único da festa, de caráter sagrado.

Figura 06- Ritual da Procissão



Fonte: ALVES. J. S (2017)

O que é muito interessante para a pesquisa é perceber os conflitos entre o sagrado e o profano no momento da procissão. Mas realmente o conflito existe? O que parece ser um momento caótico na verdade funciona com grande harmonia, no caminho da procissão uma infinidade de produtos(artigos religiosos, alimentícios, decorativos etc.), além de artistas populares, manifestações culturais, jogos de azar, carros de som, barracas de espetinhos, bares improvisados, enfim diversos elementos considerados profanos que estão distribuídos em centenas de barracos, ou em outras estruturas, que não obedecem uma ordem e sim uma grande desordem, um emaranhado de confusão, todos disputam do maior ao menor espaço.

Porém durante o acontecer da procissão todos se preparam e ocorre o que parecia ser impossível um breve momento de organização, à medida que a procissão avança, o espaço da rua se reconfigura, e a confusão aparente passa por um momento de organização e ocorre um entrosamento, mesmo os que não estão ali pelos motivos sagrados, naquele momento participa do momento, seja apenas uma simples observação, ou fazendo o sinal da cruz, todos são tomados daquele momento ritual. Seja por um breve momento da ida e na volta, a feira, a rua e a devoção se cruzam e se complementam com um todo no processo da festa.

A retomada para casa marca a volta da temporalidade e da realidade cotidiana antes deixada de lado no começo da festa, mas também deixa a perspectiva da próxima que vai ocorrer no dia 04 de novembro. Além da observação participante, acompanhado no trajeto, o processo etnográfico relevou a estrutura da festa, além do anúncio de possíveis mudanças na estrutura física e na ordem para a próxima festa. Isso pode acarretar uma profunda mudança da estrutura física e até mesmo na ordem das obrigações, será que essas mudanças ocorreram?

❖ **SEGUNDO PROCESSO ETNOGRÁFICO 04 DE NOVEMBRO DE 2018**

Como foi anunciado na festa que ocorreu em junho, a pesquisadora já vai para festa cheia de expectativas e questionamentos sobre possíveis mudanças. Ao chegar na festa, de maneira tradicional como muitos devotos

de Frei Damião, em um ônibus fretado, fui logo observar se os participantes que é como eles se intitulam estavam seguindo as obrigações, no primeiro momento sim, todos que chegavam se aproximavam da estátua fazendo todo o processo de oração, agradecimento e devoção. Em seguida o que percebi causou um certo espanto e de imediato outros questionamentos para a pesquisa.

Diferentemente da festa que correu em junho, grande maioria que tinha como primeira ação fazer as obrigações visitando os espaços sagrados, foram direcionados para a Igreja matriz do Distrito. Parece ser algo normal, o problema é que em festas anteriores não existia uma aproximação relacionada a Festa por parte dos visitantes com a igreja local. Tinha a missa na igreja, porém era direcionada para a comunidade, poucas pessoas que viam para a festa ficavam na missa. Talvez pela relação espaço oficial para a igreja católica no caso da igreja e o espaço não oficial como a associação, parecia que em um primeiro momento na festa anterior, não era uma relação tão fluida, tinha um certo afastamento.

Toda a festa era direcionada ao espaço central da chácara a Associação Beneficente de Frei Damião, e também a única missa direcionada a Festa, como no caso o que era divulgado na imprensa, só ocorria com o fim da procissão, essa missa pela manhã não fazia parte da programação da festa, até o que pode ser percebido no relato anterior. Mas nessa Festa de novembro a missa pela manhã ocorreu de forma que integrasse a comunidade, toda ela, inclusive a igreja e a Associação. O que nesse momento da Festa inverte as obrigações, primeiro passando a ser coletiva depois individual, muitos não se dirigiram a igreja e foram direto para Associação Frei Damião seguir seu planejamento de fazer as obrigações mencionadas no processo anterior, mas uma parte considerável ficou na missa. O que de imediato causou vários questionamentos, em pensar o que levou essa integração entre a parte oficial da igreja e aparte não oficial a associação? Isso pode ser um acordo, o fim ou o início de algum conflito? Pode provocar mudanças na estrutura da festa?

Tirando a surpresa dessa integração parte oficial no caso da igreja, dentro da programação da festa, o mais ocorreu dentro do que era esperado, as pessoas faziam suas obrigações, individuais, se dispersavam e voltava a fazer

nos rituais da procissão e da missa as obrigações coletivas. Mas não foi apenas a surpresa da missa que chamou a atenção, e sim outras formas de estruturas e manifestações presentes na festa, algo bastante considerável foi a presença dos Food truck, dentro da associação que vendia basicamente sanduíches, inicialmente pode não ser considerado um fato importante, mas se tratando da festa em questão, trata-se de novas estruturas, modernas levando em consideração uma festa tradicional religiosa e o público que frequenta a festa.

Figura 07- Food Truck



Fonte: ALVES. J. S (2017)

Não é o elemento em si, mas o que ele representa. São alimentos rápidos, que atendem um público diferenciado e em sua maioria os mais jovens como os que estão na imagem. Essas estruturas tendem a se multiplicar na festa e trazer novos hábitos, muitas pessoas levam seus alimentos, muitos se alimentam nas barracas, casas e restaurantes e agora tem outras opções mais dentro dos contextos globais de alimentação como no caso do sanduíche. Se pensar que no Distrito em dia comum não tem esse tipo de estrutura, torna-se uma novidade inclusive para a comunidade.

Assim, na Festa de Canafístula, observa-se além do dinamismo, um espaço atemporal, o que provoca mudanças nas identidades e suas complexidades faz de cada Festa um momento único, um novo momento. Caso ocorram as mudanças anunciadas, podem provocar diversas alterações, o que leva a refletir sobre o tempo, pois ao longo dele, certas modificações ocorridas ou que ainda podem ocorrer podem modificar o contexto sócioespacial do acontecer festivo, principalmente nos rituais sagrados e nos aspectos profanos. Como afirma Canclini (1983, p. 128) as Festas sintetizam simbolicamente e materialmente as mudanças que ocorrem no local, como um fenômeno global, que abrange todos os aspectos da vida social”, ainda segundo ele:

A Festa mostra o papel do econômico, do político, do religioso e do estético no processo de transformação-continuidade da cultura popular. Temos visto que os rituais, a sua repetição, desaparecimento e inovação podem ser lidos como esforços voltados para uma intervenção no processo de remodelação das suas estruturas sociais. (CANCLINI, 1983, p. 128)

Dessa forma compreende-se que a festa acompanha o ritmo da vida cotidiana com seus vários agentes de transformação, o que também reflete na relação entre identidades e simbolismos, o que determina o uso do tempo e do espaço na Festa.

CAPÍTULO II- ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA, OLHARES TEÓRICOS, REFLEXÕES E DIRECIONAMENTOS.

A ciência geográfica como vários outros campos científicos, se utiliza de categorias e de conceitos principais como forma de orientar e recortar o objeto de estudo. De forma geral, o espaço geográfico e todas as interações sociais e naturais fazem parte desse objeto. Outras categorias da Geografia como: paisagem, território, região e lugar são formas de estudo desse espaço geográfico. Para essa pesquisa, devido ser um determinado espaço físico e temporal que envolve trocas culturais entre indivíduos e relações de poder, trata-se sobretudo do estudo do espaço Geográfico, tendo como conceito chave o território.

Para conceituar essas categorias, serão utilizados tanto os autores da geografia tradicional, quanto os autores da geografia Cultural, sendo essa, um importante elo de estudo sobre a influência cultural dos povos. Segundo Almeida (2008)

Esta Geografia consciente de sua sub flexibilidade, busca nos discursos, nas práticas espaciais, nas representações dos homens, suas racionalidades e sentimentos de pertencimento, as coerências e contradições para conhecimento do lugar, das regiões e dos territórios. (ALMEIDA, 2008, p. 316)

Buscar no estudo da Geografia cultural, é buscar entender as relações entre o homem e o espaço, e como essa relação pode ser compreendida de diferentes formas, o que transforma a geografia e um ciência mais flexível, que vai mas fundo no objeto, levando em consideração não apenas as interações mais um vasto mundo de significados, interações e trocas.

Quando pensamos no estudo do espaço Geográfico, pensamos em algo vasto e complexo, não imaginamos que o espaço possa ser estudado em escalas menores, não apenas o global mas o local, as particularidades, as comunidades, onde o espaço vivido e as relações cotidianas ganham protagonismo, principalmente com os estudos sobre as culturas populares. Nesse sentido uma importante contribuição para o estudo da geografia cultural sobre o espaço foi dada por YI-Fu Tuan (2013) quando o mesmo considera os sentimentos espaciais as ideias de povo sobre o espaço. Com isso o autor parte

da experiência que existem vários espaços a partir das experiências humanas. Nesse sentido Correia contribui com uma conceituação da categoria Espaço:

Eis o espaço geográfico, a morada do Homem. Absoluto, e relativo, concebido como 'planície isotrópica, representando através de matrizes e gráfos, descrito através de diversas metáforas, reflexo e condição social, experienciado de diversos modos, rico em simbolismo e campo de lutas, o espaço geográfico é multidimensional. Aceitar esta multidimensionalidade é aceitar por práticas sociais distintas que, como Harvey (1973) se refere, permitem construir diferentes conceitos de espaço. (CORREIA, 2000, p. 44)

Pode-se entender o espaço social, como aquele que é apropriado, transformado e produzido pela sociedade. Com isso, fica claro que não se está falando de um nível de abstração como o das conceituações de espaço dos matemáticos, dos físicos e de vários filósofos (Como Immanuel Kant, por exemplo). "Assim como o espaço geográfico, em uma primeira aproximação, e que igualmente precisará ser complementada, à superfície terrestre apropriada, transformada e produzida pela sociedade. " (SOUZA, 2013, p. 22)

Pensando no caso do estudo que tem como elemento a religiosidade popular, Rosendahl (2013) traz importantes reflexões. A mobilidade do espaço sagrado no catolicismo popular brasileiro pode ser exemplificada nas festas dos santos por exemplo. A festa religiosa é a mescla de elementos da igreja Católica e das tradições populares da cultura local, pois em muitas festas, o mesmo espaço é dividido em o circuito sagrado e o profano.

Para Yi-Fun Tuan (2013) o espaço mítico é uma extensão conceitual dos espaços familiar e cotidiano dado pela experiência direta. Os mundos da fantasia são construídos sobre pouco conhecimento e muita criatividade. Um fenômeno menos conhecido é o espaço mítico "impreciso" que envolve o campo da atividade pragmática, com o qual não nos preocupamos conscientemente e que é, no entanto, necessário ao nosso sentido de orientação- de sentirmo-nos seguros no mundo. A escolha da categoria espaço, nesse primeiro momento se dá pela confluência do olhar sobre território. Muitas vezes, a pesquisa se debruça sobre um dado território, quando na verdade são vários territórios. O estudo sobre o espaço possibilita essa visão mais ampla e com mais liberdade do pesquisador.

Se tratando de relações de poder, envolvendo um dado espaço, essa pesquisa pretende ser desenvolvida com um olhar mais direcionado sobre a categoria território, sendo assim, é necessário entender o conceito de tal categoria de análise, para se ter a delimitação dos fenômenos religiosos e culturais que ocorrem em Canafístula e como esses fenômenos influenciam no espaço alagoano. Assim como afirma Souza (2000, p. 77) “o território, é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. Se tratando da festa que ocorre em Canafístula, é necessário compreender quais os grupos (moradores, comerciantes e organizadores), que concentram maior poder sobre o uso do território, ou se existe acordos entre esses diferentes grupos.

Sobre essa relação de poder, Souza (2000) deixa evidente que o “poder” corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo” (SOUZA, 2000, p. 82). Ainda sobre essa categoria, pode ser dada a impressão que o caso da festa analisada em Canafístula apresente uma escala bastante resumida e além disso só ocorre em alguns dias do ano, por isso pode parecer que não deve ser problematizada como território, sobre a escala que pode ser determinada um território.

Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p. ex., uma rua), à internacional (p. ex., a área formada pelo conjunto dos territórios dos países membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte- OTAN); territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escala temporais mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica. (SOUZA, 2000, p. 83).

Na análise de Raffestin (1993), a construção do território revela relações marcadas pelo poder”. Assim, faz-se necessário enfatizar uma categoria essencial para a compreensão do território que é o poder exercido por pessoas ou grupos sem o qual não se define o território. Poder e território, apesar da autonomia de cada um, vão ser enfocados conjuntamente para a consolidação do conceito. Assim, o poder é relacional, pois está intrínseco em todas as relações sociais.

No estudo do território e da religiosidade é interessante perceber a interação com o homem, já que o território está presente nas várias dimensões de análise cultural, política e econômica. Para Rosendahl (2013) o território é

dividido em lugares do cosmo, que estão profundamente comprometidos com o domínio do sagrado e como tal, marcados por signos e significados e em lugares do caos que designam uma realidade não divina. O cosmo qualifica-se como território sagrado, enquanto o caos representa ausência de consagração, sendo um território profano, não religioso. Nesse sentido pretende-se analisar como está disposto a organização territorial da festa, observando a dominação dos elementos sagrados e dos elementos profanos, e como ocorre a relação entre eles no dado espaço.

Atualmente, o território, impregnado de significados, símbolos e imagens, constitui dado segmento do espaço- via de regra delimitado- que resulta da apropriação e do controle por parte de determinado agente social, um grupo humano, uma empresa ou uma instituição. Na realidade, o território é um importante instrumento da existência e da reprodução do agente social que criou e o controla. Apresenta, além do caráter político, um nítido caráter cultural, especialmente quando os agentes sociais são grupos étnicos, religiosos ou de outras identidades. (ROSENDHAL, 2013.p. 174)

Se tratando do caso específico da festa, é interessante perceber como ocorre as formas de controle, tanto por parte das lideranças locais, como das lideranças oficiais, e como o território da festa ajuda na manutenção ou reprodução desses agentes controladores e como isso afeta a festa e a comunidade. Ainda sobre o controle territorial, Rosendhal (2013) contribui, afirmando que a territorialidade religiosa, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar certo território, onde o efeito do poder sagrado reflete uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútuo. A territorialidade é fortalecida pelas experiências religiosas coletivas ou individuais que o grupo mantém no lugar sagrado e nos itinerários que constituem seu território. De fato, é pelo território que se encarna a relação simbólica que existe entre cultura e espaço. Outra importante contribuição sobre o conceito de território no âmbito da geografia cultural, é dada por Almeida (2008)

O território é, antes de tudo, uma convivialidade, uma espécie de relação social, política e simbólica que liga o homem a sua terra e, simultaneamente, estabelece sua identidade cultural. Nestas condições, compreende-se de que maneira o significado político do território traduz um modo de recorte e de controlar o espaço, garantindo sua especificidade, e serve como instrumento ou argumento para a permanência e a reprodução dos grupos humanos que ocupam. (ALMEIDA,2008, p. 318)

A questão da territorialidade reflete também na construção da identidade, na dominação territorial, as práticas simbólicas revelam muito da identidade das comunidades e dos grupos. A escolha da categoria território, é importante pois através da mesma é possível identificar relações com a construção de identidades.

No sentido das modalidades práticas e simbólicas pelas quais um grupo define e controla seu território, a territorialidade revela a identidade do lugar; ela é, ao mesmo tempo, o produto e a expressão de um ponto de vista interno e inclusivo. Mas a noção de territorialidade parece demandar a ultrapassagem desse único ponto de vista: como referência identitária, o território define tanto aquilo que lhe pertence como a aquilo que ele exclui. Para compreender plenamente a expressão territorial do grupo, nos beneficiamos ao examinar a maneira como o grupo percebe e representa seu “outro”, inimigo ou vizinho, e como esse “outro” contribui para soldar a coesão interna do grupo identitário (BOSSÉ. 2013, p. 228).

No processo de identidade, também ocorre o fator diferenciação, para essa pesquisa será fundamental pensar a identidade e diferença, onde os usos do território serão determinantes para a compreensão sobre os elementos culturais na festa. Esse olhar sobre o território, permite estabelecer um entendimento sobre as relações do distrito com o município o qual pertence, revelando de que forma se dá a relação entre nós e eles.

Não é fácil delimitar o campo de estudo, quando falamos de Categorias culturais. Durante a pesquisa sempre surgem novas interpretações que privilegiam determinados conceitos. Refletir sobre processos culturais é adentrar em um mundo desconhecido, com encruzilhadas, e longas estradas, muitas vezes o caminho parece difícil, porém no começo da caminhada ou ao longo do percurso é possível encontrar desbravadores corajosos que contribuem teoricamente com a pesquisa apontando a direção ou orientando para o caminho mais correto.

A cultura é campo de estudo de várias ciências. No caso das ciências sociais a busca se concentra no entendimento da sociedade e no seu funcionamento e como os indivíduos se deixam moldar pela cultura através de regras, símbolos e códigos, impostos ou não, que são assimilados, interpretados e incorporados, neste caso é importante perceber como a partir da vivência com esses elementos interfere na interação social. Sobre o papel da cultura nas

sociedades Schwartzman (1997) aponta no seu trabalho a redescoberta da cultura como um campo de estudo que deve ser explorado, assim afirma:

As pessoas, em sociedade, compartilham valores e crenças, que são suas “orientações culturais” (cultural biases). Além disso, elas mantêm relações entre si. Uma cultura é um modo de vida (way of life) que integra, de forma viável, orientações culturais e relações sociais. Essa viabilidade depende da coerência entre as orientações culturais e as formas de interação social, o que depende, por sua vez, da estrutura social da qual os indivíduos participam. (SCHWARTZMAN, 1997, p. 47)

Assim, o autor coloca a cultura como sendo um modo de vida que depende das estruturas sociais que os indivíduos estão inseridos. Entender essas formas estruturais é fundamental, mas principalmente, buscar alternativas pois não é que um indivíduo pertence a determinada estrutura social que ele não conheça e não interaja com outras formas culturais de estruturas sociais diferente da sua. Na verdade, quando se pensa em termos culturais, o dinamismo e as interações são constantes, o que torna a cultura um campo complexo e cheio de interações sociais.

Ainda sobre o conceito de cultura, Silva (2006, 78) afirma que:

Cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideais e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica. (SILVA, 2006, p. 78)

Dessa forma buscamos compreender cultura nesse contexto como sendo uma forma de manifestação dos sentidos humanos, como aponta Wagner e Mikesell.

Uma propriedade ou atributo inerente aos seres humanos, ou meramente um artifício intelectual para se generalizar convenientemente a respeito de atitudes e comportamentos humanos, “cultura” é uma chave para a compreensão sistemática de diferenças e semelhantes entre os homens. A noção de cultura considerada não indivíduos isolados ou quaisquer características pessoais que possam possuir, mas comunidades de pessoas ocupando um espaço determinado, amplo e geralmente contínuo, além das numerosas características de crença e comportamento comuns aos membros de tais comunidades” (WAGNER; MIKESELL, 2007, p. 28)

A cultura pode ser de diferentes formas, individual e coletiva, assimilada e transmitida, num constante ritmo de interação e transformação, que envolve todas as dimensões sociais. Seu estudo remete um vasto campo de análise, dotado de diferentes conceitos e significados, seu estudo pode ser bastante

revelador sobre os vários costumes das comunidades e suas estruturas políticas, econômicas e culturais.

No âmbito da Geografia Cultural uma importante contribuição é dada por Paul Clavau (2007) quando o mesmo leva em consideração a cultura como um bem a ser transmitido e incorporado por gerações, segundo ele:

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumuladas pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. Não é, portanto, um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio. (CLAVAU, 2007,p. 63)

Dessa forma Clavau deixa evidente que a cultura se apresenta de forma dinâmica que pode ser acumulada e também transformada por diferentes agentes modificadores, do tempo e no espaço, contextualizando com várias perspectivas de diferentes modos de vida, que interagem e modificam, os comportamentos, os saberes e as técnicas.

O termo cultura popular para essa pesquisa será sempre pensado no plural, tendo em vista ser um processo dinâmico e de múltiplas características, fugindo sempre de uma ideia romantizada e estática, como afirma Certeau (2013, p.63) é preciso fugir de definições que aproximem a cultura popular associada ao natural, ao verdadeiro, ao ingênuo como faziam os folcloristas. Pensando em fazer uma pesquisa fenomenológica de cunho qualitativo, onde a interpretação, os sentimentos e as visões de mundo do pesquisador e do pesquisado são levados em conta, é preciso para isso desenvolver um olhar multirreferencial, entendendo que esse olhar é pautado na não separação entre sujeito e objeto, pois a efetividade também é válida na pesquisa, não levando apenas em consideração o método e teoria mais também interpretação do pesquisador, que não tenta controlar a pesquisa a todo custo mais que é flexível e se deixa em alguns momentos se moldar a ela. Para se ter o entendimento da cultura popular já que o termo popular remete a algo oposto a cultura de elite, por isso é necessário um diálogo para entender que popular e esse? O que

podemos chamar de cultura popular ou determinar o que não é popular? Essa é a complexidade que precisa ser discutida.

O termo cultura popular e suas significações, pode ter diferentes significados dependendo do contexto. Na geografia por exemplo, vai depender da localização espacial e das condições físicas (clima, relevo hidrografia) moldando a vivência de cada povo, pode ser abordada com fins técnicos como na agricultura (técnicas de cultivo, cultura de grãos), pode ser interpretada como forma de comportamento ou costumes que identificam determinada classe social como a etiqueta, as danças, o vestuário e alimentação, ou até mesmo formas e produção do conhecimento científico ou do senso comum.

São muitas as considerações sobre os usos do termo cultura popular, o que leva a diferentes interpretações que dificulta numa definição objetiva. Nesse sentido é necessário dialogar com autores que estudam a cultura popular, e buscar entender as práticas culturais e seus significados, os rituais, a visão de mundo dos indivíduos e como essas relações moldam as práticas sociais e o cotidiano. No pesquisar da festa, é preciso ter um olhar atento a todas as possibilidades onde estão inseridos vários contextos simbólicos em que gera muitas interpretações e identificação por parte dos grupos, nesse sentido é preciso entender os significados e como as pessoas são afetadas por essas práticas culturais. Dessa forma cada pesquisador tem forma de interpretação o que vai ser diferente e olhar e com isso o direcionamento da pesquisa.

Estudar a cultura popular não é um trabalho fácil principalmente compreender quando uma manifestação é considerada popular ou não, quais as características, quais os acontecimentos que tornam algo popular. Para esse momento é necessário realizar um diálogo com o autor Peter Burke e sua obra cultura popular na Idade Moderna, pois o mesmo vem contribuir para um estudo inicial da cultura popular, mesmo que seja na Europa não deixa de ajudar na investigação do estudo das várias formas de desenvolvimento e manifestações da cultura popular, pois se for levado em consideração que o Brasil foi colônia de um país europeu e que muito das nossas tradições culturais são originárias ou tem influência desse período não é diferente com a cultura popular.

O termo popular está atrelado ao termo povo, esse por sua vez pode ter diferentes conotações, depende dos agentes que fazem uso do termo, pode ser empregado de forma política para determinar uma classe, como por exemplo o povo trabalhador, pode ser usado para distinguir elementos econômicos, como por exemplo feito para o povo, e também cultural quando define o popular como cultura do povo diferente da cultura erudita. Geralmente o termo povo remete as classes com menor poder aquisitivo, ou apenas como uma forma de delimitar pessoas de um determinado espaço, como por exemplo: o povo da região norte. Mas o que interessa é saber os usos do termo popular na cultura, o que pode ser percebido que se trata de um assunto bem complexo.

Não é fácil chegar a conclusão acerca do conceito de cultura popular, talvez nunca seja possível defini-la de forma rígida, a cultura popular abrange uma série de manifestações que devem ser interpretadas de diferentes formas e pontos de vistas. A cultura popular discutida nesse trabalho tem como característica a dinamicidade, as características de um grupo, seja ele local, regional ou nacional, ou apenas por representatividade são manifestações que identificam, evidenciam, representam um grupo ou vários grupos sociais. Dentro do vasto campo da cultura popular encontram-se a cultura de massa, o folclore que não são isoladas, e sim identificadas nesse trabalho como parte integrante da cultura popular ganhando novas características e novas roupagens.

Ainda sobre esse afastamento Burke (1989) vem contribuir, afirmando que não foi apenas a língua das pessoas comuns que foi rejeitada pelas classes superiores, e sim toda a sua cultura. A mudança de atividade que marcou sua retirada da participação nas festas populares, o clero a nobreza e igualmente a burguesia estavam interiorizando a moral da ordem e do controle.

Essa retirada das classes altas da cultura do povo leva a uma reflexão sobre a diferenciação entre cultura popular e cultura erudita, pois como apontou Burke (1998) nos seus estudos sobre a cultura popular da Idade Moderna, quando o mesmo faz referência ao modelo de Redfield apontado por Burke (1998) onde era apontado duas tradições culturais, a "grande tradição" da minoria culta e a "pequena tradição" dos demais. Porém Burke (1998) faz críticas e uma discussão, com relação a esse modelo contestando o isolamento de uma das categorias apresentada, pois os membros da grande tradição também

usufruíam da pequena tradição como uma segunda cultura já os que faziam parte da pequena tradição era de forma única e limitada. O autor apresenta argumentos cruciais para o entendimento da diferença entre cultura popular e cultura erudita, o autor aponta para os códigos que era preciso dominar, a linguagem era um desses códigos, e ter certa forma de educação para fazer parte da grande tradição, o autor aponta que o clero também frequentava a cultura popular.

A grande tradição era transmitida formalmente nos liceus e universidades. Era uma tradição fechada, no sentido em que as pessoas que não frequentavam essas instituições, que não eram abertas a todos, estavam excluídas. Num sentido totalmente literal, elas não falavam aquela linguagem. A pequena tradição, por outro lado, era transmitida informalmente. Estava aberta a todos, como a igreja, a taverna e a praça do mercado, onde ocorriam tantas apresentações. (BURKE, 1989. p. 70)

Assim fica claro que a cultura erudita diferencia da cultura popular não apenas pela diferença de classes, mas porque tanto a cultura erudita quanto a popular são formadas por códigos e linguagens específicas, não significa que algo por ser considerado erudito seja mais crítico e mais elaborado, apenas apresentam códigos e significados que são transmitidos e elaborados de forma diferentes. No caso da cultura erudita, alguns códigos requer um certo grau de instrução e até mesmo formação específica. Como Burke (1998) aponta a grande tradição é fechada a pequena tradição era aberta a todos, ficando claro que os nobres, clero e burguesia tinham acesso à cultura popular não como oficial mais como uma segunda cultura.

Dessa forma Burke deixa claro que a diferença cultural crucial nos inícios da Europa moderna estava entre a maioria, para quem a cultura popular era a única cultura, e a minoria, que tinha acesso apenas a cultura popular. Então se for levado em consideração a afirmação de Schwartzman (1997), na introdução desse trabalho de que a cultura é um modo de vida e que a viabilidade depende da coerência entre as orientações culturais e as formas de interação social, o que depende, por sua vez, da estrutura social da qual os indivíduos participam. O fator econômico, social vai ser determinante para determinar o tipo de cultura que será vivenciada e reproduzida.

Alguns estudos abordam a cultura popular como sinônimo de folclore. Ele é definido ainda em diferenciação a outros termos como cultura erudita e cultura de massa. Nesse estudo, a cultura popular será entendida como um conceito plural, entendido de diversas formas em diferentes contextos.

A cultura ao longo da história humana foi entendida como um processo dinâmico, que passa por diversas transformações. Nesse aspecto, a cultura popular também é dinâmica. Sobre isso Arantes (2010) vem contribuir, afirmando que:

Nesses espaços “ alternativos”, fragmentários e dispersos, embora conquistados a duras penas e com muito empenho, pequenos grupos de vizinhos, amigos e parentes, companheiros de trabalho, de igreja desenvolvem as suas formas de expressão, a partir da maneira de pensar, sobretudo de organizar conjunto de relações sociais capazes de tornar viáveis, política e materialmente, as suas atividades”. (ARANTES, 2010, p. 76)

Nesse contexto, a cultura popular precisa ser entendida como um conjunto diverso, composto por várias manifestações, atividades artísticas, técnicas, objetos, rituais, vivências, que identifiquem os indivíduos e possivelmente o grupo em que ele está inserido. As culturas populares auxiliam na percepção de mundo dos diferentes atores sociais que as praticam, na sua forma de pensar, compartilhando saberes e modos de entender o mundo. Nesse sentido, as culturas populares precisam ser entendidas como formas diferentes de acontecer.

A cultura popular é o modo de vida, os costumes e tradições de um povo que envolve desde o imaginário ao cotidiano e que apresenta grande influência do local, das comunidades. Por isso, não é homogênea, tem suas particularidades, visto que cada lugar tem suas diferenças e essas afetam o modo de vida da população. É interessante compreender como ocorre as trocas de informação, como a herança cultural é transmitida.

Nesse sentido, fazer teatro, música, poesia ou qualquer outra modalidade de arte e construir, com cacos e fragmentos, um espelho onde transparece, com as suas roupagens identificadoras particulares, e concretas, a que é mais abstrato e geral num grupo humano, ou seja, a sua organização que é condição e modo de sua participação na produção da sociedade. Esse e, a meu ver, é o sentido mais profundo da cultura, "popular". (ARANTES, 2010. p. 78)

Cacos de fragmentos, pois a cultura popular não se constitui de forma homogênea e única, estamos falando da junção de vários elementos. No caso da festa, será necessário compreender como esta desenvolve esses saberes e

práticas culturais dos indivíduos que participam dela, refletindo nos diferentes e na coletividade. Interessante perceber como interfere nos modos de pensar, das ações e práticas compartilhadas que geram não apenas um sentimento de pertencimento e união, mas de diferença em cada indivíduo.

A categoria Memória é fundamental para os estudos científicos sobre os temas culturais. É interessante perceber que em muitos estudos da memória se complementa do termo identidade. Segundo Diehl (2002), essas categorias passam por processos semelhantes de perda e atualização, quando ele fala do papel do tempo, do espaço e do movimento. No livro cultura historiográfica memória, identidade e representação, Diehl traz uma interessante definição para a categoria memória, reforçando sua diferença do termo lembrança.

Já memória significa, aqui experiências consistentes, ancoradas no tempo passado facilmente localizável. Memória possui contextualidade e é possível ser atualizada historicamente. Ela possui maior consistência do que lembrança, uma vez que é uma representação produzida pela e através da experiência. Constitui-se de um saber, formando tradições, caminhos- como canais de comunicação entre dimensões temporais-, ao invés de rastros e restos como no caso da lembrança. A memória pode constituir-se de elementos individuais e coletivos, fazendo parte de perspectivas de futuro, de utopias, de consciências do passado e de sofrimento. Ela possui a capacidade de instrumentalizar canais de comunicação para a consciência histórica e cultural, uma vez que pode abranger a totalidade do passado num determinado corte temporal. (DIEHL. 2002, p. 116)

Pensando nas palavras do autor, é muito fácil perceber a memória como a chave de um cofre que guarda os segredos para a manutenção das tradições também e na memória que os saberes, as histórias são construídas e repassadas como forma de socialização individual ou coletiva. Muitas vezes a memória é uma ferramenta de construção de significados e manutenção de espaços e vivências e de identidades.

Dessa forma os estudos que envolvem a identidade interessam várias áreas do saber das ciências sociais e humanas. Ela pode ser interpretada e explorada por diferentes olhares, pode ser atrelada a valores culturais ou formas de resistência, ganha diversas interpretações a depender do aporte teórico, conforme objeto pesquisado.

Logo à primeira vista, a identidade apresenta-se como a resposta a um “o que é, “ quem são eles? “ Quem somos nós? E serve para dar substância e sentido a objetos ou pessoas, ela pressupõe que sejam estabelecidos critérios adequados a uma identificação, que de sua parte, remete a dois processos distintos e complementares. De um lado, em sentido lógico transitivo, em designar e nomear qualquer coisa

ou qualquer um e, depois, em caracterizar sua singularidade. De outro lado, a identificação consiste, em um sentido intransitivo e por vezes reflexivo, e entendendo a identidade como similaridade, a identificação consiste em se assemelhar a qualquer coisa ou a qualquer um e se traduz, principalmente, tanto para o indivíduo como para o grupo, por um sentimento de pertencimento comum, de partilha e de coesão sociais. (BOSSÉ. 2013, p. 223)

No caso do estudo que tem como objeto uma festa, estudar o processo de identidade e diferença é compreender como a comunidade tem sentimentos comuns e como corre o processo de sociabilidade e identificação com os visitantes e a diferença com relação a outras comunidades. Para Bossé (2013) toda identidade se define por um conteúdo compreendido em termos de caracteres referenciais, percebidos a partir de perspectivas diferentes, e que podem incluir igualmente aspectos físicos ou mentais, material ou intelectual. Assim, a identidade se exprime e se comunica de maneira interna e externa, por meio de práticas simbólicas e discursivas. É interessante perceber quais são essas práticas e de que forma elas influenciam no processo de identidade. Segundo Castells (2010), essas práticas podem evidenciar processos de resistência ou projetos

Identidade de Resistência: Criada por atores que se encontram em posições/ condições desvalorizadas e/ ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistências e sobrevivência com base em princípios diferentes do que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos, conforme propõe Calhoun ao explicar surgimento de política e identidade.

Identidade de Projeto: Quando os autores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social. (CASTELLS, 2010, p. 24)

São muito interessantes essas duas definições, não para limitar essa pesquisa, mas para discutir. Na primeira distinção denominada Identidade de Resistência, é interessante pensar que em Canafístula há muito tempo existe uma ação por parte da comunidade ou de representantes dela, de querer buscar a emancipação política de seu município Palmeira dos Índios. Nesse caso não seria surpresa que o processo de diferenciação fosse estabelecido. O meio cultural e, principalmente, as culturas populares desempenham muito bem esse papel de diferenciação e de igualdade, criar situações, manifestações e representações que diferenciasses entre Canafístula e Palmeira dos Índios. Logo, entende que se há uma vontade de emancipação também existe uma vontade

de libertação, de caminhar com as próprias pernas, de não esperar mais uma ligação, quando na verdade, pode-se ser independente e construir essas oportunidades. Ainda segundo Castells “a construção de identidade consiste em um projeto de uma vida diferente, talvez com base em uma identidade oprimida.” (CASTELLS, 2010, p. 26).

Na segunda distinção, chamada de Identidade de Projeto, é possível pensar a festa como esse elemento de cunho cultural que gera todo um simbolismo religioso na Figura de Frei Damião e um processo de identidade, passando a mudar simbolicamente no nome do local, não mais Canafístula de Palmeira dos Índios, e sim Canafístula de Frei Damião. Com isso, criaria uma identidade diferente da estabelecida pelas ligações, território/ espaço/ pertencimento político. Passando ao menos nos discursos e sentimentos a outra dimensão território/ simbólico/ Cultural. Sobre o processo de construção de Identidade, Castells (2010) contribui:

No que diz respeito a atores sociais, entendo identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (os) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na ação social. (CASTELLS, 2010, p. 22)

Castells (2010, 23) afirma que “identidades são fontes mais importantes do que papéis sociais” sendo que esses papéis podem ser construídos por acordos sociais, normas e não necessariamente construir significados. Já a identidade pode ser construída, em um processo individual, que dialoga com outros processos individuais, formando parte de um todo. Essa identificação por parte da festa pode ocorrer de forma individual, por parte de quem vai frequentar ou em devoção ao frei, mas também pode ser construída coletivamente por toda comunidade e gerar uma forte identificação coletiva.

A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de que, por quem, e para que isso acontece. A construção de identidades valse-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como uma visão de tempo/ espaço. (CASTELLS, 2010, p. 23)

Os elementos, simbólicos e materiais presentes na Festa, são vivenciados de formas diferentes, cada indivíduo faz uma interpretação própria e tem diversas maneiras de externar seus sentimentos, porém a construção da memória e da identidade se tratando desse estudo faz parte do coletivo, pois levando em consideração ao contexto da festa, essas experiências também são vivenciadas com a presença do coletivo. E que de acordo com suas experiências essas impressões em torno da festa são ressignificadas. Todo esse contexto de vivências traz diferentes abordagens para o estudo geográfico, principalmente no campo religioso.

Sobre essa relação geografia e religiosidade por exemplo, Rosendahl, argumenta sobre a relação entre religião e geografia:

O homem sempre faz geografia, mesmo que não o soubesse ou reconhecesse formalmente uma disciplina denominada geografia. A religião, por outro lado, sempre foi parte integrante da vida do homem, como se fosse uma necessidade sua para entender a vida. Ambas, a geografia e religião, se encontram através da dimensão espacial, uma porque analisa o espaço, a outra porque, como fenômeno cultural, ocorre espacialmente (ROSENDHAL, 1996, p. 11).

Muitas vezes os seres humanos buscam nas manifestações religiosas uma alternativa para solucionar problemas no cotidiano como um fio de esperança, nessas festas populares católicas expressam seus sentimentos, e como no caso da Comunidade de Canafístula ativam sua memória coletiva. Sobre o papel do catolicismo popular na vida das comunidades, Passos (2002) afirma que este expressa uma trama ordenada de símbolos, o que faz com que sua prática seja real e possa ainda dinamizar a vida de muitos grupos. A invocação dos santos e a persistência de muitas representações religiosas têm uma referência simbólica.

Imaginemos até aqui que o corpo dessa pesquisa seja um bolo compostos de várias camadas, e que a resposta a esse problema será a base e o topo do bolo, mas entre esses dois extremos, base e topo, existe um meio que precisa ser preenchido com um recheio denso para não desmoronar. Esse recheio será a compreensão etnográfica sobre o processo. É importante perceber que cada festa apresenta características específicas com forte dinamismo, e suas características dependem dos vários contextos.

A Festa tem uma realidade e uma dinâmica própria, o que possibilita toma-la como objeto autônomo e heurísticamente produtivo para compreensão das variadas formas de viver a experiência humana em

sociedade. Para que se fale apropriadamente da festa, é preciso, então, delimitar sua esfera e sua abrangência. Dito de outro modo, é preciso defini-la em seus elementos constitutivos. (PEREZ, 2002, p. 19)

O que da festa se deve estudar? Quais os elementos que constituem uma festa? Essa não é uma resposta fácil, o que estudar da festa vai depender do enfoque do pesquisador. O que se pode é delimitar a área que se pretende, dar um maior direcionamento, territorial, simbólico, econômico e até político, sem desprezar todo o contexto da festa. Para uma primeira aproximação é preciso conhecer o termo festa e seus conceitos.

A festa é, antes de mais nada e acima de tudo, um ato coletivo extraordinário, extra temporal e extra-lógico. Significa dizer que a condição da festa é dada pela confluência de três elementos fundamentais, interdependentes um do outro, que se com- fundem uns com outros, a saber, um grupo em estado de exaltação (leia-se toda festa é sacrifício) e que, assim procedendo, liberta-se das amarras da temporalidade linear e da lógica da utilidade e do cálculo, pois a festa é uma exacerbação de instantes fugidios, presididos pela lógica do excesso, do dispêndio, da exacerbação, da dilapidação. Em resumo, a festa instaura e constitui um outro mundo. Uma outra forma de experienciar a vida social, marcada pelo lúdico, pela exaltação dos sentidos e das emoções com forte acento hedonista e agonístico- e, mesmo, em grande medida, pelo não social. É pela conjunção dessas três características constitutivas da festa que podemos defini-la como paroxismo, dado que ela é fundamentalmente transgressora e instauradora de uma forma de sociação, na qual o cento é dado pelo estar-junto, pelo fato mesmo da relação". (PEREZ, 2002. p. 19)

Essa primeira definição de festa é muito interessante para refletimos sobre a dinâmica e a densidade das festas. E o que ela provoca, considerada pela autora, um outro mundo, onde o tempo, o espaço e as distâncias sociais, não seguem um ritmo regular, onde as formas de experiências são exageradas e aprofundadas ou podem ser contidas e superficiais, vai depender do momento da efervescência, do tipo de festa, dos vários contextos que ficam no centro e nas margens.

Festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações da humanidade. Ela busca recuperar a imanência entre criador e criaturas, natureza e cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser. A presença da música, da alimentação, da dança, dos mitos, das máscaras, atesta com veemência esta proposição. A festa é ainda, mediação entre anseios individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade, o passado e o futuro, entre "nós" e os "outros", revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana. Mediando encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis. A festa é mediação; diálogo com ela mesma. (AMARAL, 2012. p. 74)

Com relação aos elementos constitutivos das festas, Amaral (2012) deixa claro que na festa tanto estão dispostos os elementos simbólicos de uma maior profundidade em termos de compreensão humana e não humana, os elementos místicos e rituais, quanto elementos culturais, danças cantos, músicas, que no decorrer da festa podem ser coerentes e contraditórios, mas que fazem da festa uma forma de mediação, entre as relações humanas consigo e com a forma de explicar o mundo. Essas duas definições deixam claro o quão rico e revelador pode ser ter uma festa como objeto de estudo.

CAPÍTULO III - DIMENSÕES DE ANÁLISES

3.1 DIMENSÃO CULTURAL

A Festa atrai diferentes pessoas e também diferentes manifestações da cultura popular, através de um olhar na perspectiva cultural, junto com o referencial teórico busca-se uma reflexão consistente sobre as categorias memórias, identidades e culturas populares, sendo que essas três categorias vão ser as lentes pelas quais pretende-se desenvolver um olhar sobre a Festa. Ao realizar a análise através dessas perspectivas culturais, fica claro que pesquisar sobre a Festa de Canafístula também se trata de uma análise geográfica que leva em consideração o uso do espaço e a noção de território para compreender os aspectos religiosos, simbólicos, culturais, políticos e econômicos, que faz parte dessa tradição popular que são evidenciadas no acontecer da festa.

Os autores que desenvolvem estudos culturais, muitas vezes identificam cultura como formas e momentos compartilhadas de viver, pensar e dividir o espaço individual e no coletivo, como uma chave que abre a porta para o mundo da compreensão sobre esses povos. Nesse momento cabe uma primeira aproximação com o objeto de estudo a Festa religiosa, pois a mesma precisa ser compreendida como fazendo parte de uma comunidade, e representa também os modos de pensar, agir e compartilhar todo um sistema de significados dentro de uma espacialidade e um território que tem diferentes interpretações. É necessário entender como essas manifestações dentro de comunidades ou não, são consideradas popular, para isso é necessário dialogar com autores que abordem essa temática sabendo desde já que o estudo da Cultura popular a bastante tempo vem gerando uma série de discussões complexas.

Sobre o popular na festa, fica claro que essa manifestação representa a cultura popular de forma bastante simples. Só o fato da devoção em um “santo” tido como popular do povo nordestino já carrega vários estereótipos do povo, seja pelo público que frequenta, pessoas que em sua maioria tem a condição socioeconômica parecida (trabalhadores, agricultores, pessoas idosas, comerciantes ambulantes...etc.) até algumas que compartilham as mesmas experiências religiosas e de vida, seja pelos rituais que tradicionalmente são

parte das manifestações religiosas populares. Só o fato da ideia de pertencimento, de compartilhar os mesmos sentimentos sobre a festa, demonstra esse caráter popular, tanto que essas pessoas geralmente se encontram em outras festas religiosas por todo o estado de Alagoas.

São diversas as manifestações da cultura popular presente na Festa, como mostra a ficha na análise de conteúdo número cinco, retirada de um Blog.

TABELA 03-FICHA DE ANALISE DE CONTEÚDO N: 01	
▪ Fonte	Blog Adriano Noticia http://adrianonoticia.blogspot.com/2016/06/canafistula-espera-receber-20-mil.html
▪ Período	04/06/2016
▪ Título	Canafístula espera receber 20 mil romeiros neste domingo para celebrar Frei Damião
▪ Principais Informações	<ul style="list-style-type: none"> ➤ 19º aniversário do falecimento do que foi o seu mais adorado representante religioso, Frei Damião de Bozzano, considerado pelos devotos nordestinos como o sucessor de Padre Cícero Romão Batista, tido como santo por grande parte do povo cristão católico. ➤ As festividades pelos 19 anos da morte do “Apóstolo do Nordeste”, com uma imensa romaria, como acontece todos os anos desde o seu falecimento. ➤ O encontro religioso conta com uma vasta programação festiva, que envolve apresentações artísticas, culturais, barracas de artesanato e comidas típicas, além do ponto mais alto do evento que é a missa campal na associação de Frei Damião. Tradicionalmente, A romaria já tem início na madrugada, com o canto do ofício realizado por grupos religiosos da cidade, prosseguindo então com o restante da programação até o final. ➤ Anualmente, uma multidão de aproximadamente 20 mil romeiros, em média, visita o distrito de Canafístula com caravanas advindas de cidades e estados circunvizinhos.

Com o título “Canafístula espera receber 20 mil romeiros neste domingo para celebrar Frei Damião”, esse blog demonstrar o caráter popular da festa, tratando os frequentadores como romeiros o que compara com visitantes a outros eventos conhecidos como romarias, inclusive aponta a figura de Frei Damião como um sucessor de padre Cicero, chamando o frei de apóstolo do Nordeste, o que demonstra seu caráter popular. Também discorre outras características da festa, que até então não tinha se apresentado em outras notícias consultadas.

Segundo o blog durante a festa ocorre apresentações artísticas e culturais, que evidenciam a presença de manifestações populares, como barracas de artesanato, comidas típicas, culminando com o alto ponto da festa a missa em homenagem ao frei Damião.

Como um processo religioso, tendo como figura mítica, e interessante saber quais os atrativos do local da Festa que faz com que um elevado número de pessoas com diferentes objetivos, mas, o principal é a devoção a um homem tido como santo pelo povo frequentem todos os anos essa festa. Para isso é necessário entender quem é ele e porquê é tão querido pelas pessoas.

Frei Damião tem um perfil propício para ser transformado em mito pelo povo, missionário extremamente dedicado em suas convicções, carismático, conviveu durante anos com o povo nordestino, que fragilizado, o adotou como símbolo de salvação para seus problemas espirituais e especialmente financeiros. (LIMA, 2005, p. 09)

Com essa explicação pode-se entender que as pessoas devotas dos santos populares como é o caso de Frei Damião, precisam se apoiar em algo superior, diferente da realidade que as cerca, que as dê esperança e amparo. Essas pessoas em sua maioria de classe pobre, que sofrem diversas dificuldades e que buscam na figura do frei um alívio um ponto de apoio e conforto, o consideram acolhedor do povo nordestino. Dessa forma, o Frei Damião já foge das características tradicionais da igreja católica como um diferencial não como um padre mais como um homem santo com uma missão. Esse caráter popular do Frei não apenas enquanto vivo, depois de sua morte faz aumentar sua popularidade e sua representação como homem santo.

No caso da Festa em Homenagem ao Frei é comum encontrar pessoas que vão agradecer por uma graça alcançada ou fazer promessas com o intuito de conseguir variados motivos. Essa característica de pedir e agradecer gera um dinamismo na festa, cânticos e demonstrações de fé, comportamentos e expressões; existe dentro da religiosidade popular um espaço em que as pessoas simples partilham os mesmos sentimentos e anseios e uma busca por melhorias de vida, nesse caso a figura de Frei Damião como um Homem acolhedor, conselheiro e sábio atrai esse perfil de fies. Sobre a características dos fiéis e esse espaço comum Passos traz uma fala complementar:

O povo defronta-se com dificuldades de sobrevivência a todo momento. Suas próprias condições socioeconômicas são desafiantes. O campo religioso abre possibilidades de esperança. É preciso vencer. Abrir Caminhos frente à inconstância, ao risco e à insegurança. Nesse sentido afirma: “Com Deus tudo rompe”. Por isso, há uma busca de segurança e proteção. (Passos, 2002, p. 178)

3.1.2- Manifestações da cultura Popular na Festa

É interessante que segundo o blog antes da festa existe a tradição do canto do ofício, que é uma tradicional oração católica. Ainda como uma informação importante, o site a borda a participação de outros estados na festa. O canto do ofício ocorria ainda com o Frei Vivo, e até hoje, segundo alguns moradores essa tradição do ofício ainda permanecem, logo cedo, as primeiras senhoras que chegam na associação cantam o ofício.

Existe um Momento da festa muito singular em que pessoas sobem no coreto e pedem para os organizadores para darem seus testemunhos. Alguns cantam benditos tradicionais nas romarias, não apenas tendo Frei Damião nas letras, mas também Padre Cicero Romão Batista, responsável pelas grandes romarias na cidade de Juazeiro do Norte no Ceará. E outros apenas narram seus milagres e graças alcançadas. É muito interessante perceber como tanto a figura de Frei Damião quanto Padre Cícero se misturam nessas letras, geralmente ambos apresentam as mesmas características traçando um único perfil. Ambos, o Frei e o Padre Cícero, estão presentes no contexto familiar e social das pessoas que frequentam a festa, são portos seguros em meio as dificuldades do cotidiano.

As emoções das camadas populares. Torna presente o ausente no cotidiano da vida. Através das diversas manifestações, o povo conquista seu espaço, organiza-o e o recria. Sob muitos aspectos, é um meio de fazer valer seus valores, seus desejos e utopias. É uma forma que as camadas populares têm, para fazer valer sua história de vida. Ocorre, assim, um engajamento religioso e social do grupo. Permeado por um discurso menos elaborado e mais modesto, procura dar sentido à existência, organizar a visão de mundo, entender e explicar os diversos problemas. (Passos, 2002, p. 181)

Nesses espaços de convivência os problemas individuais passam a ser compartilhados. As dores e angústia são divididos por todos, como se um desse apoio ao outro. Esse engajamento coletivo e essa troca de sentimentos é típico nas festas tradicionais populares, o que demonstra um forte desenvolvimento das culturas populares influenciando essas comunidades a se apropriarem dos espaços vivenciados, construir significados e moldarem o seu próprio olhar sobre as coisas do mundo. Estabelecendo novas relações com os outros e consigo mesmo.

Dessa forma a festa religiosa em homenagem ao Frei Damião se configura como uma forma de expressão popular da fé expressa pela religiosidade com os rituais católicos que representam a forma de ver o mundo e das experiências compartilhadas por milhares de frequentadores da festa que é representada por cânticos, a construção de objetos sagrados, que expressam o sentimento e um imaginário acerca da fé e da santidade na figura de frei Damião, uma demonstração da sua santidade. Sendo que representa o pensamento de milhares de pessoas que compartilham do mesmo sentimento de crer

3.2. DIMENSÃO ECONÔMICA

Com a Dimensão econômica pretende-se lançar um olhar para o desenvolvimento do comércio entorno da Festa, e através desse olhar, perceber a infraestrutura presente no local, e como a mesma possibilita desenvolver um arranjo econômico em torno do Distrito, ligando o mesmo a outras cidades do estado e fora dele, é possível perceber que a parte comercial faz parte da festa, atraindo tanto os visitantes como os comerciantes de outros estados, gerando uma dinamicidade e interação com a festa, e necessário compreender a relação entre os comerciantes com a organização e desenvolvimento da festa.

A relação entre os comerciantes locais e os externos ao Distrito, é outra questão a ser analisada, já que muitos dos comerciantes presentes na festa são oriundos de outros estados, é entender como se dá a relação com os comerciantes da localidade e a apropriação do território. Outro aspecto que gera bastante curiosidade diz respeito há grande variedade de produtos que são comercializados na feira, é possível achar uma grande variedade, produtos importados, decorativos, diversos tipos de acessórios, utilidades para o lar, artesanato, vestuário, e vários produtos alimentícios, grande parte cultivado na própria comunidade e outros vindos de cidades como Arapiraca, a segunda maior cidade de Alagoas e Palmeira dos Índios, ao qual o Distrito faz parte.

Figura 08: Variedades de produtos comercializados na feira



Fonte: Fonte: ALVES. J. S (2018)

Durante as pesquisas de campo, foram elaboras três conjuntos de perguntas com a relação ao comercio na festa. Na tentativa de saber a origem dos comerciantes, a primeiro conjunto de perguntas foi em relação ao local de origem do comerciante, como o mesmo ficou conhecendo a Festa, desde quando participa da festa, e em quais períodos. Num total foram aplicados 82 questionários com comerciantes de diversos gêneros de produtos, desse número 56 comerciantes que responderam os questionários são externos ao Distrito, 18 são do estado de Pernambuco e 11 da Paraíba e os demais de outras cidades do estado de Alagoas. Os demais 26 entrevistados são moradores do

Distrito, dos 18 comerciantes do estado de Pernambuco, chama a atenção à similaridade de produtos, grande parte são vendedores de alumínio, lençóis, redes e rapaduras. Já os comerciantes da Paraíba se concentram em forros de camas e cobertores. Todos os vendedores externos aceitavam cartão como pagamento.

Com relação ao conhecimento sobre a festa, todos os 56 comerciantes externos afirmaram que conheceram a festa através de outros comerciantes e que a frequentavam nos dois períodos em que ela ocorre em junho e em novembro. Com relação aos 26 comerciantes internos ao distrito, 14 comercializavam alimentos frutas, raízes, bolos e doces, em sua maioria produzidos no distrito e também comprados em outras cidades como Arapiraca pois a produção do Distrito não dava conta de toda aquela quantidade de frequentadores. Para os comerciantes locais foi feita a seguinte pergunta, “ **em que a Festa ajuda no desenvolvimento local?** Muitos dos comerciantes responderam que a festa é um acontecimento muito importante para o Distrito, não apenas pelo reconhecimento mais para o fortalecimento da feira que ocorre todos os domingos, a festa é bastante aguardada, muitos produtores se preparam e cultivam no período anterior pensando na festa, isso traz um bom retorno econômico para os moradores, e também ajuda a desenvolver o Distrito.

Ainda existe uma infinidade de artigos religiosos que são comercializados na Festa, mas o que chama a atenção é o surgimento e o aumento a cada festa de objetos ligados a figura do Frei Damião. São consideradas lembranças, que vai desde a vestuários adultos e infantis, toalhas, canecas, acessórios como canetas, agendas, bonés, fitas, adesivos imagens, artigos de decoração, a cada ano surgiu um novo elemento que remete a simbologia do frei, ao fato de ser considerado santo e milagroso o que mostra a dinamicidade da festa e o crescimento do comércio, o mais interessante é perceber como a feira e a festa interage de forma harmoniosa e como se complementam, quem frequenta a festa também frequenta a feira, e compra algum objeto, mesmo que seja apenas uma lembrancinha como os visitantes gostam de falar, mesmo que não seja um artigo religioso tudo se torna lembrança, da festa, do lugar, representando todo o contexto.

Figura 09- Lembrancinhas do Frei Damião comercializadas na feira



Fonte: ALVES. J. S (2018)

Outra questão a ser analisada e com relação as oportunidades que estão presentes na festa, tudo pode ser comercializado, os espaços, os favores e as casas que no dia da festa ganham outras funções que não é moradia, as oportunidades e formas de ganho está por todo o Distrito, é muito comum ver cartazes, cobrando por diferentes usos das casas (usos do banheiro, para guardar volumes, e por oferecerem alimentos) e dos espaços (quintais, terrenos e calçadas) para estacionamento e montagem de barracas.

Figura 10- Diferentes oportunidades de ganhos



Fonte: ALVES. J. S (2018)

Além da comercialização de produtos, outra forma de ganho durante a festa a cobrança de contribuição das barracas, que inicialmente era feita pelos organizadores da festa, o próprio fundador e organizador da festa o Ex-deputado federal o senhor Antônio Ferreira durante o evento sobe no coreto um espaço central da festa e faz um apelo todos os anos, para que o valor a ser pago pelas barracas, seja exclusivamente a pessoas credenciadas a organização da festa, a orientação e que não paguem a ninguém sem as credenciais. Essa questão da cobrança de imposto gera muito atritos, pois agentes de fiscalização ligados a prefeitura de Palmeira dos Índios também passam nas barracas recolhendo as tais contribuições.

Esse fato é um dos motivos que gera grande dificuldade na pesquisa de campo, os comerciantes ficam desconfiados para dar entrevista pois acham que pode estar sendo vigiado, ou ser alguém ligado a um dos lados, com isso acabam se recusando a dar qualquer informação ou esclarecimento. Por outro lado, os comerciantes que se dispõem a falar na maioria das vezes em conversa informal, afirmam que as cobranças são altas e que a associação arrecada bastante dinheiro com as barracas. Na segunda edição da festa em novembro

de 2018 tivera algumas mudanças significativas com relação a essa organização e pagamentos que será tratado no decorrer do trabalho.

A Festa provoca grande participação e mudança na rotina dos moradores, todos participam da festa direta ou indiretamente. No tempo da festa é estabelecido uma outra forma de vivencia da comunidade, aqueles que não participam do ato religioso ou do comercio, mas tem suas rotinas alteradas pelo dinamismo e movimentos presente na festa.

3.3 DIMENSÃO POLÍTICA

Porque abordar uma dimensão política no estudo sobre uma Festa religiosa? Durante as muitas participações ao longo da Festa como expectadora e depois como pesquisadora, foi possível perceber que a Festa ocorria em torno de um contexto político muito forte, primeiro pelo fato da organização e criação do espaço da Festa está ligado uma figura política, o senhor Ex-Deputado federal Antônio Ferreira, além de que durante várias festas foi possível perceber a presença de diversas autoridades políticas do Estado de Alagoas.

Nessa dimensão pretende-se abordar o método análise de conteúdo e análise do discurso e verificar o processo de identidade e diferença que o trabalho se propõe tendo como ponto de partida a Festa. Para essa análise, através das imagens, textos e tabelas, foram escolhidas categorias onde será possível verificar o processo, são elas: **Identidade territorial, Identidade e Diferença, Poder, Usos da Festa e Turismo**

Na categoria **Identidade territorial**, pretende-se discutir a formação do território de Canafístula e como essa formação de um possível novo município ou de manter-se distrito de Palmeira, implica no processo de identidade. Segundo Haesbaert (2013, p. 238). “Trata-se de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais para sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto. ” O que vai ser importante para entender alguns elementos fundamentais que levou a ideia de separação.

Na categoria **Identidade e Diferença**, tem como principal intuito perceber como as identidades são construídas a partir da diferença e quais as reverberações no caso da Festa, é importante perceber do que trata a final a

identidade, Hall (2000, p. 106) afirma que “na linguagem do senso comum a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum ou de características que são partilhadas com outros grupos a partir de um mesmo ideal”. Ainda nessa conceituação, Haesbaert contribui:

A identidade em Primeiro lugar, pode tanto está referida a pessoas como a objetos, coisas. Em segundo lugar, implica uma relação de semelhança ou de igualdade. Este Seja seu maior paradoxo: encontrar a igualdade num “objeto” ou “pessoa, ou seja, defini-la a partir de características que revelam em sua totalidade, em sua “inteireza”: encontrar um significado, um sentido geral e comum. Essa busca do igual, do idêntico, pode ser trocada pela busca do “verdadeiro”, do “autentico”, como se a verdade fosse uma e indivisível. Se a identidade de um indivíduo é dificilmente encontrada e mais dificilmente ainda, revelada, uma identidade mais ampla, envolvendo um grupo de indivíduos ou mesmo uma “cultura” ou “civilização”, pode ser uma temeridade. (HAESBAERT, 2013, p. 235)

Para essa trabalho o termo identidade como já foi colocado, será trabalhado no plural, se referindo a possibilidade de múltiplas identidades que vai depender do contexto, histórico, e social no decorrer da festa, entendendo que a mesma tem um processo dinâmico e que podem ocorrer diversas transformações, influenciando no surgimento das identidades, Como afirma Haesbaert (2013, p. 19) “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e Ao tornar possível optar entre as várias identidades possíveis”. Também é importante perceber qual é o papel da diferença nesse processo, mas afinal o que se entende por diferença quando estamos tratando de identidade, segundo Silva (2014):

Em geral consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente a qual se define a diferença. Isso reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. Por sua vez, na perspectiva que vem tentando desenvolver, a identidade e diferença são vistas como mutuamente determinadas. Numa visão mais radical, entretanto, seria possível dizer que, contrariamente à primeira, é a diferença que vem em primeiro lugar. Para isso seria preciso considerar a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas como processo mesmo pelo qual tanto a identidade quanto a diferença (compreendida, aqui como resultado) são produzidas. Na origem estaria a diferença-compreendida, agora, como ato ou processo de diferenciação. (SILVA, 2014, p. 75)

Nesse sentido entender o processo por qual passa a criação da identidade é fundamental para se entender a diferença. No caso da festa a mesma deve ser compreendida como produtora de identidade, mas também a partir de seus usos, também pode ser um fator importante da diferença, como

um processo mesmo pelo qual tanto a identidade quanto a diferença devem ser compreendidas como resultados produzidos de ações.

Na categoria **Poder**, pretende-se observar a participação e representação dos agentes políticos como formas de representação ou a partir das relações de poder sobre a festa enquanto um produto, ou sobre os efeitos da festa como controle do território. Na categoria **Usos da Festa** pode ficar claro a relação entre essas duas categorias já que o objetivo é perceber e identificar esses usos como discurso (Uso político, o uso simbólico-cultural e Desenvolvimento). Sobre a perspectiva econômica a categoria escolhida a categoria **Turismo**, pois a mesma aparece como foco das discussões políticas entorno da Festa, a partir dessa categoria abordar as principais possibilidades e mudanças na Festa.

A traves do olhar sobre a dimensão política, busca-se compreender como a Festa influência nos vários discursos, seja ele econômico quando os moradores afirmam que a festa contribui para o desenvolvimento econômico do Distrito, seja pelo discurso que demonstra a Festa como uma importante atividade turística do estado de Alagoas, também por parte dos comerciantes que percebem a festa como grande oportunidade de comercio ou pela discussão política em torno da emancipação do distrito com relação a Palmeira dos Índios.

Durante a pesquisa de campo, conversas informais e questionários, muitos moradores afirmam que o sonho de se emancipar é muito forte na comunidade, questionados sobre os motivos, muitos alegam que caso o Distrito fosse emancipado teria um melhor investimento, já que os recursos políticos seriam aplicados no Distrito levando a um maior desenvolvimento econômico e social. Questionados sobre as causas para a não emancipação, muitos afirmaram que por questões políticas principalmente a falta de apoio por parte de políticos principais, além de disputas eleitorais fez com que esse sonho fosse adiado.

O processo pela emancipação política de Canafístula começou em 31 de maio de 1993, quando um grupo de moradores apoiados por alguns Deputados, recolheu centenas de assinaturas, que resultou em um documento

Figura 11: Pedido dos moradores para a emancipação Política de Canafístula em 1993

Fonte: Arquivo disponível em:< https://www.facebook.com/pg/Emancipa%C3%A7%C3%A3o-deCanaf%C3%ADstuladeFreiDami%C3%A3o168685289985406/photos/?ref=page_internal>
>:acessado em 11 de julho de 2018.

Já sabemos que a identidade e a diferença estão estreitamente ligadas à sistemas de significação. A identidade é um significado-cultural e socialmente atribuído. A teoria cultural recente expressa essa mesma ideia por meio do conceito de representação. (SILVA 2014, p. 89)

Não a penas a importância oficial do documento mais o que ele representa, o desejo comum em torno de um objetivo de separação. Silva ainda reforça:

A representação se liga a identidade e à diferença. A identidade e a diferença são estritamente dependentes da representação. É por meio da representação assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, nesse caso dizer: “essa é a identidade” e “a identidade é isso (SILVA, 2014, p. 91)

Dessa forma o documento da figura 12 a seguir, assinado é materialização do desejo entorno da formação de uma nova identidade ou do viver de fato uma identidade que já existe mais está reprimida, resultado do conflito entre representar e ser se fato um distrito com autonomia.

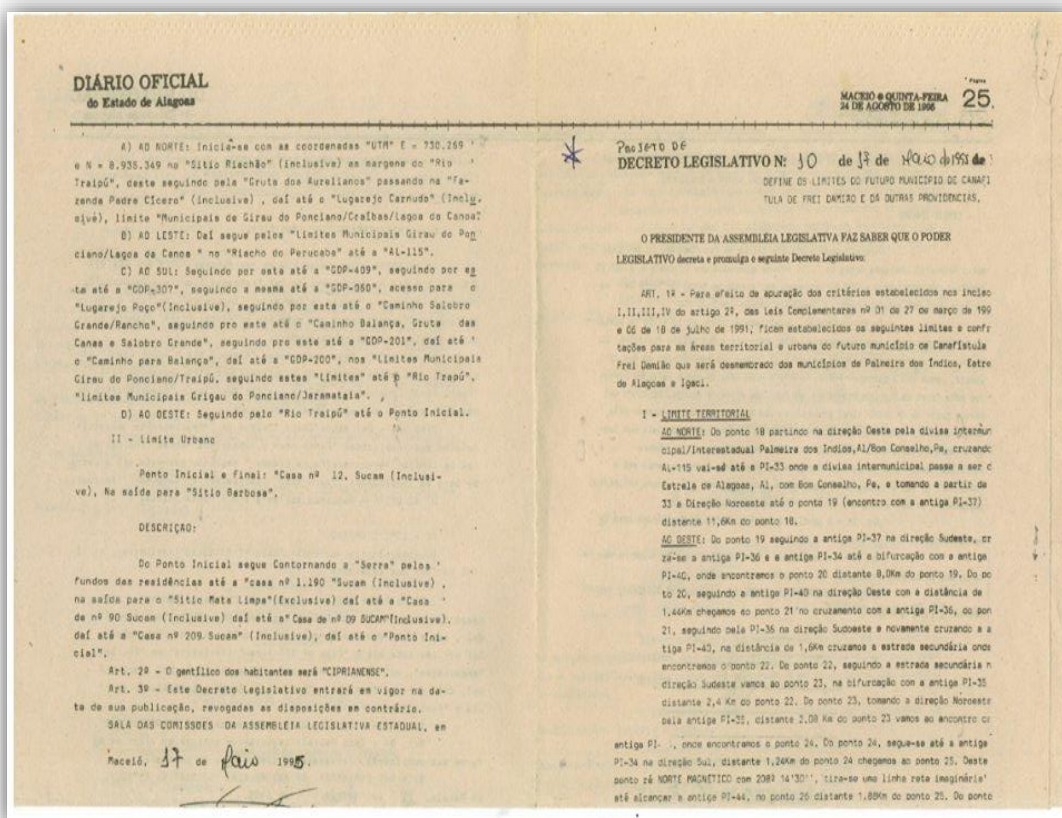
Porém o tempo passou, e os políticos que haviam se comprometido com os moradores em lutar pela emancipação política do distrito, foram se afastando e não mais participando do grupo de moradores que encabeçavam o processo, o mesmo grupo percebeu esse afastamento dos deputados e tomaram uma atitude, foi encaminhado um documento com um pedido de arquivamento do processo com a justificativa de complementação de novos dados, o requerimento foi assinado e protocolado.

Em 1994 com novas eleições se aproximando, com ela novas promessas por parte dos mesmos políticos, esses formaram uma comissão e se deslocaram para a Capital Maceió, dessa vez não teve participação dos moradores, já que os mesmos estavam desacreditados das promessas feitas pelas autoridades políticas, segundo os moradores os políticos apenas tinham a intenção de formar currais eleitoreiros. Os políticos não tiveram uma boa recepção por parte dos representantes do grupo de moradores que lutavam pela emancipação.

No próximo ano em 1995, o sonho volta, e dessa vez parece torna-se realidade, autoridades políticas ligadas a 7ª comissão de Administração, Segurança, Relação do trabalho, Assuntos Municipais e defesa do consumidor favorável ao processo de emancipação, publica no diário Oficial, o projeto de decreto legislativo nº 10 que define os limites territoriais do futuro município de

Canafístula de Frei Damião, onde o mesmo foi aprovado na sessão da Assembleia Legislativa no dia 22 de setembro do mesmo ano.

Figura 12- projeto de decreto legislativo nº 10 que define os limites territoriais do futuro município de Canafístula de Frei Damião em 1995



Fonte: Arquivo disponível em:< https://www.facebook.com/pg/Emancipa%C3%A7%C3%A3o-deCanaf%C3%ADstuladeFreiDami%C3%A3o168685289985406/photos/?ref=page_internal>; acessado em 11 de julho de 2018.

Com esse documento a separação do Distrito fica evidente, pode-se perceber a categoria diferença quando o mesmo já atribui ao Distrito característica próprios como um novo município com seus limites territoriais já definidos, nesse momento o território deixa de pertencer a Palmeira e passa estabelecer sua própria autonomia, o que vai acarretar vários acontecimentos pela busca da construção entorno de uma identidade para o novo distrito, e a diferença com relação a Palmeira.

Nesse sentido podemos perceber a categoria identidade territorial, que diz respeito a um aspecto geográfico ligado a questão do território, essa busca por uma identidade a partir do processo de diferença reflete na desterritorialização, tomando como princípio o conceito de território apresentado nesse trabalho, como um espaço delimitado por e a partir de relações de poder, o surgimento de novos limites territoriais pressupõe um novo poder para uma nova estrutura, não trata-se apenas da delimitação física, mas também simbólica, onde o território é forjado para se sobressair as questões políticas, nesse caso ambos o simbólico e político andam juntos. Segundo Haesbaert:

Produto e produtor de identidade, no território não é apenas um “ter” mediador de relações de poder (político-econômico) onde o domínio sobre parcelas concretas do espaço é sua dimensão mais visível. O território compõe também o “ser” de cada grupo social, por mais que a sua cartografia seja reticulada, sobreposta e/ ou descontínua. Ao mesmo tempo prisão e liberdade, lugar e rede, fronteira e “coração”, o território de identidade pode ser uma prisão que esconde e oprime ou uma rede que se abre e conecta a um “coração” que emana poesia e novos significados. (HAESBAERT, 2013, p. 238)

Quando no documento é possível representar oficialmente o surgimento dos limites territoriais do futuro município, fica evidente a questão da diferença e também do sentimento de liberdade com relação a não pertencer mais a Palmeira. A questão do território como um meio de aprisionar ou libertar, de produzir identidades e com isso novos significados. Nesse sentido a diferença se dá pela separação e exclusão, a partir do documento não somos mais Palmeira e sim Canafístula de Frei Damião. Nesse sentido Silva contribui:

Podemos dizer que onde existe diferenciação, ou seja, identidade e diferença aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou com ela guarda uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/ excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus; puros e impuros; desenvolvidos e primitivos; racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”) (SILVA, 2014, p. 82)

O documento representa a diferenciação, ou seja, não somos Palmeira, somos Canafístula, a partir do momento que se estabelece um limite para esse território, Palmeira já não mantém relações de poder. Se surge um território com outras funções e limites definidos, também vai surgir outras e novas relações de

poder, ou seja, o território como um espaço delimita por relações de poder pode também produzir identidades, ou excluir identidades.

Em 1996 é articulada a primeira eleição para a escolha do primeiro prefeito de Canafístula, mas por questão de organização é tempo, além da falta de apoio político não ocorreu, anos mais tarde houve novas tentativas. Em 2013, com a aprovação do projeto para a criação, incorporação, fusão e desmembramento de municípios, os moradores de Canafístula volta a se organizarem agora com o advento das redes sociais os moradores se organizam e compartilham informações a respeito do tão sonhado sonho de emancipação política.

Em uma pesquisa realizada na página de uma rede social em 2013 vários moradores responderam a favor da emancipação política por diversos motivos, entre eles está o desenvolvimento econômico do distrito, muitos se metram laborais as tentativas e afirmam ser essencial para o pleno desenvolvimento do Distrito.

Figura 13- Página do Facebook Emancipação de Canafístula de Frei Damião



Fonte: Arquivo disponível em:< https://www.facebook.com/pg/Emancipa%C3%A7%C3%A3o-deCanaf%C3%ADstuladeFreiDami%C3%A3o168685289985406/photos/?ref=page_internal>; acessado em 11 de julho de 2018.

A resposta a essa pesquisa, revela muito da insatisfação por parte dos moradores no que diz respeito a atuação política e como o Distrito vem sendo tratado ao longo de vários anos e diferentes gestões, são muitos os discursos entorno da emancipação, para essa pesquisa é interessante perceber como a Festa influencia nesse discurso principalmente na busca de uma identidade própria com relação a Palmeira dos Índios. Ao mesmo tempo demonstra como o distrito depende da atuação de grupos políticos, ou seja, a categoria poder demonstra como o distrito depende de ações políticas de um grupo específico.

O simples ato de lançar uma pergunta em uma rede social, já demonstrar uma série de fatos, primeiro a insatisfação por parte de um grupo de moradores, o que revela a vontade de separação. Quando várias respostas se iniciam com “Queremos” isso significa que esse discurso já vem sendo construído e usado por diversas pessoas ao longo dos anos.

Figura 14- Opinião 01 em uma rede social



Fonte: Arquivo disponível em:< https://www.facebook.com/pg/Emancipa%C3%A7%C3%A3o-deCanaf%C3%ADstuladeFreiDami%C3%A3o168685289985406/photos/?ref=page_internal>; acessado em 11 de julho de 2018.

Através dessa imagem pode-se refletir sobre os vários discursos, sobre vários contextos, a categoria **usos da Festa**, revela esses discursos. O primeiro gira em torno do desenvolvimento econômico, tendo na figura categoria **Turismo** um grande potencial de desenvolvimento para o Distrito. A categoria **Identidade Territorial** traz fortes argumentos que levam a várias interpretações. Primeiro a ligação que o Distrito tem com Frei Damião, em todos os momentos a figura do Frei, é acrescida ao nome da Canafístula, reforçando o nome do futuro território emancipado. Segunda observação diz respeito as condições de manutenção do Distrito quando o no mesmo fica claro que a mesma possui condições de gerar renda para seu desenvolvimento, principalmente pelo desenvolvimento das atividades turísticas, e aí fica claro o uso da Festa como discurso de desenvolvimento, uma fonte geradora de recurso e como parte importante para a emancipação.

É necessário perceber a identidade e a diferença como resultados de um processo de produção simbólica e discursiva. Logo, percebe-se como a festa pode ser usada como argumento de Identidade e diferença, para a emancipação do Distrito ou desenvolvimento local, tanto no pôster quanto e em conversas informais, muitos moradores a firmam que a Festa traz grande contribuição no desenvolvimento econômico do Distrito junto com o papel desempenhado pela a associação, principalmente para o desenvolvimento social.

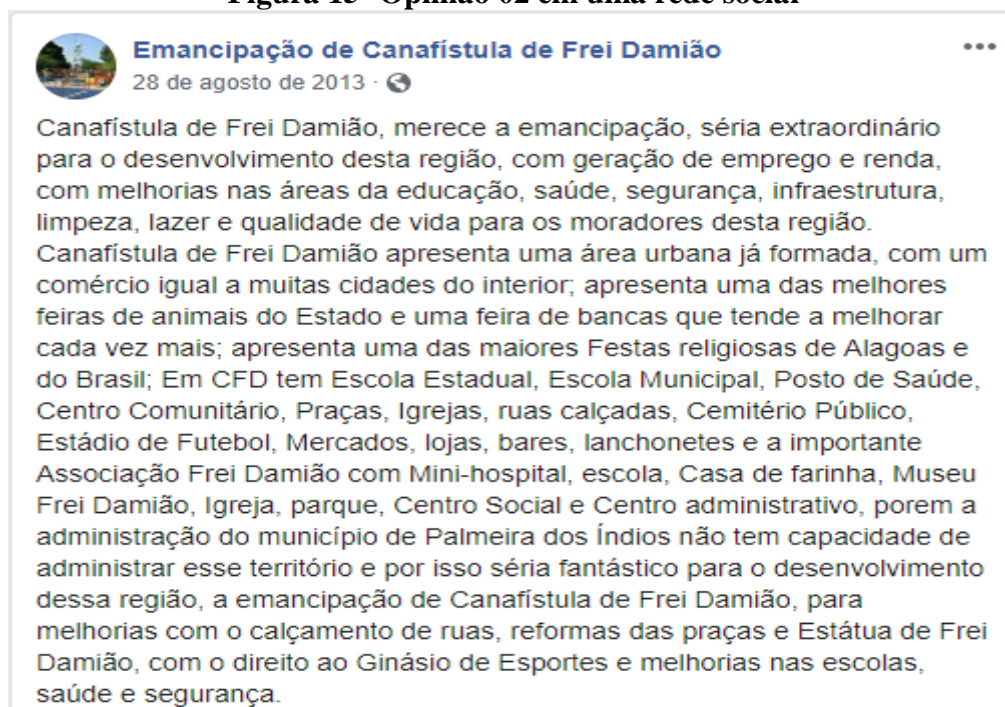
A categoria **Poder**, pode ser levada em consideração na justificativa para o que levou o Distrito a querer se tornar independente, assim como no pôster, em conversas informais, muitos moradores afirmam que Canafístula por muitos anos foi abandonada pelo poder político de Palmeira, ou que o poder político não foi usado para o desenvolvimento. Nesse sentido o desejo de se tornar a ser independente de palmeira. Trata-se de defender um direito a diferença.

Novas articulações políticas são feitas no ano de 2013, e dessa vez parece que a emancipação é um fato sem volta, eleições são planejadas e várias mobilizações por parte dos moradores são organizadas. Podemos perceber essas mobilizações nesse Blog, é mais uma vez a festa e citada como um acontecimento grandioso atraindo um grande número de fiéis.

Tabela 04- FICHA DE ANALISE DE CONTEUDO N: 02	
▪ Fonte	Blog Minuto Palmeira dos Índios https://minutopalmeiradosindios.cadaminuto.com.br/noticia/1869/2013/11/12/distrito-de-canafistula-podera-se-tornar-cidade
▪ Período	12/11/2013
▪ Título	Distrito de Canafístula poderá se tornar cidade
▪ Principais Informações	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Articulações políticas para eleger o primeiro prefeito de Canafístula ➤ Campanha pela emancipação vem sendo realizada pelos moradores do Distrito nas redes sociais – Canafístula de Frei Damião merece emancipação, como foco na defesa os internautas, buscam o desenvolvimento da região com geração de emprego e renda ➤ O município possui uma moderna emissora a Cacique FM. Realiza uma grande festa religiosa que atrai católicos de todo o Nordeste a Missa em memória de Frei Damião.

Em vários relatos é perceptível como a Festa e a associação de Frei Damião tem grande importância para o povo de Canafístula, que caso o município fosse emancipado a Festa também iria se desenvolver melhor devido aos investimentos na infraestrutura do Distrito.

Figura 15- Opinião 02 em uma rede social



Fonte: Arquivo disponível em:< https://www.facebook.com/pg/Emancipa%C3%A7%C3%A3o-de-Canaf%C3%ADstuladeFreiDami%C3%A3o168685289985406/photos/?ref=page_internal>; acessado em 11 de julho de 2018.

Através da análise de alguns sites de notícias, percebe-se que a participação de alguns políticos em torno da festa é muito grande, e a cada edição só aumenta não apenas a participação mais novos discursos. Lideranças de grande influencias no estado passam a frequentar a Festa e com isso perceber o grande número de fiéis e com isso diferentes oportunidades. A cada ano o interesse político por Canafístula só aumenta ocorrem diferentes interpretações sobre a festa e sua influência junto ao estado de Alagoas e do Nordeste.

Tabela 05- FICHA DE ANALISE DE CONTEUDO N: 03	
▪ Fonte	Site do senador Renan Calheiros https://www.renancalheiros.com.br/noticias/30-mil-fieis-na-missa-em-homenagem-a-frei-damiao.html
▪ Período	07/06/2010
▪ Título	30 mil fieis na Missa em Homenagem à Frei Damião
▪ Principais Informações	<ul style="list-style-type: none"> ➢ Mais de trinta mil pessoas compareceram ➢ Evento religioso organizado pelo ex-deputado federal Antônio Ferreira ➢ Contou com a presença do Senador Renan Calheiros, líder do PMDB; do Governador Teotônio Vilela Filho; do deputado federal Benedito de Lira; do deputado estadual Marcos Ferreira e do prefeito de Palmeira dos Índios, James Ribeiro; do ex-deputado federal, João Caldas, entre outros Vereadores e lideranças políticas do estado

A escolha da dimensão política se deu pelas várias observações e interpretações durante as participações na festa, ficou evidente que a questão política era um ponto determinante, não só pela presença das autoridades políticas, mas também pela própria organização da festa, os carros de som que eram de algum político, ou até mesmo muitos momentos de fala durante a festa. O contexto político é muito forte no distrito o que acaba interferindo na festa, ou tomando a festa como uma referência. Um fato de ser um distrito pequeno, afastado da capital, atrair um grande número de pessoas, sempre foi bastante chamativa para os políticos, que passaram a frequentar a festa e perceber diferentes possibilidades de usos.

Figura 16: Presença das autoridades políticas na Festa



Fonte: Arquivo disponível em: <<https://alagoasalerta.com.br/noticias/interior/governador-renan-e-ministro-marx-participam-da-missa-de-frei-damiao>>; acessado em março de 2018.


Nessa imagem a categoria Poder, demonstrar a representatividade, não da festa como uma manifestação cultural, mas como a mesma pode ser usada num discurso representação política ou um jogo político, dentro e fora do Estado. A questão do poder pode ser compreendida pela presença das autoridades políticas na festa e como a mesmas usam seu poder de influência sobre a festa, uma troca, nem sempre justa. Sobre essa relação de poder no processo de Identidade e diferença, Silva Contribui:

A identidade e a diferença estão, pois em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são nunca inocentes (SILVA, 2014, p. 81)

Sendo a festa em um território com diferentes usos e a partir de diversos discursos, tendo na festa um forte elemento para argumentação, as relações de poder são inevitáveis, por parte dos agentes que organizam, por parte das instituições que gostariam de se beneficiar, isso pode ser feito de forma estratégica quando os organizadores esperam apoio financeiro, pode

representar um grande conflito quando quem organiza pode perder a autonomia nas decisões. Essa relação sempre gira entorno de ganhar algo, e nesse meio a festa pode ter profundas mudanças, não se sabe se negativas ou positivas. Na tabela a seguir vários discursos sobre o uso da Festa, está presente, dialogando com todas as categorias

Tabela 06- FICHA DE ANALISE DE CONTEUDO N: 04	
▪ Fonte	Portal da Prefeitura Municipal de Palmeira dos Índios Luciana Araújo/Assessoria https://www.palmeiradosindios.al.io.org.br/noticia/115765/Prefeito-Julio-governador-Renan-e-ministro-Marx-participam-da-missa-de-Frei-Damiao-em-Palmeira
▪ Período	05/11/2017
▪ Título	Prefeito Júlio, governador Renan e ministro Marx participam da missa de Frei Damião, em Palmeira
➤ Principais Informações	<ul style="list-style-type: none"> ➤ O prefeito de Palmeira dos Índios Júlio Cezar, o governador de Alagoas Renan Filho e o ministro do Turismo Marx Beltrão participaram hoje (5), no Distrito de Canafístula, da missa festiva em homenagem ao Frei Damião. ➤ “Recebemos o governador Renan Filho e o ministro Marx Beltrão, além de outras autoridades políticas, que pela primeira vez participaram da missa em homenagem ao Frei Damião ➤ Foi um momento muito importante porque eles puderam conhecer o potencial turístico e religioso deste evento que mexe com Alagoas e com o Nordeste. Eu vejo Canafístula com uma condição muito grande de Palmeira ter o ano todo romarias para celebrar a memória de Frei Damião ➤ O ministro Marx Beltrão, que também visitou a missa em homenagem ao Frei pela primeira vez, disse que o turismo religioso tem crescido e movimenta hoje, no Brasil, uma economia de mais de R\$ 5, 5 bilhões por ano. ➤ E continuou. “Aqui, em Alagoas, precisamos escolher alguns locais para fomentar o turismo religioso e Canafístula de Frei Damião tem todas as características para que a gente transforme o lugar em um dos grandes centros religiosos do Nordeste e do Brasil. Já pedi ao prefeito Júlio para fazer um projeto de urbanização do local, com uma grande imagem do Frei, para que possamos, em um curto espaço de tempo, ter Palmeira como uma das capitais do turismo religioso no país”, finalizou o ministro.

- 
- Além das 40 mil pessoas que participaram da missa festiva em homenagem ao Freio Damião, participaram do evento religioso o deputado estadual Edval Gaia, o prefeito de Igaci Oliveira Piancó, o secretário estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos Alexandre Ayres, vereadores e secretários municipais.

Fica evidente a participação dos agentes políticos que passaram a enxergar a Festa com outro olhar, não apenas uma oportunidade e ganhos políticos, mas também de desenvolvimento econômico. Os discursos sobre o uso da festa giram em torno do grande potencial turístico que a mesma representa para o estado Alagoas, Podendo destacar-se no cenário Nacional, na verdade o discurso não gira em torno a penas da Festa, mas sim de todo o território de Canafístula, de sua importância para Palmeira, no estabelecimento de uma atividade Turística, dessa forma Canafístula passa ter uma grande importância e que deixa evidente que por interesses o processo de emancipação não traria benefícios econômicos a Palmeira dos Índios.

A questão de diferença ela só existe a partir dos processos identitários que ocorrem em Canafístula, ou seja, da comunidade que compartilha do mesmo sentimento de pertencimento, quando A categoria poder não traz a representação de Canafístula e sim de Palmeira, o sentido de diferença é excluído. Nesse sentido Silva afirma

É também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados a identidade. Questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação (SILVA, 2014, p. 91)

Essas representações políticas tem o poder de definir e determinar as identidades, quando os moradores afirmam querer a emancipação política, ou simplesmente acreditam que a separação seria fundamental para o desenvolvimento do Distrito, estão questionando um determinado poder, um grupo de lideranças que não quer a separação, ao mesmo tempo também estão estabelecendo um novo poder que pode vir a controlar o território, Ou seja, em qualquer das situações, a mudança de poder, sempre vai situar a Festa dentro de um contexto político. Nesse sentido Hall contribui:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidos em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 2014, p. 109)

Vários discursos podem surgir, revelando diversos interesses, e são essas narrativas que fomentam a participação da Festa na construção da identidade e diferença, seja de forma real se de fato um dia ocorrer a emancipação política, ou apenas no sentimento coletivo de pertencimento de uma comunidade que mesmo pertencendo oficialmente a um território político, tem uma extraordinária capacidade de formar identidade e ao mesmo tempo a diferença, seja no contexto cultural, e simplesmente como traços únicos de todo seu contexto histórico, de força e de continuar acreditando, que faz Canafístula diferente de Palmeira.

CAPÍTULO IV: OS BASTIDORES DA FESTA; DIFERENTES INTERPRETAÇÕES

4.1- Trabalho de Campo e o Dinamismo da Festa

Como foi abordado nesse trabalho, o processo etnográfico ocorreu em etapas, nessas observações foi possível desenvolver diferentes olhares sobre os aspectos da Festa, bem como vivenciar diversos sentimentos, presenciar um mundo de elementos e como um todo perceber como um estudo sobre uma festa pode ser tão complexo e rico, um misto de sentimentos entre a curiosidade e a busca por informações e a angústia na hora de confrontar o campo e perceber que não é um trabalho bem compreendido

Nessa última etapa de observação da Festa que ocorreu dia 02 de junho de 2019, foi possível verificar algumas mudanças que foram anunciadas na Festa anterior, que ocorreu dia 04 de novembro de 2018, nessa edição foram anunciadas que a celebração da missa considerada o ponto alto da Festa, e que ocorria na Associação logo após a chegada da procissão, passaria a ocorrer na igreja Nossa Senhora do Rosário. Como foi anunciado, nessa primeira Festa de 2019, a procissão saiu em direção igreja local onde terminou com a missa e benção final.

Essa simples mudança do local da missa revela muitas interpretações entre jogos de interesses e mudanças profundas, o que desde o início da pesquisa gera vários questionamentos. A principal dificuldade da pesquisa em campo foi a participação dos agentes, os moradores, os organizadores, os feirantes, quase todos os que aceitaram responder os questionários, simplesmente se negavam a comentar sobre os assuntos perguntados, existia no ambiente da Festa e entorno dela muito receio, medo e desconfiança, o que dificulta em muito obter respostas.

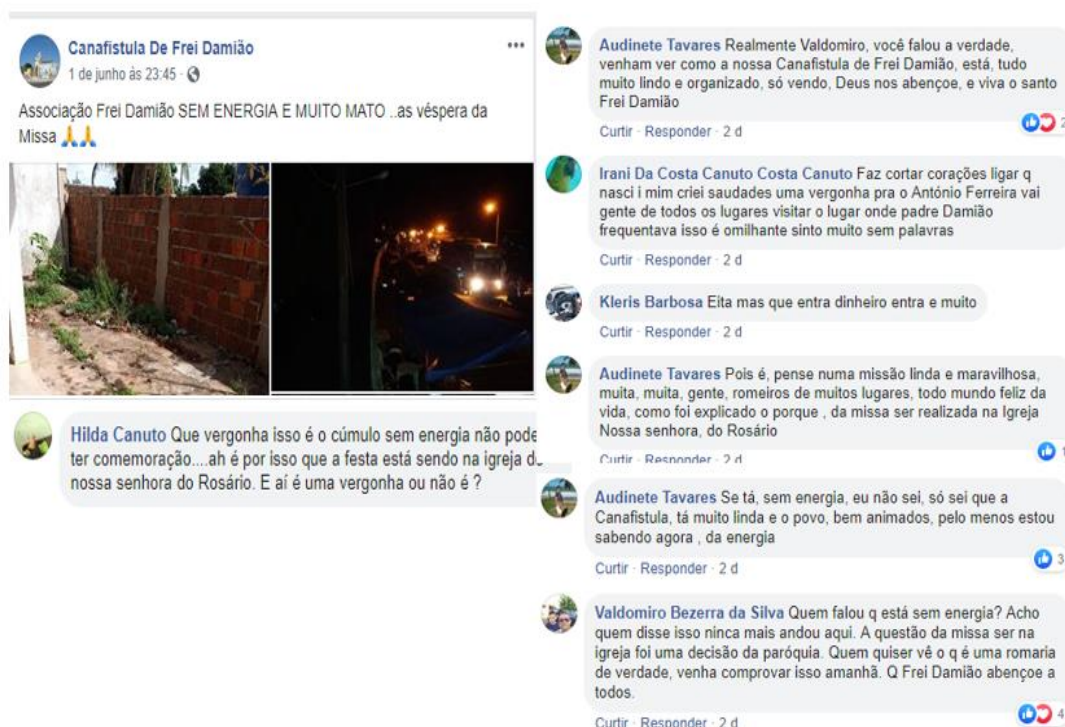
Grande parte dos questionamentos foram obtidos por meio de conversas informais, depois de estabelecer uma confiança e deixando claro para o participante que a mesma não tinha intenção de prejudicar nem um dos lados. Nem um dos entrevistados quis se identificar durante os questionamentos escritos e quanto as entrevistas falavam abertamente desde que não tivessem que assinar nem um documento, muitas vezes foi necessário esconder a

prancheta que estava utilizando para apoiar os questionários era uma barreira natural encarada com muita desconfiança e até medo.

Sempre cercada de olhares desconfiados, quando não viam diretamente perguntar “o que você está fazendo, que lado estava representando” Com essas idas em campo e pela dificuldade não foi difícil perceber como a Festa estava carregada por decisões políticas e jogos de interesses, com a participação de muitos agentes que a todo momento buscavam um controle do território logo da Festa. Essa mudança entre o local da celebração da missa traz várias consequências para a Festa que ganha um dinamismo maior, a participação oficial da igreja e um maior engajamento das autoridades políticas de Palmeira e do Estado.

A mudança do local da missa revela também uma mudança na estrutura, a Festa passa a ocorrer de forma mais descentralizada, até o ano de 2018, todas as atividades religiosas eram voltadas para a Associação, a igreja local, passava grande parte do dia fechada. Poucas mudanças e investimentos ocorriam na associação, todos afirmam que durante a realização da Festa, muito dinheiro e envolvido, mas nem um dos entrevistados se desafiava a afirmar para onde vai todo o dinheiro, arrecadado da oferta, e das barracas. Ano após ano associação vem sofrendo um grande abandono, a falta de estrutura, a disputa pelo controle da festa levou a decisão pela mudança no local da missa. Muitos visitantes e até moradores não entendiam o porquê da mudança, como mostra essa postagem na rede social da comunidade.

Figura 17: Comentários sobre a primeira festa de 2019 na rede social da comunidade



Fonte: Arquivo disponível em:< https://www.facebook.com/pg/Emancipação-de-Canafistula-de-FreiDamião168685289985406/photos/?ref=page_internal>; acessado em 02 de junho de 2019

Nessa última Festa analisada, foi possível perceber um esvaziamento no que antes era considerado o local central da Festa, durante todo o dia foram realizadas missas, começando as 7h da manhã, depois um louvor e missa as 9h, mutirão de confissão durante toda manhã, e missa às 15h com a benção final. Durante a tarde poucas pessoas estavam na Associação, grande maioria estava na igreja ou na praça logo a frente.

A decisão da mudança do local da missa foi tomada pela paróquia de Canafistula junto com a prefeitura de Palmeira dos Índios, outro fato interessante e que todos os anos o ex-deputado Antônio Ferreira estava presente o tempo todo no acontecer da Festa, nessa primeira edição de 2019, o mesmo não estava presente no começo, chegou só na hora da saída da procissão, segundo informações dos organizadores ligados a ele estava com problemas de saúde.

**Figura 18: Celebração da missa principal de Frei Damião na Igreja
Nossa senhora, do Rosário**



Fonte: ALVES. J. S (2019)

A Procissão saiu às 14h da associação em direção à igreja, às 15h teve início a celebração que contou com um grande número de fiéis, alguns gostaram da mudança, pois estavam mais próximos dos transportes, já que maioria deles estavam estacionados na praça, ou na avenida, outros não aprovaram as mudanças, entre as justificativas sempre começavam afirmando que “as coisas estavam mudadas”, a igreja era pequena para atender tanta gente muitos estavam dispersos na praça, enfim a mudança era evidente aos olhos de todos, de fato o que era possível perceber e que em comparação a nos anteriores tinha uma maior participação da prefeitura de Palmeira dos Índios.

Figura 19: Fiéis assistindo a celebração da missa de Frei Damião do lado externo da igreja Nossa senhora, do Rosário



Fonte: ALVES. J. S (2019)

A organização da Festa estava dividida entre os organizadores ligados ao Ex-Deputado Antônio Ferreira e a organização da prefeitura de palmeira dos índios, era possível notar algumas mudanças na estrutura da Festa em comparação a nos anteriores, como a sinalização para os estacionamento dos ônibus, a presença constante de policiamento e a presença de vários banheiros químicos espalhados em todo espaço da festa tanto na associação, quanto na feira e na praça.

A questão dos banheiros gerou alguns comentários negativos por parte dos moradores, muitos afirmaram que tinha como principal renda a ida dos fiéis aos banheiros, em maioria das casas os moradores abriam suas portas para os visitantes e cobravam entre um e dois reais, com a colocação dos banheiros químicos, muitos deixavam de pagar para usar os banheiros gratuitamente. Por parte dos visitantes, grande maioria expressou ter gostado das mudanças, afirmaram que a festa parecia estar mais organizada.

Figura 20: Banheiros químicos no espaço da Festa



Fonte: ALVES. J. S (2019)

Nessa Festa também foram anunciadas possíveis mudanças para novembro, como a criação de um espaço central para os feirantes, reforma da praça e a construção de uma estátua maior na entrada do Distrito. Ficou evidente que a prefeitura de Palmeira quer de fato que Canafístula seja um grande atrativo para o turismo religioso de Alagoas e do Nordeste.

4.2- Identidade e Diferença Como Um Recurso Estratégico

Durante as observações e também levando em consideração toda a vivência da pesquisadora que desde a infância frequentava a Festa, e com isso pode acompanhar suas transformações, fica evidente o caráter político presente na Festa. O simples fato da construção de uma associação que tinha como objetivo amparo e desenvolvimento social por parte de um Deputado, já demonstra um fato político importante. Com o falecimento do Frei e a perda do mandato político do deputado, o espaço ganha outras funções ligado ao social, centrado na figura do agora ex-deputado federal, toda a questão gira em torno de um controle exercido por figuras políticas em que durante anos vai influenciando na construção da Festa.

Durante muitos anos a Festa vai se moldando as realidades, algumas edições apresentam uma melhor estrutura, graças a ajuda de algum grupo

político, contando por exemplo com um caminhão trio elétrico para o som, uma maior divulgação, confecção de lembranças (Calendários, banes de divulgação) em outros anos apenas um carro de som menor, com pouca divulgação, e assim dependendo das ligações ou participações políticas e dos interesses, considerados importantes como a presença de algum senador ou o governador, a “estrutura” da Festa já melhora significativamente, ou seja, uma estrutura momentânea e não permanente. Durante anos foi acompanhada como a Festa é dinâmica, não apenas pelo dinamismo natural que as festas impõem, mas aos desafios impostas a ela.

A identidade pode ser percebida por diversos elementos presentes no acontecer da Festa, ou pela sua influência, o homenageado tinha uma relação próxima com os moradores, o mesmo deu nome e visibilidade ao distrito. Pode-se perceber que a muitos anos a emancipação política que é um desejo de maioria dos moradores e em decorrência de um abandono de Canafístula por parte das autoridades políticas, esses moradores encontraram na figura de frei Damião um homem acolhedor que em muito supria as carências daquele povo, não apenas com a espiritualidade, mas também de forma material.

E evidente o orgulho dos moradores e o amor a sua terra, todas as pessoas que se dispuseram a falar durante a pesquisa de campo, demonstravam um orgulho em fazer parte daquela terra, amada e abençoada por Frei Damião, o descaso político com Canafístula refletiu por muitos anos em um afastamento do distrito com relação a Palmeira, esse fato facilmente era notado na festa, quando não se notava a participação da prefeitura de Palmeira, por outro lado, alguns moradores afirmaram que essa aproximação, estava condicionada aos interesses políticos, um território extremamente determinado por grupos e seus interesses, que fazem usos da Festa de diversas formas, como uma fonte eleitoral, já que na Festa circulam um grande número de pessoas do Estado, e como forma de divulgação de suas campanhas.

Os moradores buscaram por meio da emancipação uma identidade pautada na diferença, não apenas a Festa de Frei Damião, mas diversas atividades culturais como os festivais da pinha e da manga, a Feira de animais que é considerada uma das maiores de Alagoas, com participação de vários estados. Todas essas atividades sejam elas culturais ou comerciais, evidenciam

essa grandiosidade e diversidade que só poderia ser encontrado em Canafístula de Frei Damião, o desenvolvimento econômico do local, o quanto importante é, e pode vir a ser, quanto Canafístula tem potencialidades.

No caso da Festa, a mesma é apontada como a principal responsável pelo desenvolvimento econômico, pois todas as atividades desenvolvidas convergem para a Festa, a mesma é responsável por uma das maiores feiras de Alagoas, com feirantes de vários estados, e da comunidade e com a venda de vários produtos originários de Canafístula e de outras cidades do Estado, além da variedade de produtos. Essa grandiosidade, potencialidades e organização são fatores estratégicos na busca por uma identidade, essas atividades, junto com a Festa formam a diferença em relação a Palmeira dos Índios, quando os moradores afirmam a festa ocorre aqui em Canafístula, por que foi aqui que o frei escolheu, evidencia o sentimento de pertencimento e identificação.

Durante muitos anos o espaço central da festa foi a Associação Beneficente Frei Damião, por ser lá que estava preservada a memória do Frei. A Participação política sempre esteve presente em níveis de importância, mas não trouxe mudanças significativas e duradouras, a partir de 2010 essas participações políticas ficaram mais fortes e as mudanças começaram a ser anunciadas, só a partir de 2018 que foi possível perceber mudanças concretas, surgiu um grande interesse pela Festa e uma preocupação com a estrutura e organização, as vantagens que a mesma poderia trazer para Alagoas e principalmente para Palmeira dos Índios

Quando a Festa é entendida como uma grande oportunidade para o desenvolvimento econômico de Alagoas, podendo se tornar um dos maiores eventos do turismo religioso do Nordeste, a mesma começa a passar por profundas mudanças, e a integrar cada vez mais a Palmeira dos Índios de forma oficial, os meios de comunicação como rádios e programas de televisão, já anunciam a Festa como a maior de Palmeira dos Índios, como se Canafístula ficasse em um segundo plano. O que gerou conflitos entre as duas partes, aqueles que tinham o controle da Festa representado pela figura do ex-deputado, e a prefeitura de Palmeira dos Índios. Segundo o senhor Antônio Ferreira, ele sempre “arcou” sozinho com os gastos da Festa e a manutenção do espaço,

poucos políticos chegavam para ajudar, apenas queriam usar a festa como um espaço político.

Por outro lado, alguns moradores, em conversas informais, afirmaram que o senhor Antônio Ferreira só aceita ajuda de grupos aliados, o mesmo não fazia investimento algum no espaço da Festa que parecia estar abandonado, e que o mesmo junto com sua família lucrava muito. Durante a pesquisa de campo, os feirantes expressavam o medo de falar sobre as altas contribuições que davam para o pessoal da organização e também para a fiscais ligados a prefeitura. Muitas vezes fui intimidado, durante a Festa que ocorreu em 03 de junho de 2018, questionei o senhor Antônio Ferreira sobre o destino da arrecadação das ofertas e investimentos na Associação, o mesmo apenas respondeu que ele lutava sozinho pela manutenção da mesma, levantou-se, se dirigiu para o coreto e proferiu o seguinte discurso:

Eu gostaria que vocês ficassem na lembrança que isso aqui é uma obra de Frei Damião, e se vocês poderem ajudar a Frei Damião, com qualquer ajuda, é muito bom, vocês não sabem a satisfação de ver aqueles que vem de tão longe, das cidades do estado de Alagoas, de Pernambuco de Sergipe, são pessoas que vem agradecer a Frei Damião, quero que vocês se sintam feliz nessa casa, vamos respeitar a Associação Frei Damião, eu gostaria que vocês lembrasse que Frei Damião, veio praqui, tudo é de Frei Damião, fiz casa, fiz creche, fiz tudo, esse asfalto foi tudo Antônio Ferreira que fez para Frei Damião, vocês estão em casa, essa casa é de vocês, façam com que Frei Damião se sinta maior, só quero que vocês ajuda Frei Damião, porque ele tá precisando dessa casa crescer, Frei Damião está no céu, mais nos tá na terra, pra levar o nome dele, mas futuramente tem que trazer os restos mortais para a associação, isso aqui é dele, vamos fazer um trabalho dessa natureza, pra ver se a gente conseguiu Frei Damião ficar aqui, então o segredo, o pagamento dessas barracas, se vocês pagarem a alguém sem ser da associação, vocês vão perder, só pague se ele trazer um comprovante se é de Frei Damião, só pague essas barracas se for uma pessoa credenciada, não pague a ninguém, se chegar um cara vou trazer a polícia para prender, vou fazer isso, porque não é possível que o pessoal pague o povo sem saber de quem é, e fique na lembrança, estamos aqui para contar com vocês, temos muita alegria, mas lembre bem, essa casa é de Frei Damião, e dos romeiros de Frei Damião, que quero que vocês vejam uma coisa, eu estou aqui e logo mais eu venho falar a dificuldade nossa nessa casa (Antônio Ferreira, pronunciamento público durante a festa que ocorreu em junho de 2018).

O que fica evidente através da fala do ex-deputado a preocupação com a questão das arrecadações das ofertas e das barracas, não é difícil imaginar valores, sendo que na festa o número de participantes é alto e todos em sua maioria contribuem com ofertas de diversos valores, as barracas também contribuem, dependendo da localização, tamanho e mercadoria. Na edição que

ocorreu em novembro de 2018, foi possível traves da etnografia perceber, que apenas os feirantes que se localizavam dentro da associação pagavam as contribuições as pessoas ligadas ao senhor Antônio Ferreira, já as contribuições fora da associação estavam sendo pagas a fiscais ligados a prefeitura de Palmeira. São esses conflitos econômicos e políticos que geram as principais transformações na Festa.

Essas interpretações, vem a partir de muitas observações, ao longo de todo o dia no acontecer da Festa, são esses bastidores, registros fotográficos, e gravação de vídeos e áudios durante a etnografia, que revelam os conflitos, os usos e os muitos discursos de diferentes lados, o medo de falar a dificuldade na coleta de dados, mais cada um desses processos foi importante para construir um entendimento, não é um discurso livre, dado com plena consciência, mais um discurso que é sentido no olhar de quem está falando, na voz baixa em fazer acusações e ter medo que alguém esteja a escutar, e na simples pergunta para que você quer saber dessa informação? E no gesto de se negar a deixar sua assinatura e no receio de não revelar o nome.

Muitos momentos era preciso contar com a experiência em conhecer a comunidade e acompanhar por anos a Festa. Isso ajudou no diálogo, pois demonstrava confiança, quem pesquisava, não se tratava de uma pessoa totalmente alheia a realidade da comunidade, preocupada apenas em uma pesquisa, e sim uma busca por respostas, que não tinha como objetivo de levar informação a nenhum dos lados e sim entender sobre a festa e suas reverberações para a comunidade no processo de identidade.

5- Considerações Finais

No início da pesquisa quando não se tinha ideia de como seria o processo, o campo a etnografia, a constatação entre teoria e prática, a paixão pela pesquisa era evidente, encantadora e desafiadora, por mais conhecimento que tinha sobre a Festa, parecia que estava redescobrimo uma outra Festa totalmente desconhecida, tudo era novo e apaixonante, cada experiência precisava ser compartilhada.

Com o decorrer do processo, as disciplinas as leituras, o sentimento de paixão se tornou uma profunda angustia gerada através de vários questionamentos, o que que estou fazendo aqui? E agora? Parece que seu trabalho antes vinha em uma estrada reta muito clara, e rapidamente você começa a encontrar curvas, buracos e penhascos, tudo isso vai transformando o claro inicial em uma grande escuridão e o medo de não mais achar uma saída.

Até que você decide que é isso mesmo e refaz o caminho, e parece que em meio ao caos você acha uma curva que te mostra a saída e você volta a se apaixonar, viajar e delirar com objeto, até o fim do processo, os sentimentos estavam despencando e subindo como uma montanha russa, cada desafio uma descida alucinante, que poderia causar medo ou adrenalina.

Em todos os aspectos, foi importante perceber que o nosso trabalho é complexo mais do que se imagina, que uma Festa é outro mundo, um universo paralelo onde várias realidades se cruzam e trocam entre si, que você com certeza é uma pessoa bipolar, uma hora está satisfeita, em menos de minutos está se questionando sobre o que está fazendo da vida, se a felicidade é plena, qual o sentido da vida. Uma hora respondeu todas as perguntas, em outra ao invés de responder surgiram mais dúvidas, e nunca vai estar totalmente satisfeito, porém precisa estar segura que nesse trabalho, você vivenciou com intensidade e deu o melhor que poderia ter dado.

Não foi fácil traçar o caminho que seria percorrido, muitas escolhas e decisões foram tomadas para saber como conduzir a pesquisa, o que precisa ser evidenciado e o que precisa ser deixado de lado. Não é uma tarefa fácil, pois tudo se mostra importante. Porém o tempo exige precisão e foco, ter como um recorte a identidade e diferença a partir da análise de uma manifestação religiosa

da cultura popular se mostrou um campo desafiador, era preciso voltar o olhar não só para dentro, mas principalmente para fora, onde os olhos não alcançam onde os sentimentos se encontram e se reconhecem.

O fazer etnográfico foi sendo construído a cada etapa, e cada momento foi importante na busca por entender o que é etnografia e como fazer. Não foi tarefa fácil, mas em cada descoberta sobre a Festa, uma aprendizagem, e a certeza que o que estava sendo feito, realmente era etnografia.

Mais que observar o campo, o importante era sentir e dizer sem palavras mais com o olhar, com o sorriso de agradecimento pelo esforço que alguém teve em tentar responder, em dizer com um gesto que entendeu o porquê alguém naquele momento não quis falar pela exposição, ou apenas agradecer com um aperto de mão um olhar desconfiado ou simplesmente em prestar atenção na pergunta. Foi possível aprender que na etnografia não apenas as palavras transmitem mensagens, mas as coisas falam, os olhos, os gestos, tem diferentes significados.

Na imensidão de elementos que poderia ser abordado durante a pesquisa, caminhar apenas em três dimensões de análises pode ser considerado pouco e ao mesmo tempo complexo, tentei perceber como a Festa relaciona-se com essas três dimensões e ao mesmo tempo como essas dimensões estão embutidas na Festa, tentei demonstrar como a mesma é dotada de diferentes significados e discursos sendo ela um rico e inesgotável campo de investigações.

Essa Festa carrega toda uma significação, representa a fé e a tradição popular, em um Frei que oficialmente não é considerado santo, mais que para o povo as questões oficiais é meramente um detalhe. A Festa nasceu e foi apropriada para o povo sem a presença da igreja e depois por várias questões políticas e econômicas passou a ser assimilada e incorporado para a igreja oficial.

A Festa de Frei Damião, possui identidade do povo de Canafístula, por muitos anos foi considerada estável, sendo reproduzida ao longo do tempo conservando suas origens, mas que nos últimos anos principalmente entre 2018 e 2019 o termo estável não pode ser mais aplicado, sendo substituído aqui por

dinâmica, pois várias mudanças ocorreram. Como bem sinaliza o entendimento de Almeida (2005), o viver na Festa de Canafístula, se caracteriza como um gerador de significados culturais que varia grandemente pela enorme aglomeração de forças (poderes) que regem o realizar da festa.

Sejam os agentes do poder de público ou os agentes da igreja católica passando ainda pelas intervenções dos fiéis que expressam a fé de modo popular ou ainda, que trazem para o centro do território da festa suas experiências e valores numa diversidade tremenda e que se traduz numa territorialidade própria.

Refletir sobre essas mudanças na Festa não deve ser algo preocupante, já que a mesma faz parte da identidade de Canafístula, essas mudanças não significam o final da festa mas sim mudanças que vai refletir em diversos contextos e grupos sociais, na organização e na estrutura da Festa, partindo da ideia que nem sempre romper com certas práticas, como no caso da mudança no local da missa, nem sempre signifique romper com o tradicional, já que as tradições podem ser reinventadas.

Com relação à identidade, o que se quer dizer em relação ao povo de Canafístula, a Festa traz elementos que retratam a identificação do povo com a figura do Frei, é possível notar isso no território que a Festa ocupa, vai para além dos muros da associação, no processo de identificação de vários grupos que vem de outros estados é possível perceber as suas territorialidades, ou seja, dentro de uma relação de apropriação, afetiva e simbólica.

É no espaço vivido que é possível apreender que, as festas populares, como a Festa de Frei Damião, apresentam em seus diversos arranjos espaciais ao longo do tempo, marcas da sociedade, do tempo e de outras culturas, evidenciam a tradição e a memória da comunidade, permitindo que se perceba o poder constituído pelas culturas populares e religiosas independente da participação ou não das igrejas e de certos grupos políticos, numa construção sociocultural.

Modificada a cada ano, no duelo entre a festa e seus usos, ela resiste, a medida do possível, com as mudanças anunciadas e as que ainda vão surgir. A Festa de Canafístula de Frei Damião é na verdade a ressignificação do pertencer

primeiro a Canafístula de Frei Damião, em um primeiro plano e depois a Palmeira dos Índios de forma Oficial, mesmo que o processo de emancipação nunca venha ocorrer por várias questões discutidas nesse trabalho, não é o processo que demarca a diferença, e sim o sentimento de pertencer a Canafístula de ser diferente e de ter elementos culturais e simbólicos como a Festa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Rita. Para uma Antropologia da Festa: questões metodológico-organizativas do campo festivo brasileiro. In Perez, LF; AMARAL, L, MESQUITA, W. **Festa como Perspectiva e em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 67-86.
- ALMEIDA. Maria Geralda de. Uma leitura etnográfica do Brasil Sertanejo. In: SERPA. Angelo: CLAVAL. Paul. **Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA. 2008
- ARANTES, Antônio. **O que é Cultura Popular**. São Paulo: Brasiliense, 2010
- AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez N. **Cultura popular no Brasil: Perspectiva de análise**. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2016
- BOSSÉ. Mathias. L. As questões de identidade Cultural- algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊIA. Roberto. L; ROSENDAHL. Zeny. **Geografia Cultural Uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 221-232
- BURKE, P. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Europa, 1500 – 1800. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CARAGNATO. R, C, A; MUTTI, R. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**, texto contexto enferm. Florianópolis, 2006
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade. A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Vol II. Trad. Alexandra Lemos & Rita Espanha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros Castro. **Sobre rituais e performances: Visualidade, cognição e imagens do tempo em duas festas populares**. Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano, vol.21(1): 99-127 (2010)
- CLAVAL. Paul. **A geografia cultural**. 3.ed. Florianópolis: Ed. da. UFSC, 2007
- CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. 7º. Ed. Campinas: Papirus, 2013
- CORRÊA, Aureanice de Mello. “ Não acredito em deuses que não saibam dançar” A festa do candomblé, território encarnador da cultura. In: CORRÊA,

Roberto Lobato, Rosendahl, Zeny. **Geografia Cultural: Uma Antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p.203- 2018

——— Formas simbólicas espaciais: o shopping center. In: CORRÊA, Roberto Lobato, Rosendahl, Zeny. **Geografia Cultural: Uma Antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p.203- 2018

ELIADE, Mircea. 1992. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. Lisboa: Livros do Brasil.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa**, Petrópolis, RJ: VOZES, 1997

GOLDENBERG. Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sócias/** Record, RJ, 13 ed. 2013

HAESBAERT, Rogério. **Identidades territoriais**. In: Geografia Cultural uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 169- 187

Hall. e. t. (2005). A dimensão oculta [The hidden dimension]. são Paulo: Martins fontes. Holzer, W. (2008). **A Geografia Humanista: Uma revisão** [Humanist Geography: a review]. Revista Espaço e Cultura. Edição comemorativa, 1, 137 -147.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: **Identidade e diferença a perspectiva dos estudos culturais**.14. ed. Rio de janeiro: vozes, 2014, p. 73-102

LIMA, Luciana Vidal Cristo de. **Frei Damião na religiosidade popular-** Recife: UNICAP.2005

MACEDO, Roberto Sidnei. **Pesquisar a experiência compreender/ mediar saberes experienciais**. Curitiba 1.ed, 2015

MAGNANI, José Guilherme cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana/ revista brasileira de ciências sociais - VOL. 17 No 49

MARTINS, J.B. Contribuições epistemológicas da abordagem multreferencial para a compreensão dos fenômenos educacionais. Revista Brasileira de Educação, Nº 26, 2004

MENESES, Karina Arroyo de. Kaak al abbas: o alimento religioso na construção de territorialidades. *Finisterra* LII, 105, 2017, pp. 79 -92

MINAYO, Maria Cecília de Souza/ **O desafio da pesquisa social. In: Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 14, 21 e 64

PASSOS, Mauro. **O Catolicismo popular.** In: A festa na vida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 181

PEIRANO, Mariza. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014

PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro. **A festa na vida.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 19

PESSANHA, Letícia Alves. A celebração dos conceitos de lugar e símbolo na geografia humanística. *Revista Percurso Maringá*, v. 8, n. 2, p. 111- 135, 2016

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993

ROSENDAHL, Zeny. 1996. **O espaço, o sagrado e o profano.** Em Manifestações da cultura no espaço, orgs. Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl, 231-247. Rio de Janeiro: UERJ.

_____. Território e territorialidade: Uma proposta geográfica para o estudo **da religião.** In: **Geografia Cultural uma antologia.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 169- 187

_____. Primeiro a obrigação, depois a devoção: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005 [first obligation, then devotion: spatial strategies of the Catholic Church in Brazil from 1500 to 2005.]. Rio de Janeiro: edUerJ, 2012

SCHWARTZMAN, Simon. **A redescoberta da Cultura,** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1997

SILVA, Kalina Vanderlei. Dicionário de conceitos históricos. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção Social da Identidade e da diferença. In: Identidade e diferença a perspectiva dos estudos culturais.** 14. ed. Rio de Janeiro: vozes, 2014, p. 73-102

SOUZA. Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000

TUAN. Yi-FU. **Espaço Mítico e Lugar.** In: Espaço e Lugar a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013. p. 109-127

WAGNER. P; MIKESELL. M. **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CULTURAS
POPULARES

Apêndice A - Roteiro para o processo etnográfico/ observação no campo²²

1. Contexto histórico da Festa
2. Data e local de ocorrência da festa.
3. Ligação com Frei Damião
4. Elementos simbólicos no espaço da festa
5. Organização. (quem, como, divisão das atividades, antecedência)
6. Patrocínio (divulgação em folders, faixas, carros de som, panfletos, cartazes, jornais e rádios) e forma de arrecadação
7. Ritos e atividades: missa, procissão, Observação do palco cênico da festa, de roupas e cores utilizadas, dos gestos de sentimento, de emoção particular como alegria, tristeza, euforia... de que forma era transportado o do andor, tempo de duração dos ritos e ou da festa/procissão.
8. Papel e orientação da Igreja com relação à festa.

²² Modelo extraído e adaptado do Caderno do pesquisador/Procultura, projeto financiado pela CAPES e Ministério da Cultura, pelo edital Procultura/2009 denominado "A Dimensão territorial das festas populares e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe", desenvolvido pela rede: Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFC, Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais – LABOTER e Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da UFG e Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da UFS.

9. Situação atual .(importância da festa para o distrito e para o estado de alagoas, evidências de solidariedade e sociabilidades).

10. O território da festa: elementos de referência na festa (os lugares da festa – praça, o território da festa)

11. Apreciações pessoais. (impressões, reflexões, dificuldades, limites, comparações).

12. Potencialidades turísticas



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CULTURAS
POPULARES

Apêndice B - Entrevista com moradores

- 1- Sabe como começou a Festa?
- 2- O que a festa representa para você?
- 3- O que a festa representa para a comunidade?
- 4- O que difere a festa de frei Damião para a Festa da Padroeira do Distrito?
- 5- Como a festa contribui para o desenvolvimento econômico do Distrito?
- 6- Porque a vontade de se emancipar de Palmeira dos Índios?
- 7- Caso emancipado o Distrito teria como se desenvolver economicamente?
- 8- Como a festa poderia contribuir no processo de emancipação?
- 9- Em que aspectos a festa diferencia Canafístula de Palmeira dos Índios?
- 10- O que faz da Festa de Frei Damião tão especial para o Distrito?
- 11- Como se dá a participação da Igreja na Festa de Frei Damião?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CULTURAS
POPULARES

Apêndice C- Questionário feirantes

1- Qual é sua cidade?

2- A quanto tempo participa da Festa?

3- Da primeira vez que participou da festa, como ficou sabendo?

- ☐ Rádio
- ☐ Tv
- ☐ Internet
- ☐ Familiares ou amigos
- ☐ Outros comerciantes

4- Quantas vezes ao ano participa da festa?

- ☐ Junho
- ☐ Novembro

5- Como se dá a escolha do ponto na feira

- ☐ Por ordem de chegada
- ☐ Por pagamento
- ☐ Por indicação
- ☐ Livre escolha

6- Paga algum valor? Quanto? A quem paga?

☐ Sim

☐ Não

7- Seus produtos são produzidos na comunidade?

☐ Sim

☐ Não

8- O que difere a Festa de Canafístula de outras festas que você participa?

9- Qual é sua relação com os feirantes locais?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CULTURAS
POPULARES

Apêndice D- Termo de Consentimento para Entrevista

Eu _____ concordo em participar, como voluntário, no estudo que tem como pesquisador responsável a aluna de mestrado Jéssika Silva Alves do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares da Universidade Federal de Sergipe. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com o objetivo de contribuir para a escrita da dissertação com o tema Olhares sobre a Festa popular de Frei Damião: construção da memória e identidades em Canafístula/al. Entendo que minha participação poderá ser publicada no trabalho final na defesa da dissertação fazendo parte de um documento acadêmico.

Assinatura

Alagoas, ____ de _____ de 2018